

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

EM BUSCA DO OUTRO MASCULINO
GRUPOS DE HOMENS NO DISTRITO FEDERAL

Autor: Alberto Luís Araújo Silva Filho

Brasília

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

EM BUSCA DO OUTRO MASCULINO
GRUPOS DE HOMENS NO DISTRITO FEDERAL

Autor: Alberto Luís Araújo Silva Filho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia
da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a
obtenção de Título de Mestre.

Brasília, junho de 2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EM BUSCA DO OUTRO MASCULINO
GRUPOS DE HOMENS NO DISTRITO FEDERAL

Autor: Alberto Luís Araújo Silva Filho

Orientadora: Dr^a. Tânia Mara Campos de Almeida

Banca: Prof^a Dr^a Tânia Mara Campos de Almeida (SOL/UnB)

Presidente

Prof. Dra. Berenice Melo Bento (SOL/UnB)

Prof. Dr. Hilan Nissian Bensusan (FIL/UnB)

Este trabalho é dedicado às professoras e professores brasileiros, heróis do nosso tempo.

AGRADECIMENTOS

Considero este trabalho, embora de minha autoria, uma realização coletiva. Desde a minha chegada em Brasília até o processo de produção deste texto, foram inúmeros aqueles que ajudaram a tornar este sonho possível. Quero agradecer primeiramente à minha mãe, Francisca, que desde sempre foi o meu baluarte, nos bons e maus momentos; aquela que me ensinou tantas coisas valiosas que tornaram possível que eu chegasse até aqui. Agradeço ao meu pai, Alberto, por todo o suporte e encorajamento ao longo do mestrado; por acreditar em mim e nos caminhos que traçei. Agradeço também às minhas queridas tias, Maria e Teresa, que me receberam de braços abertos, sem nada exigir, quando da minha estadia no DF durante a seleção do mestrado e nos incontáveis finais de semana ao longo do ano de 2019. Sem vocês, nesta cidade tão árida que é Brasília, provavelmente teria desistido.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES), agência de fomento responsável por financiar parte dos meus estudos durante o mestrado e por estimular a minha formação acadêmica, impulsionando a trajetória que tenho construído na Sociologia; assim como agradeço à minha orientadora, professora Tânia Mara Campos de Almeida, por toda a dedicação dispensada a mim durante o processo de pesquisa, principalmente na leitura e revisão desta dissertação. Sem as suas pertinentes colocações esse trabalho não teria sido possível.

Agradeço aos professores Berenice Bento e Hilan Bensusan, integrantes da banca de qualificação, que deram contribuições relevantes e me apontaram caminhos para a execução da minha pesquisa e para a redação desta dissertação; integrando também essa banca de defesa. E agradeço também aos homens que entrevistei durante esta pesquisa de campo e cuja colaboração e disposição em participar da investigação, me legando informações e experiências, foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Academicamente, não poderia deixar de fazer um agradecimento especial ao Grupo de Estudos sobre Retóricas do Poder e Resistências composto pelos colegas Mariana, Paulo, Guilherme, Lucas, Juno, Hannah, Alfredo, Hamanda e Malu. Com vocês, acessei o primeiro espaço de leituras e debates na UnB para além da sala de aula, o que me possibilitou um amadurecimento intelectual em torno de diversas questões e a possibilidade de gerar mobilização a partir do conhecimento. Nesta direção, não posso deixar de agradecer ao Grupo de Estudos Flor de Mandacaru e aos colegas Sávio, Adriano, Daniel e Ruy que tem dividido

comigo interesses teóricos e de pesquisa nas nossas reuniões realizadas mensalmente durante a pandemia.

Agradeço ainda às brilhantes professoras com que tive contato na instituição, especialmente as docentes Lourdes Maria Bandeira, que lecionou a disciplina Sociologia de Gênero no segundo semestre de 2019, e de onde extrai considerações importantes para o meu trabalho; Mariza Veloso Motta Santos, que ajudou a me situar na Sociologia a partir da disciplina Teoria Sociológica Clássica, lecionada no primeiro semestre de 2019; e Berenice Bento, uma referência intelectual, que lecionou a disciplina Teoria Sociológica Contemporânea também ao início de 2019, na qual tive a honra de estar matriculado.

Fiz fraternas amizades em Brasília, as quais a pandemia me distanciou fisicamente mas que mantenho em contato permanente. Entre todas elas, agradeço inicialmente duas: à Hamanda, minha querida amiga, paraense e jovem pesquisadora na área da Educação, por sua paciência em compartilhar comigo momentos de angústia e felicidade, por seus conselhos e por sua preocupação comigo; e à Gabrielle, querida amiga mato grossense e doutoranda, por ter me acolhido desde o primeiro momento em que nos aproximamos na UnB e por continuar me acolhendo e abrindo janelas. Obrigado por acreditar em mim.

Agradeço também ao Guilherme, meu amigo carioca, pelos tantos diálogos que me ajudaram em um momento subjetivo delicado e de mudanças, e pelas tantas e divertidas idas aos cinemas brasilienses. Ademais, agradeço ao meu amigo paraibano Gabriel, com o qual compartilhei diversas questões ao longo das disciplinas do curso, e ao meu amigo paulista Tony, agradeço pelas diversas conversas inteligentes e que ajudaram a abrir o meu horizonte reflexivo. E, por fim, agradeço aos queridíssimos Matheus e Morgane: com vocês, foram várias as refeições compartilhadas, os cafés e os momentos de conversa e estímulo nos corredores do ICS.

“Eu podia desfrutar o que você me dava, mas só com vergonha, cansaço, fraqueza, consciência de culpa. Consequentemente, por tudo isso eu só conseguia ser grato como um mendigo, nunca através da ação”

(Carta ao Pai, Franz Kafka, 1919)

RESUMO

A presente dissertação tem como intuito investigar os grupos de homens espontaneamente formados como críticos do machismo e existentes no DF, analisando de que maneira se aproximam de abordagens feministas ou pró-equidade de gênero, bem como enfatizando a maneira pela qual estas são ou não afins aos seus objetivos de atuação. Destarte, a pesquisa visou identificar se os organizadores dos grupos de homens têm conhecimento de perspectivas feministas, quais seriam e se estas aplicam ao contexto das ações dos grupos, além de investigar quais as dinâmicas de interação presentes nos grupos virtuais dessas coletividades, ressaltando de que forma se dão as interações sociais nesses espaços e quais os conteúdos prevalentes. Para cumprir com essa finalidade, valeu-se de três passos metodológicos: as entrevistas com os coordenadores ou representantes dos grupos masculinos; a observação direta dos grupos de *Whatsapp* ligados às iniciativas durante os meses de julho e outubro de 2020; e a aplicação de um questionário a fim de conhecer o perfil sociológico dos participantes destes grupos. Como conclusão, foi possível identificar que, embora os homens entrevistados e observados não tenham uma postura unívoca a respeito dos feminismos, estando mais voltados para uma essência do masculino e às suas questões pessoais, especialmente a relação com seus próprios pais; nesse movimento de revisão do machismo, é perceptível a emergência de temas e posicionamentos – inclusive a respeito dos movimentos feministas – que contradizem o modelo de masculinidade dominante sem, necessariamente, alterar estruturas sociais profundas da sociedade e da subjetividade, em espaços marcados por abordagens predominantemente terapêuticas.

Palavras-chave: Masculinidades. Feminismos. Gênero. Grupos de Homens.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate groups of men spontaneously formed as critics of machismo and existing in the DF, analyzing how they approach feminist or pro-gender equity approaches, as well as emphasizing the way in which these are or are not related to its performance objectives. Thus, the research aimed to identify whether the organizers of men's groups are aware of feminist perspectives, what they would be and if they apply to the context of the groups' actions, as well as investigating the interaction dynamics present in the virtual groups of these collectivities, emphasizing that how social interactions take place in these spaces and what content prevails. To fulfill this purpose, three methodological steps were used: interviews with coordinators or representatives of male groups; direct observation of Whatsapp groups linked to the initiatives during the months of July and October 2020; and the application of a questionnaire in order to know the sociological profile of the participants in these groups. As a conclusion, it was possible to identify that, although the men interviewed and observed do not have a univocal position regarding feminisms, being more focused on an essence of the masculine and their personal issues, especially the relationship with their own parents; in this movement to revise machismo, the emergence of themes and positions is noticeable - including regarding feminist movements - that contradict the dominant model of masculinity without necessarily changing deep social structures of society and subjectivity, in spaces marked by predominantly approaches therapeutics.

Keywords: Masculinities. Feminisms. Gender. Groups of Men.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapeamento dos grupos de homens em Brasília.....	24
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Faixa Etária dos respondentes do survey	35
Figura 2 - Renda média dos respondentes do survey.....	36
Figura 3 - Escolaridade dos respondentes do survey	36
Figura 4 - Raça Etnia dos respondentes do survey	37
Figura 5 - Orientação sexual dos respondentes do survey	37
Figura 6 - Estado civil dos respondentes do survey.....	38
Figura 7 - Presença de filhos entre os respondentes do survey	38
Figura 8 - Meio de conhecimento dos grupos de homens.....	39
Figura 9 - Tempo de participação dos respondentes do survey em grupos de homens ..	39
Figura 10 - Identificação religiosa dos respondentes do survey.....	40
Figura 11 - Diálogos sobre presença e ausência paternas	100
Figura 12 - A saída justificada de um membro do Grupo online 01	101
Figura 13 - “Textão” em defesa de Thammy Miranda	103
Figura 14 - O debate em torno do “Textão” – Parte 01	104
Figura 15 - O debate em torno do “Textão” – Parte 02	104
Figura 16 - O princípio de uma discussão sobre virgindade	107
Figura 17 - A cena homossexual e o “sagrado masculino”.....	108
Figura 18 - “Brotheragem” e sexualidade	110
Figura 19 - Diálogos sobre trabalho infantil	111
Figura 20 - A paternidade e a aproximação com o Pai	112
Figura 21 - A negação dos feminismos.....	114
Figura 22 - O polêmico vídeo de Whatsapp.....	116
Figura 23 - Reação às pautas de gênero	118
Figura 24 - O debate em torno do vídeo de Whatsapp.....	119
Figura 25 - Uma questão sobre o significado de masculinidade	120
Figura 26 - O gênero como essência.....	120
Figura 27 - Reação aos preconceitos de gênero	121
Figura 28 - Crítica às saídas do grupo.....	121
Figura 29 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 01.....	122
Figura 30 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 02.....	123
Figura 31 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 03.....	123
Figura 32 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 04.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - GRUPOS DE HOMENS DO DF	22
1.1 Os grupos de homens: como estudá-los?	28
1.2 Quem são os entrevistados?	32
1.3 Perfil sociodemográfico dos participantes dos grupos de homens	33
1.4 A trajetória dos coordenadores/representantes	41
1.5 A fundação dos grupos	48
1.6 Os estudos sobre o homem	53
1.7 O gênero em questão	57
1.8 O processo de tornar-se homem	60
1.9 Masculinidades e pluralidades	63
CAPÍTULO 2 - GÊNERO, FEMINISMOS E MASCULINIDADES NOS GRUPOS DE HOMENS DO DF	68
2.1 Uma compreensão acerca dos feminismos	68
2.2 As consequências dos feminismos	70
2.3 A relação entre feminismos e masculinidades	71
2.4 A visão dos entrevistados acerca dos feminismos	74
2.4.1 Grupo Sigmund Freud	74
2.4.2 Grupo Wade Nobles	80
2.4.3 Grupo Donald Winnicott	83
2.4.4 Grupo Carl Gustav Jung	85
2.4.5 Grupo Jacques Lacan	87
2.5 Avaliação dos resultados obtidos pelos grupos de homens	89
CAPÍTULO 03 - UM OLHAR SOBRE OS GRUPOS DE HOMENS PELO WHATSAPP	94
3.1 Participação e observação	95
3.2 Primeiras conversas	99
3.2.1 29/07 a 31/07 – A questão Thammy Miranda	102
3.2.2 02/08 e 03/08 – A sexualidade em questão	107
3.2.3 08/08, 09/08 e 19/08 – Diálogos plurais	110
3.2.4 08/10, 09/10 e 10/10 – Disputas de narrativas	116
3.6 Percepções (in) externas	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	137
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ..	143
ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	144

ANEXO III - MODELO DE QUESTIONÁRIO ON-LINE	145
ANEXO IV - BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA NOS GRUPOS	148

INTRODUÇÃO

Em um mundo marcado por diferenças e hierarquizações, atos, gestos e representações são maneiras de perpetuar abismos, sejam esses de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade etc. Quando se olha para o mundo masculino, esfera do gênero que tem me despertado a atenção, esse processo de reprodução se explicita a partir da constante construção de uma imagem de virilidade, resistência e dominação, que se impõe sobre os sentimentos, especialmente o sofrimento. O que aparenta ser uma característica necessária aos “homens” tem servido para rebaixar outros sujeitos (inclusive outros homens) e encolher o horizonte subjetivo e as possibilidades do humano daqueles que assumem para si a tarefa de incorporar o “herói” que habita o imaginário social, ainda que fazendo resguardar em si diversos dilemas pessoais que carecem ser problematizados.

Essa performance de gênero está ligada a um processo de socialização no qual os homens necessitam constantemente da aprovação de outros “homens”, o que acarreta em consequências negativas para si como o desprezo ao autocuidado e o silenciamento de problemas emocionais; e, principalmente, em consequências negativas para os outros, como a prática de violências contra as mulheres (entendidas muitas vezes como objetos); a “brotheragem” ou cumplicidade com os erros dos seus “iguais” e a subalternização de outros homens, lidos como mais afeminados ou mais frágeis, a exemplo dos homossexuais. Tal panorama produz desigualdades, marginalidades e exclusões, e, por consequência, a sua superação exige repensar a maneira como os homens têm sido educados a ser e estar no mundo, colocando em prática e em representações sociais outras possibilidades de existência. Parte desse processo de reestruturação de paradigmas tem sido fomentado na contemporaneidade por meio de grupos organizados e frequentados exclusivamente por homens.

Em diversas localidades brasileiras, tais iniciativas têm emergido. Ainda que organizados em diferentes tradições, um dos seus objetivos passa por tornar os seus participantes “não machistas”, “menos machistas” ou, pelo menos fazer, com que esses repensem os padrões do que é ser homem. Aqueles que vêm até esses grupos, os procuram espontaneamente: são pais, maridos e amigos, enfim, homens que desejam viver de forma mais plena e positiva suas masculinidades, cerceadas por ditames opressores. Muitas dessas iniciativas são mediadas por psicólogos, cientistas sociais e até por mestres da *yoga*, da bioenergética e da meditação. Tais grupos têm aparecido nos jornais impressos, nos *sites* de notícias e nas redes sociais como um caminho de “desconstrução” do “machão”, figura tão

presente em nossa cultura baseada nos moldes do patriarcado. Fala-se também, nos mais diversos meios, que os grupos de homens são uma via de superação da “masculinidade tóxica” que estaria na raiz das agressões às mulheres, presenciadas diariamente, e da supressão de outras formas de vivenciar o “masculino”. Trata-se de um fenômeno sociológico relevante, o fato de que homens têm se organizado, entre si mesmos, para discutirem e reelaborem seu conjunto de “obrigações” e “privilégios”, inclusive procurando dele abrirem mão.

Desde a socialização primária, os meninos são ensinados a não chorarem nem expressarem de maneira aberta seus sentimentos; devem necessariamente exibir a heterossexualidade a todo custo, mostrando o interesse contínuo pelas garotas, o que não permite a interrupção de oportunidades e iniciativas sexuais; precisam ser afinados nos esportes tradicionalmente masculinos, sendo em nosso país a associação entre masculinidades e futebol um traço marcante; devem falar grosso, não baixar a cabeça, possuir coragem em qualquer situação; e jamais devem receber provocações sem reagir, pois isso compromete a sua “honra”. Em suma, devem seguir o mantra dito em muitas famílias: “seja homem”! Parece ser este o destino irrenunciável de normas a que estão relegados aqueles sujeitos que são identificados e se identificam com o gênero masculino. Logo, o questionamento da própria masculinidade, continuamente reproduzida, corresponde à desobediência de regras informais que garantem posições de estabilidade, prestígio e poder¹.

É necessário ressaltar que a geração de questionamentos por parte dos homens não nasceu naturalmente em nossa época. Ela é, sobretudo, produto da influência dos feminismos que têm colaborado para que os homens se repensem (SEGATO, 2020). Ao questionarem a si mesmos, os homens permitem-se viver mais livre e saudavelmente, já que as imposições do gênero têm prejudicado a eles, fazendo com que sejam vítimas dessa engrenagem de poder desde a mais tenra infância, sendo sufocados na sua humanidade e na possibilidade de uma vivência plural e sensível. Além disso, matam e morrem mais, seja por meio de crimes cometidos seja por meio de doenças e acidentes que poderiam ter sido evitados caso não estivessem expostos a tantos riscos. Nesse sentido, não seria o caso de ver o homem como um “inimigo” dos feminismos, mas alguém que também é atingido duramente pelo patriarcado, reproduzido por homens e mulheres. Porém, enquanto elas há muito tempo vêm desenvolvendo pensamentos e ações críticas a esse sistema, que são as principais vítimas, e têm lutado de modo incessante, principalmente no continente latino-americano, por direitos sociais básicos e pelo

¹ Como afirma Rita Segato (2010): “A masculinidade é um título tal qual um título de nobreza ou de estudos, um título adquirido por meio do que se perde, do que se ganha, do que se adquire mediante provação. Por isso, ele é um título ciclicamente reconfirmado, senão o título deixa de existir.” (SEGATO, 2010, p.53).

fim da escalada de feminicídios, que expressa um dos maiores sinais de que a masculinidade é capaz de se afirmar pelos meios mais cruéis e violentos, eles ainda tem se organizado de maneira incipiente por meio de iniciativas esparsas, social e economicamente restritas.

Em contraponto a esse “movimento” masculino, é comum a desconfiança em círculos feministas quanto a homens que questionam a sua performance de gênero ou mesmo que se autointitulam como “feministas”: a adesão dos homens aos feminismos não seria possível, já que as desigualdades de gênero beneficiariam diretamente aos homens e seriam matéria constitutiva da masculinidade. Além disso, o protagonismo dos feminismos é das mulheres, não cabendo os homens o reivindicar agora. Algumas militantes e cyberativistas chegam a utilizar ironicamente o termo “feministas” para definir os “machos” supostamente “desconstruídos”.

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que, embora as mulheres estejam significativamente rebaixadas na estrutura do gênero, os homens também sofrem consequências de séculos de dominação masculina, já que nem todos estão absolutamente colados nessa estrutura e partem das mesmas condições de poder para o exercício de suas masculinidades. Muitos enfrentam, por razões práticas e subjetivas, pressões para cumprir expectativas sociais concernentes ao gênero, estando atentos a desconstruir sua socialização dominadora. Muitos também pagam alto preço para se manterem resistentes e opositores à dominação masculina. Por isso, longe de ser um tema de interesse apenas das mulheres, a diminuição das disparidades entre e intra eles e elas abre espaço para novos modelos de sociedade, pautados pela não violência, a cooperação e a fraternidade (hooks, 2018).

Há poucos registros acadêmicos em torno do fenômeno dos grupos de homens nas pesquisas realizadas na academia brasileira, ainda que sejam plurais os trabalhos realizados sobre masculinidades por parte de pesquisadores/as nacionais. Além de não haver uma referência-chave sobre o tema, no qual um ou mais grupos de homens estejam no foco da pesquisa, inexistem trabalhos com categorizações sobre como esses grupos se encontram atualmente divididos no país². Afinal são múltiplas as perspectivas de atuação dos coordenadores e participantes. Sem precedentes bibliográficos mais consistentes no Brasil, uma parte do meu conhecimento preliminar dessas iniciativas adveio de textos em portais da internet que tem noticiado a emergência de tais grupos.

² Ao longo da pesquisa, tive interlocução com dois pesquisadores que estão realizando trabalhos similares, ainda não publicados. O GEEMA (Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenado pelo professor Benedito Medrado, também vem realizando um mapeamento dos grupos de homens em todo o Brasil, sem resultados divulgados no momento.

Em matéria de 13/06/2019, a jornalista Thaís Chaves de *Carta Capital* fala sobre um desses grupos na capital paulista, formado a partir de um coletivo de homens que se encontra em um bar noturno no centro da cidade.

“Entre os rapazes do coletivo, há uma gama de diversidade: homens de classes B e C; dos 20 aos 50 anos; alguns no início de suas juventudes; outros, já pais. Lucas relata que chegou ao grupo a partir da percepção que os homens não conversavam entre si sobre o que os incomodava. Ele conta que, em determinada ocasião, começou a contar intimidades para um amigo que conhecia há anos e se deu conta de que nunca havia se aberto com ele. “Nós não tínhamos nada para falar que pudesse ajudar um ao outro.” Lucas entendeu que precisava de um espaço onde os homens pudessem se sentir à vontade.” (CARTA CAPITAL, 13/06/2019).

A matéria também fala sobre os participantes de outra iniciativa existente em São Paulo, o “Ressignificando Masculinidades”:

“Os rapazes acreditam que este lado mais fechado dos homens também recebe gatilhos em atividades como o futebol, onde o contato físico é muito forte. “Em algum momento do jogo, sempre sai briga. É um momento de pôr pra fora”, analisa Matheus. A Lucas incomoda que o jogo tenha que ser obrigatoriamente uma paixão masculina: “eu me lembro exatamente qual era o momento de parar de brincar com as meninas de casinha e ir jogar futebol com os meninos”, relembra.” (CARTA CAPITAL, 13/06/2019).

Já em reportagem da *Folha Press*, publicada no portal Diário de Pernambuco em 30/08/2019, sobre a emergência de uma geração de homens que deseja revisar os seus parâmetros de hombridade, o jornalista Matheus Moreira levanta uma questão:

“Mas o que é ser homem, afinal? Essa é a resposta que ao menos cem grupos de homens espalhados pelo país procuram. Os encontros são um fenômeno novo no Brasil e buscam construir uma maneira saudável de ser homem usando uma ferramenta potente: a escuta.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/08/2019)

O autor do texto ainda define, na sua acepção, o que seria a “masculinidade tóxica”, cujas características são abordadas na literatura científica sobre a insígnia da “masculinidade hegemônica”, e a qual os grupos de homens buscariam superar:

“Por "masculinidade tóxica", entende-se um conjunto de hábitos que impõem o machismo, como esperar que mulheres assumam as tarefas de casa, buscar controlar suas roupas e ações, impor a palavra final e tratar mulheres com agressividade física ou psicológica, reduzindo-as (ou tentando reduzi-las) a um papel subserviente.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/08/2019)

Este modelo específico de masculinidade se associa com a ideia de “hombridade”: a posse de atributos de virilidade³ que transmitem a ideia de coragem, valentia e honra na imposição moral sobre e na conquista de territórios, corpos e coisas, atravessando inúmeras sociedades. O masculino vem sendo, historicamente, representado exemplarmente pelo homem e o homem legítimo seria aquele que se incorpora virial e se reproduz nos mais diferentes espaços, não deixando vestígio para que duvidem do quão másculo é e o quanto está acima de tudo, de qualquer paradigma de efeminação, em uma longa história e tradição patriarcal. A dominação das mulheres e a homofobia se constituem, portanto, enquanto pilares do “masculino” (MOLINIER, WELZER-LANG, 2009).

Diante desse quadro, caracterizado por mais dúvidas do que certezas acerca desse “objeto” de estudo, esta dissertação teve por objetivo principal identificar os grupos de homens críticos à masculinidade hegemônica no DF e analisar de que forma e em que medida incorporam perspectivas do movimento feminista em relação à equidade de gênero, bem como conhecê-los em relação ao número, perfil sociológico dos integrantes, suas motivações à participação, suas interações e metodologias. Além disso, visou-se: detectar se os organizadores dos grupos de homens tem conhecimento de perspectivas feministas, quais seriam e se aplicam ao contexto das ações dos grupos e analisar as dinâmicas de interação presentes nos grupos virtuais ligados aos grupos de homens, identificando de que forma se dão as conversações, quais as temáticas prevalentes e quais os limites da utilização da tecnologia na promoção da revisão das “masculinidades”.

Deste modo, será apresentada nesta dissertação uma pesquisa realizada de modo *online* a partir do primeiro semestre de 2020 a respeito dos grupos de homens do Distrito Federal (DF). A investigação foi realizada em três etapas quanti-qualitativas: a primeira, a realização de sete entrevistas com coordenadores ou representantes de grupos de homens do DF; a segunda, a observação *in loco* de três grupos de WhatsApp que contém participantes que também se inserem nesse “movimento”; e a terceira, a aplicação de um *survey* com os membros desses grupos de *WhatsApp* a fim de obter um perfil sociológico dos homens que tem buscado esses espaços masculinos como uma forma de levantar questões individuais e coletivas.

³ “A virilidade se reveste de um duplo sentido: 1) os atributos sociais associados aos homens e ao masculino: a força, a coragem, a capacidade de combater, o “direito” à violência e aos privilégios associados à dominação daquelas e daqueles que não são – e não podem ser – viris: mulheres, crianças; 2) a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, nas duas acepções do termo, é aprendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante sua socialização, para que se distingam hierarquicamente das mulheres. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina.” (MOLINIER, WELZER-LANG, 2009).

Como conclusão desse trabalho, foi possível observar que, embora os homens entrevistados e observados não tenham uma postura unívoca a respeito dos feminismos e estejam voltados para as suas questões pessoais nos grupos, é perceptível que levantam temas e posicionamentos – inclusive a respeito dos movimentos feministas – que contradizem aquilo que se espera do modelo de masculinidade culturalmente dominante.

Esse trabalho apresenta como principais limitações a impossibilidade de realização da observação presencial dos grupos de homens diante da pandemia de COVID-19, a fim de entender melhor como ocorrem as suas reuniões, debates e dinâmicas, decorrente do caráter *online* da pesquisa, e a baixa presença de estudos sobre esses grupos no Brasil, embora exista uma quantidade notável de pesquisas sobre grupos reflexivos com homens autores de violência contra a mulher, estabelecidos no campo psicossocial da justiça brasileira. Ao mesmo tempo, o campo virtual permitiu abarcar um maior número de grupos: do total de treze iniciativas mapeadas inicialmente, foram abarcadas informações a respeito de sete, algo que certamente não seria possível se a demanda fosse por acompanhá-los um a um *in loco* no curto espaço de tempo de uma dissertação de mestrado.

Além do mais, foi possível relacionar os dados qualitativos das entrevistas realizadas por meio dos aplicativos *Skype* e *Zoom* com os temas que se fizeram frequentes no âmbito dos grupos de WhatsApp e nas respostas das questões subjetivas do *survey*. Esses dados e essa relação analítica serão expostos por meio de uma divisão temática e metodológica: no primeiro capítulo, trago dados do mapeamento dos grupos, o seu histórico e os resultados do *survey*; no segundo capítulo, retomo a discussão sobre a construção social das masculinidades e apresento as motivações apresentadas pelos entrevistados para participarem dos grupos; já no terceiro, apresento a discussão sobre os feminismos, mostrando a sua relação com o tema das masculinidades e apresento as visões dos entrevistados acerca dessa questão. Ao final do trabalho, mostrarei como se dão as dinâmicas de conversas e debates em três grupos de WhatsApp compostos por homens que participam desses grupos.

Pode-se observar, como resultados dessa pesquisa, a predominância de visões de “redescoberta” pessoal e de abordagens psicologizantes em torno da questão do “masculino”. Nessa toada, os debates desses grupos se dirigem para a esfera do autoconhecimento, mais individualista, e não para a abordagem de questões políticas ou sociais, onde também poderiam estar incluídos processo mais pessoais. Além disso, nos espaços *online* estudados, a pesquisa identificou a prevalência de temas como paternidade, sexualidade, desigualdades de gênero e a legitimação de novas identidades, enfrentados sob a ótica de diferentes posicionamentos que revelaram que os grupos masculinos abrigam visões mais desconstrutivas e aquelas mais

voltadas para revisão de comportamentos pontuais, prejudiciais aos sujeitos analisados, no interior de estruturas de gênero que se mantém relativamente intactas.

Como autor desse trabalho, me posiciono como homem cisgênero⁴ que recebeu ensinamentos de masculinidades repassados à maioria esmagadora dos homens durante a vida, tornando a problemática deste trabalho ainda mais instigante no meu percurso acadêmico. Assim como outros meninos, ouvi aquilo que deveria ser feito, não feito e provado. Entretanto, me coloco, ao mesmo tempo, como exemplo de alguém que nem de longe consegue ou deseja cumprir os desígnios da masculinidade padrão, aquela associada ao termo “macho alfa”, no senso comum. Ao longo dos estudos acerca do tema e da escrita deste texto, lembrei cenas de infância e adolescência, nas quais fui severamente julgado e desvalorizado na escola e família por não se comportar como “um homem”. Uma delas se passou no ensino primário, ainda com oito anos de idade, quando ao cruzar as pernas (postura tida como incorreta para um menino) fui chamado por colegas de “nova aluna da escola”.

Outros fatores que acentuaram esse rebaixamento foram: possuir sexualidade não heterossexual, o que muitas vezes implica outras formas de perceber e se relacionar com os/as demais. Embora esteja mais próximo de uma performance “masculina” da homossexualidade – o que me beneficia com menos preconceito –, ela é um fator marcante na vida e nas relações sociais que procuro constituir. Segundo, por sempre ter mais amizades femininas, o que me afastou consideravelmente dos grupos de homens e suas práticas dialógicas, sexuais e esportivas, acabei excluído da “casa dos homens”. E terceiro, por desde cedo demonstrar características tradicionalmente associadas à feminilidade com maior sensibilidade para diversas questões e incapacidade de represar sentimentos e emoções, como o medo e a insegurança, fui lido como emotivo ou fraco. Isso não significa que não tenha ou tive comportamentos machistas durante toda a vida, os quais procuro repensar diariamente.

O “masculino” e sua sombra também aparecem no meu nome: carrego exatamente o mesmo do meu pai com a inserção de “Filho” ao final, sendo filho único e, conseqüentemente, carregando durante um bom tempo as expectativas do pai sobre os meus desígnios; inclusive a de seguir uma carreira militar, a mesma deste, algo que contradisse ao optar pelos estudos universitários na área das ciências humanas e sociais das quais sempre fui muito próximo. Regionalmente, me localizo como um homem piauiense e nordestino, advindo de um contexto

⁴ Grosso modo, termo que indicaria a “compatibilidade” entre o gênero designado no nascimento e o gênero pelo qual o sujeito se autodefine. Para Bento (2014), os estudos *queer* ou transviados têm problematizado esse termo por meio de dispositivos conceituais, mas será aqui empregado por ser utilizado pelos interlocutores da pesquisa e por se mostrar auxiliar à composição do meu lugar de fala frente aos homens ora estudados, o que possivelmente facilitou minha circulação no ambiente.

em que a ideia do “cabra macho” – viril e destemido – prevalece no imaginário de todas as classes sociais, fator que resvala para constantes manifestações de homofobia e repressão de manifestações de sensibilidade por parte dos homens. Racialmente, tenho me identificado como um homem pardo, ainda que a partir dos últimos anos, com a crescente politização da questão da identificação racial, a classificação enquanto homem negro tenha surgido para mim como uma possibilidade a partir de diálogos estabelecidos no interior da academia.

Destarte, ao longo da minha trajetória acadêmica, fui sendo apresentado às questões de gênero em diferentes momentos. Inicialmente pela via das teorias feministas na graduação em Ciência Política realizada na Universidade Federal do Piauí, pensando a sua relação com temas como representação e desigualdades, e posteriormente trabalhando em campo com coletivos de gênero em fase de iniciação científica. Já na pós-graduação, avancei nesses estudos e me deparei com a literatura sobre masculinidades e a miríade de questões que essas apresentam para compreender os processos de generificação como um todo. Foi aí que observei nos espaços aqui analisados searas fundamentais para problematizar uma possível inter-relação entre feminismos e masculinidades, expondo de que maneira é possível ou não reconstruir, ainda que gradualmente, paradigmas que tem contribuído para a perpetuação de violências físicas, morais e simbólicas.

Logo, o problema de pesquisa explorado me afeta teoricamente por estar relacionado aos interesses de investigação que venho cultivando há alguns anos, bem como existencial e politicamente. Afinal, ao abordar as masculinidades enquanto construções sociais, me vejo em diversos momentos em posições de autorrevisão e refletindo acerca dos meus lugares de fala e escuta em uma sociedade marcada pelo “privilégio masculino”.

Carrego então uma série de perguntas cujas respostas não são consensuais e que emergiram em consequência do meu trabalho investigativo há anos, nesta dissertação: pode um homem abdicar integralmente dos ditos aspectos “tóxicos” da sua masculinidade e seguir sendo homem? É possível a existência de homens mais próximos às feministas ou “pró-feministas”? Em uma sociedade cujos fundamentos são hierárquicos, quais seriam as consequências de um processo de equalização entre os gêneros? A partir da exploração que desempenhei ao longo do curso de mestrado espero contribuir com essas discussões que extrapolam as pretensões decorrentes deste estudo e que, certamente, me acompanharão por muito tempo ou mesmo pela vida toda.

CAPÍTULO 1 - GRUPOS DE HOMENS DO DF

Ao iniciar o primeiro semestre de 2020, tinha em mãos um objeto de estudo definido: os grupos de homens do Distrito Federal (DF) e, portanto, uma ideia inicial de projeto de pesquisa. A minha expectativa era investigar esses grupos e verificar de que maneira as suas práticas, discursos e dinâmicas se relacionavam com perspectivas centrais dos movimentos feministas, como a busca pela equidade de gênero. O foco permaneceu ao longo do tempo. Essa inquietação também se manteve e constitui o cerne desta dissertação. O que mudou foram os caminhos para explorar esse objeto de estudo e responder às questões que inicialmente me propus. Se antes imaginava a minha participação como observador das sessões dos grupos de homens de modo presencial, a chegada da Covid 19 ao Brasil fez com que deslocasse as estratégias de coleta de dados para o universo *online*. Conheci mais sobre esses espaços por meio de suas páginas de Facebook e Instragram e através de *lives* realizadas pelas iniciativas; o diálogo *tête-à-tête* com os coordenadores e representantes desse “movimento” foi substituído por contatos via e-mail, *Skype* e *Zoom* e os espaços de conversas no WhatsApp se tornaram locais de captação daquilo que não estava explícito nos discursos dos entrevistados. As mediações de áudios, imagens e textos *online* passaram a ser centrais no conhecimento daquilo a que me destinei estudar.

Nesse cenário, o meu percurso após a qualificação do projeto de pesquisa constituiu-se de três momentos: as entrevistas semiestruturadas, realizadas entre julho e agosto de 2020; a observação de grupos de WhatsApp que abrigam homens que participam dessas iniciativas, realizada entre julho e outubro de 2020; e a aplicação de um *survey*, realizada entre agosto e novembro de 2020. Cada um desses momentos cumpriu finalidades distintas no interior da pesquisa de campo. Com as entrevistas, foi possível acessar os discursos de coordenadores e representantes dos grupos acerca de suas trajetórias pessoais e de como funcionam as iniciativas que organizam. Com os grupos de WhatsApp, obtive um contraponto dos discursos oficiais a partir das conversas travadas entre homens que participam dessas iniciativas e que utilizam tais canais como extensão para os debates. E com o *survey* aplicado nesses mesmos grupos de WhatsApp⁵, conheci um pouco do perfil sociológico dos participantes.

Através desses métodos quanti-qualitativos, persegui a seguinte pergunta: *em que medida os grupos de homens são pequenos ensejos para a desconstituição da masculinidade hegemônica ou uma reatualização da desigualdade de gênero e, portanto, do machismo, que*

⁵ O *survey* também foi enviado para os contatos privados dos coordenadores/representantes dos grupos.

passa a se apresentar de maneira mais sutil? Ainda que com pretensões inconclusivas, me organizei teórica e empiricamente de maneira a que, durante o trabalho de campo, fosse direcionado a apontamentos relativos a essa seara. O roteiro semiestruturado de entrevistas, por exemplo, continha um rol de questões que inquiria os entrevistados a respeito das agendas feministas e a forma como os grupos abordados se conectavam com essas agendas. Já durante o processo de observação do WhatsApp, chamaram a atenção os debates e opiniões dos integrantes a respeito dos movimentos feministas e suas visões sobre o que constitui o “masculino” e o “feminino” – temas que apareceram em diversos momentos nas conversas. Por fim e em menor medida, nos *surveys*, os respondentes tiveram um espaço para escrever sobre suas motivações para integrarem os grupos.

Para me situar melhor em relação àquilo que deveria investigar, comecei a buscar na internet quantos e quais eram os grupos de homens no DF, região escolhida para o recorte. Comecei a pesquisa no site *Papo de Homem*, portal com milhões de visualizações anuais que pauta - inclusive em parceria com a ONU Mulheres - outras possibilidades do "masculino". Conforme o mesmo, existem 129 iniciativas, projetos e pessoas mapeados que trabalham com "a transformação dos homens, no Brasil e no mundo" (VALADARES, 2019). Nesse mapeamento em específico e levando em conta apenas o cenário dos grupos brasileiros, tem-se o total de 30: 15 no estado de São Paulo, 03 no Rio de Janeiro e em Santa Catarina, 01 em Minas Gerais e Pernambuco, 01 de cobertura nacional e 05 no Distrito Federal. Partindo do pressuposto de que certamente foram muitas as iniciativas não incluídas pelo portal, fui buscar outros grupos para os quais deveria me atentar ao longo da pesquisa. Iniciei assim o meu mapeamento com os 05 nomes do DF disponibilizados nesse site. Logo depois, a partir de consulta nas redes sociais e no endereço *web* do maior grupo de homens da região, descobri outras iniciativas. O número de grupos, então, saltou para 13. Tendo uma lista desses nomes, obtive os contatos dos seus coordenadores/representantes nas redes sociais. Por meio de uma consulta preliminar a eles – feita por WhatsApp ou email – obtive informações importantes sobre os grupos.

Entre os meses de abril e maio, encaminhei as seguintes questões aos meus contatos: “01 – qual o mês e ano de criação do grupo?; 02 – qual a proposta (objetivo) do grupo?; 03 – qual o público alvo do grupo?”. Responderam a essa consulta preliminar os coordenadores/representantes das seguintes iniciativas (nomes fictícios⁶): Grupo Donald Winnicott, Grupo Jacques Alain Miller, Grupo Sigmund Freud, Grupo Carl Gustav Jung, Grupo

⁶ Pelo fato dos grupos se aproximarem de uma atuação terapêutica, os nomes selecionados para alcunhá-los são aleatoriamente de psicólogos, psiquiatras e psicanalistas de diferentes matrizes teóricas.

Robert Bly, Grupo James Hollis, Grupo Jean Laplanche, Grupo Marcel Gaumond, Grupo Wade Nobles, Grupo Jacques Lacan, Grupo Jean Shinoda Bolen. Não obtive o contato do grupo Sandor Ferenczi que, ao contrário dos demais, era o único que não possuía uma página institucional no Facebook onde, em geral, obtive o primeiro contato. Com isso não preenchi as informações sobre essa iniciativa, ainda que a conste na lista de grupos de sites que serviu como fonte de buscas (sem descrição ou contato e com um link que me redirecionou para um site sobre xamanismo, o que me fez supor que o grupo trabalha a partir dessa vertente). As informações obtidas inicialmente foram compiladas na tabela abaixo:

Quadro 1 - Mapeamento dos grupos de homens em Brasília

Nome do grupo	Objetivo	Mês e ano de criação
Grupo Sigmund Freud	Realizar encontros e vivências que tenham como propósito observar, sentir, refletir e construir novas masculinidades, baseado em outras iniciativas.	Junho 2017
Grupo Jean Shinoda Bolen	Encontros abertos ao redor do fogo sagrado, uma vez ao mês, em dias próximos a noite de Lua Cheia.	2017 – mês não especificado
Grupo Sandor Ferenczi	Não identificado	Não identificado
Grupo Marcel Gaumond	Proposta terapêutica que ambiciona criar espaço de escuta, cumplicidade e confiança entre homens. Ambiente seguro de partilha e troca de experiências. Um lugar para refletir sobre o que é e como é ser homem nos dias de hoje.	Abril de 2011
Grupo Robert Bly	Proposta terapêutica de resgate da essência do masculino, realizada por meio de uma série de encontros temáticos – ciclos de reencontro dos homens consigo mesmos – e ritos de passagem.	1993 – mês não especificado
Grupo James Hollis	Possui como objetivo ressignificar o conceito de “homem”, questionando os significados do “masculino” em nossa sociedade. Procura integrar em seus debates e atividades os temas da “feminilidade”, da “fraternidade” entre homens e da ancestralidade masculina.	2015 – mês não especificado
Grupo Donald Winnicott	Criação de um espaço de fala e escuta entre homens no que tange a assuntos do universo masculino. Atividades envolvem depoimentos individuais, palestras e meditações.	Março de 2019
Grupo Jacques Alain Miller	Apoiar homens no processo de autoconhecimento e de tomada de consciência dos aspectos que estão por trás dos problemas existenciais, emocionais, psíquicos e até quotidianos (relacionamentos, problemas com profissão, emprego, sustento, etc.) e por meio das Constelações Familiares Sistêmicas.	Agosto de 2018
Grupo Carl Gustav Jung	Promover vivências terapêuticas e rodas de conversas sobre temas da masculinidade contemporânea, por meio de técnicas de psicoterapia corporal, artes marciais, comunicação não violenta e protocolos de sexualidade masculina. Visa ressignificar os padrões de masculinidade.	Junho de 2019

Grupo Jacques Lacan	Encontros psicoterapêuticos em grupo cujos fundamentos se encontram na Análise Bioenergética e na Psicologia, visando maior autoconhecimento dos participantes, inclusive dos seus corpos	Fevereiro de 2019
Grupo Wade Nobles	Espaço de partilhas, trocas e fortalecimento de e para homens negros	Agosto de 2018
Grupo Bert Hellinger	Criar espaços de comunicação, educação e cuidado entre os homens. Faz parte do projeto Masculinities	2017 – mês não especificado
Grupo Jean Laplanche	Ajudar cada homem a se conectar com o seu eu real, para além de máscaras e idealizações, com o auxílio da Core Energetics, abordagem da psicoterapia corporal, e das práticas taoístas Chi Kung de conexão com a energia vital.	Fevereiro de 2020

Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Com esses dados em mãos, tive visão mais clara de como se encontrava o cenário dos grupos de homens no DF. É importante dizer que, de alguma forma, as iniciativas, ainda que com propostas distintas, se conectam por redes. O Grupo Sigmund Freud, por exemplo, exerce o papel de guarda-chuva dos projetos de masculinidades na capital federal. Homens de todos os grupos convergem para este, principalmente quando da realização dos seus grandes encontros, ocorridos em três ocasiões: 2018, 2019 e 2020 (esse último *online*). Isso torna um fato comum: aqueles que estão em um grupo conhecem membros dos demais, já que em certos casos um mesmo indivíduo pode ter passagem por diversas iniciativas. Além do mais, os grupos mapeados possuem semelhanças importantes. Com exceção do Grupo Robert Bly, todos foram fundados nos últimos dez anos.

Entre os 13 grupos, apenas 02 possuem recorte não universalista da masculinidade. Essas exceções são o Grupo Jacques Lacan e o Grupo Wade Nobles que possuem, respectivamente, um foco definido de orientação sexual e outro de raça no seu escopo de participação, já que nas suas atividades predominam questões específicas aos grupos de homens homoafetivos e de homens negros. Essa ressalva mostra a existência de iniciativas que abarcam masculinidades diversas, voltadas para homens que não estão incluídos no “privilegio masculino” em sua integridade, tendo em vista que, historicamente, homens brancos, heterossexuais e ricos tem gozado de vantagens em uma sociedade marcada pela valorização do “masculino”, da heteronormatividade, da branquitude e dos capitais social e econômico.

Para além de técnicas da psicologia, meditação, bioenergética e artes marciais, alguns grupos estão imersos em abordagens heterodoxas e variadas, nem sempre de base científicas: trabalho com Constelações Familiares (Jacques Alain Miller), utilização da Ayushaca (James Hollis), cultos sagrados em torno de fogueiras (Jean S. Bolen) e incorporação de preceitos do taoísmo (Jean Laplanche) e xamanismo (Sandor Ferenczi). Ou seja, apesar das organizações que trabalham com temáticas ligadas às masculinidades, se inserem dentro de um bojo de

transformações seculares e modernas relativas à contestação da ordem de gênero, muitas delas se vinculam a conhecimentos milenares, ou pelo menos a ensinamentos provenientes desses.

Como a pesquisa teve início no primeiro semestre de 2020, muitos dos grupos já haviam encerrado as programações previstas para o período, transferindo suas atividades para o universo *online*. É o caso do Grupo Sigmund Freud que passou a realizar encontros regulares por meio do Zoom e deu procedência a um grande encontro *online* em outubro de 2020 e do Grupo Carl Gustav Jung, que abriu turmas de “formação” ao longo do ano. Um dos grupos mapeados, o Jean Laplanche, não chegou sequer a iniciar as atividades presenciais, apenas virtualmente, por ter sido fundado em fevereiro de 2020, quase paralelamente à emergência da pandemia do COVID-19 e do distanciamento social. Com esse quadro, as rodas de conversas e atividades que requeriam proximidade física tiveram de ser substituídas por instrumentos tecnológicos disponíveis aos coordenadores/representantes dos grupos.

Em meio a esse cenário, e após a formulação desse mapeamento, era necessário fazer algum recorte para que a pesquisa se tornasse exequível. A partir dos mecanismos *online* seria possível “percorrer” um maior número de grupos sem precisar dispensar grande quantidade de tempo, exigida por uma observação participante presencial. A realização de uma série de entrevistas com coordenadores/representantes me forneceria uma versão “oficial” da história e do funcionamento desses grupos e, com a aplicação de *survey online* (Anexo III), poderia conhecer mais sobre quem são os homens que não estão à frente das iniciativas, mas que delas participam. Assim, enviei convites para que diferentes coordenadores, cujos contatos havia obtido no período de consulta preliminar, pudessem participar dessa pesquisa respondendo a um roteiro de questões semiestruturado (Anexo II).

Ao todo realizei seis entrevistas, abarcando cinco dos treze grupos mapeados de julho a agosto de 2020. Foram entrevistados os representantes dos grupos: Sigmund Freud, Wade Nobles, Carl Gustav Jung, Jacques Lacan e Donald Winnicott. A segunda entrevista foi realizada com outro participante do Grupo Sigmund Freud, totalizando seis, sendo duas relativas ao mesmo grupo⁷. Por já ter reunido um *corpus* significativo de dados por esse instrumento e por ter que me dedicar às demais estratégias de coleta, interrompi as entrevistas, levando em conta a adoção do método quantitativo dos questionários⁸ e de mais um método

⁷ O objetivo aqui era ter uma dupla visão (do conselho diretor e de um participante) de como funcionava o Grupo S. Freud, haja vista esse se tratar de iniciativa que congrega centenas de participantes, ao contrário das demais iniciativas, mais restritas, e que também existe como espaço de articulação dos demais grupos. Ambas serão, portanto, tratadas como uma única entrevista desse grupo.

⁸ Os questionários foram aplicados nos grupos de WhatsApp, observados após 30 dias de permanência nesses espaços, e contiveram nove questões (anexo III).

qualitativo colocado em prática a partir de julho: a observação direta dos grupos de WhatsApp, que passou a ocupar bastante tempo diário de leitura das mensagens. Com isso, a pesquisa reuniu quantidade considerável de dados a partir da tríade entrevista-*survey*-observação direta.

O WhatsApp funciona como uma extensão das reuniões presenciais. Como não houve a oportunidade de observar *in loco* as interações entre os participantes dos grupos, vi nesses “fóruns” de conversa locais a oportunidade para conhecer mais dos temas e dinâmicas que interessam àqueles que se engajam no interior desse “movimento”. Os grupos *online* são abertos a quem apresentar interesse em participar. Informei a entrevistados que gostaria de ingressar neles, na condição de pesquisador, o que fez com o que segundo entrevistado me fornecesse os links para participar de dois deles, aos quais chamarei aqui de Grupo *online* 01 e Grupo *online* 02. Alguns dias depois, durante o processo de observação do Grupo *online* 01, tive acesso ao link de um grupo de WhatsApp recém-criado: o Grupo *online* 03, meu terceiro foco de atenção.

Após a minha entrada nos grupos, aqueles que neles me inseriram estavam cientes da condição de pesquisador que eu ocupava e da observação que seria realizada. Entretanto, optei por não anunciar repetidamente esse fato aos demais membros dos grupos de WhatsApp a fim de não interferir no curso das conversas. A barreira silenciosa entre o estudioso e os sujeitos é inclusive um dos principais dilemas desse método, segundo Jaccoud e Mayer (2014) ao se referirem à tradicional observação participante e que também se adequa ao tipo de observação por mim realizada.

Somente ao fim de trinta dias de observação, registradas em uma espécie de diário de campo escrito também *online*⁹, informei a todos que estava pesquisando os grupos de homens no DF e propus que respondessem ao questionário. Haja vista que em um dos grupos, o *online* 01, o número de participantes ultrapassava os 250 no período da observação, considerei que esse seria um dos melhores espaços para conseguir acessar a diversidade de respostas dos homens que participam de alguns dos grupos. Entretanto, em primeiro momento, tive enorme dificuldade em obter respostas para o questionário, fazendo com que eu divulgasse o link do *survey* para os coordenadores/representantes das iniciativas no modo privado e reaplicasse o questionário semanas depois nos mesmos grupos. Minha permanência nos grupos de *WhatsApp* relacionada à essa motivação levou a observação ao total de aproximadamente sessenta dias, se estendendo ao longo dos meses de setembro e outubro de 2020.

Foi somente em meados de novembro desse ano que encerrei a coleta dos dados do *survey*, dos grupos de WhatsApp e das entrevistas. Daí em diante, sistematizei o material

⁹ A partir do diário de campo, fui tomando notas dos aspectos mais importantes que emergiam nos diálogos. Evitei assim registro exaustivo de mensagens de menor relevância para os objetivos ora propostos.

reunido para os objetivos desse trabalho. Assisti e ouvi novamente as entrevistas, realizando uma estruturação temática pela minutagem do áudio e transcrevendo os trechos mais importantes, correspondentes aos tópicos temáticos que compõem a dissertação. Quanto às informações relativas aos grupos de WhatsApp, transformei as principais questões e debates observados em registros de campo com a transcrição das mensagens relevantes para compreender as problemáticas envolvidas. E, por fim, extraí os resultados do *survey* em alguns gráficos e informações de cunho quantitativo do próprio formulário, separando as respostas objetivas das subjetivas.

1.1 Os grupos de homens: como estudá-los?

Um dos principais desafios ao estudar os grupos de homens concerne ao ineditismo do tema na produção acadêmica brasileira, tanto que cheguei a ouvir de um dos meus entrevistados e de um interlocutor que o meu trabalho seria “pioneiro”. Embora essas iniciativas com o público masculino existam no país desde a década de 1990, as publicações têm tido ênfase, dentro dos estudos nacionais sobre masculinidades¹⁰, nos grupos com homens que respondem a processos por práticas de violências contra a mulher. Com isso, estive na condição de recorrer à literatura produzida nos países anglo-saxões sobre o tema, que em muitos casos pouco ou nada dialogam com a realidade brasileira, haja vista que em nosso contexto as desigualdades de gênero se encontram ainda mais acentuadas do que nos países do Norte global, bem como há questões próprias do racismo e classismo no país. Há ainda diferenças históricas: as organizações “masculinas” começaram a emergir nos EUA, Canadá e Austrália logo ao início da década de 1970, enquanto no Brasil esse processo só aconteceu a partir da primeira metade dos anos de 1990 quando já existiam trabalhos em língua inglesa refletindo as experiências dos movimentos de homens. Diante desse *gap* em relação aos estudos sobre os grupos aqui abordados, foi a partir dos trabalhos das/os sociólogas/os Raewyn Connel, Michel Kimmel, Michael Kaufman e Michael Messner, produzidos há aproximadamente duas décadas, que comecei a me situar em relação ao tema.

A princípio, a relação entre as lutas feministas e os movimentos “masculinos” possui caráter histórico. Provocados pelas ativistas da década de 1960, alguns homens decidiram se organizar para pôr em questão, de maneira crítica ou afirmativa, o exercício das suas masculinidades. Essas organizações masculinas se expressaram das mais diferentes maneiras: homens pela liberação feminina e pelos direitos das mulheres; grupos que buscavam uma

¹⁰ Sobre os estudos de masculinidades no Brasil e no mundo, ver o capítulo 02 desta dissertação.

ressignificação espiritualizada ou mesmo terapêutica das masculinidades (KIMMEL, KAUFMAN, 1993). Também emergiram movimentos de homens em busca de uma paternidade ativa e contra a violência desferida às mulheres. Com repertórios distintos de ação, esses grupos se concentraram inicialmente na América do Norte, região na qual começaram a ser realizadas pesquisas sobre masculinidades, mostrando sintonia entre reflexão intelectual e intervenção social, a exemplo das primeiras conferências e reuniões de homens que se nomeavam como antissexistas e que aconteceram na década de 1970 nos EUA.

Embora não tenham se constituído enquanto movimentos sociais, esses grupos antissexistas deram origem a importantes organizações como a *Men Engage*, na década de 1990, uma rede internacional de homens que se engajam na promoção de iniciativas à equidade de gênero, além de outras conexões de homens pró-feministas pelo mundo¹¹. No Brasil, a maior expressão dessas iniciativas é a *RHEG – Rede de Homens pela Equidade de Gênero*, formada por: Instituto Papai, Instituto Promundo e Instituto Noos, nascidos na década de 1990. Ainda que não sejam universalmente pró-feministas, como tais iniciativas masculinas antissexistas, são muitos os grupos de homens que trazem olhares bastante críticos ao machismo. Concomitantemente, faziam parte de uma reação masculina ao avanço do feminismo, grupos em busca do resgate da masculinidade branca ou patriarcal, especialmente dentro de perspectiva conservadora cristã. Eram homens que reagiam ao progressismo e se viam oprimidos na escala social: os chamados “masculinistas”.

A “reação” dos anos 70, entretanto, não pode ser resumida à dicotomia entre homens favoráveis e contrários aos feminismos. Há nuances que indicam que em alguns casos os posicionamentos masculinos se mostravam diluídos. A teórica Raewyn Connell (1995) apontara que as políticas de masculinidades do Norte global no período foram marcadas por quatro grandes núcleos: o movimento da liberação gay, o *lobby* das armas, as terapias de masculinidades e as políticas de transformação ou saída (CONNELL, 1995). O movimento gay denunciava a masculinidade convencional como fonte de opressão a homens que não se encaixavam em seus padrões. Boa parte desse movimento, levado à frente por *bichas* pretas, *drags* e travestis nas costas leste e oeste dos EUA, foi significado a partir do enfrentamento do HIV/AIDS, enquanto isso as políticas de transformação ou saída visavam à liberação dos homens e busca da equidade nas arenas públicas e privadas. Tratava-se de homens heterossexuais dispostos a se engajarem no cuidado doméstico, organizando-se contra o

¹¹ Em 2008, a Divisão para o Avanço das Mulheres da ONU lança o relatório *The role of men and boys in achieving gender equality*, que reunia conclusões sobre o engajamento dos homens na conquista da equidade de gênero (CONNEL, 2016). Atualmente por parte dessa organização, há a campanha #HeforShe.

sexismo, e em processos de “recuperação” psicológica que se contrapunham às incertezas de gênero. Já o *lobby* das armas, expressão do anti feminismo, se fortaleceu como tendência na política, na cultura e nos negócios por meio da exaltação da violência e do militarismo.

Com exceção das políticas de transformação ou saída, o caráter era predominantemente conservador. Ao invés de visar à desconstituição do modelo de gênero em muitas sociedades, as outras políticas reforçavam a distinção entre a masculinidade e o que se encontra fora dela. Em um mundo em que as mulheres ganhavam voz, homens sentiam suas identidades em risco. Como firmar o seu papel de provedor e chefe da casa quando filhos/as ou a esposa ousam levantar a voz? Os grupos de homens, em seu sentido inicial, surgiram como propostas para tentar ajudar homens, predominantemente brancos e de classe média, a se situarem em meio a comportamentos e hábitos que se transformavam repentinamente¹².

Diante dessa pluralidade, os posicionamentos masculinos sobre a luta das mulheres sempre foram distintos. Se conectar com o “masculino” não necessariamente envolve repensar as relações de gênero. Por isso não é possível afirmar, de maneira generalizável, que além de possuírem uma relação histórica, os feminismos e os grupos de homens estejam articulados. Conforme Michel Kimmel e Michael Kaufman (1993), uma das correntes expressivas dos movimentos “masculinos”, mais conhecidos como mitopoiéticos, ajudou a reproduzir noções que reforçam a dominação masculina sobre as mulheres. Ao defender a segregação entre homens e mulheres (a partir da ideia de “irmandade”) e a promoção de rituais de iniciação provenientes de culturas nas quais o poder feminino era mínimo, certos grupos reforçaram práticas que colocam a figura do “homem” no centro. Ademais, a busca pelo “guerreiro interior” e pelo “sagrado masculino” reforçara a ideia de que homens e mulheres são seres fundamentalmente diferentes, caindo no essencialismo¹³. Sobre as práticas desses grupos nos EUA, os autores afirmam que:

The mythopoetic men`s movement has many different voices, drawing on different traditions. Some rely entirely on Greek and Roman mythologies for images of heroic manhood; others use Jungian archetypes or Eastern religions as the foundation for new visions of masculinity. But certain themes are constantly sounded, especially essentialist assumptions about gender distinctions, a contemporary diagnosis of feminization of American Manhood, the search for lost fathers (and father figures), and a vision of retrieval of heroic archetypes as models for men (KIMMEL, KAUFMAN, 1993, p.04)

¹² Cf. Connell (1995)

¹³ Embora critiquem os movimentos mitopoiéticos, Kimmel e Kaufman (1993) ressaltam que possuem a vantagem de conectar emocionalmente homens, rompendo com uma barreira patriarcal de isolamento.

O movimento mitopoiético tem como um dos principais nortes teóricos a obra do escritor estadunidense Robert Bly, particularmente o livro *João de Ferro - Um Livro sobre Homens*, publicado originalmente em 1990 e recordista de vendas no período. Segundo o autor, nas sociedades antigas, tornar-se homem era algo que demandava ritos de iniciação nos quais aqueles que já possuíam esse status introduziam os mais jovens na seara da masculinidade a partir de provas muitas vezes duras (BLY,1991). Com o advento da Revolução Industrial e a saída dos homens mais velhos para o mundo público, esses ritos se tornaram cada vez mais escassos e o momento que determinava a separação do filho de sua mãe passou a ficar menos claro, já que as mulheres é quem passaram a determinar a criação da sua prole. Sem essa passagem na qual um homem é guiado e formado pelo outro, os homens perderam a direção das suas vidas e essa ausência de direcionamento seria possível observar nos inúmeros dramas enfrentados por eles na contemporaneidade: alcoolismo, uso de drogas, violências, entre outros. Através desses argumentos e de uma longa narração do mito escandinavo do João de Ferro, Bly tenta mostrar que é necessário resgatar a instituição da “iniciação masculina” a fim de fazer com que os homens se reencontrem consigo mesmos e interrompam o processo de “feminização” crescente entre a população masculina (BLY, 1991)¹⁴.

Importa enfatizar a vertente mitopoiética dos grupos de homens, pois foi a partir dela que se constituíram diversos trabalhos com masculinidades no Brasil, dentre eles o grupo Guerreiros do Coração, a primeira dessas iniciativas no país e no DF. Atualmente existente em diversos estados brasileiros, o Guerreiros foi fundado no Rio Grande do Sul, em 1993, pelo psiquiatra gaúcho Mário Pozatti após uma viagem à Austrália na qual entrara em contato com trabalhos realizados por homens naquele país. Desde então, o Guerreiros está voltado para a promoção do encontro dos homens com seu eu interior, com o que há de mais profundo no seu “sagrado masculino”¹⁵ (GUERREIROS DO CORAÇÃO, 2020).

Além do *João de Ferro*, diversas obras têm servido de inspiração para esses grupos (e para outros que fogem da matriz mitopoiética), como *Sob a Sombra de Saturno A ferida e a cura dos homens* (1997), do psicólogo norte-americano James Hollis; *Os Deuses e o Homem - Uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos* (2002), da psiquiatra norte-americana Jean Shinoda Bolen; *Pai Ausente Filho Carente* (1991) do psicólogo canadense Guy Courneau; *Além do herói - Histórias clássicas de homens em busca da alma* (1998) do professor e

¹⁴ A recorrência à narrativa mitológica é comum entre os grupos de homens. São vários os deuses gregos exaltados como exemplos de masculinidades (KIMMEL, KAUFMAN, 1993).

¹⁵ O “sagrado masculino” se refere à essência carregada pelos homens, aquilo que define a sua masculinidade, mas que precisa ser redescoberto por cada homem em sua jornada de iniciação (GUERREIROS DO CORAÇÃO, 2020).

psiquiatra norte-americano Allan B. Chinen e *Constelações Familiares - O reconhecimento das ordens do amor* (2001) do psicoterapeuta alemão Bert Hellinger. A base bibliográfica sobre a qual várias das ações estão assentadas aponta para o predomínio de abordagens psicologizantes ou terapêuticas com aqueles que procuram os grupos para se expressar.

1.2 Quem são os entrevistados?

Antes do início das questões subjetivas, o roteiro de entrevistas semiestruturado continha perguntas diretas sobre o perfil dos entrevistados que também contribuiriam para o maior conhecimento acerca dos interlocutores. Tratava-se de questões correspondentes à identificação desses sujeitos e que passavam por preenchimento imediato no momento da conversa. Tal identificação incluiu: nome completo do entrevistado, idade, grau de escolaridade e formação educacional, posição no interior do grupo, local de moradia (região administrativa do DF), orientação sexual, autodeclaração racial e religião. A prática da identificação ao início das entrevistas fez com que eu notasse, antes mesmo de me aprofundar no roteiro, que estava diante de um recorte de classe específico. Nas tabelas abaixo, trago o perfil dos seis entrevistados. Por questões éticas, os nomes completos foram omitidos e os respondentes do roteiro de questões passam a ter aqui nomes fictícios. São esses: João, Pedro, Marcelo, Henrique, Francisco e Daniel.

No que tange à idade dos homens entrevistados, varia de 21 a 52 anos com uma média aproximada de 39 anos. No tocante ao perfil educacional e profissional: dos seis entrevistados, cinco possuem ensino superior e um está cursando, sendo dois formados em Psicologia, um em Direito, um em Ciências Sociais e um em Odontologia. Três possuem pós-graduação: dois em nível de especialização e outro em nível de doutorado. Um é assistente administrativo do próprio grupo no qual participa, um é dentista, dois são psicólogos, dois são servidores públicos, sendo um dos servidores também psicólogo, e um professor universitário e facilitador de Comunicação Não Violenta (CNV).

Quanto ao perfil de raça/etnia e orientação sexual, quatro se autodeclararam brancos e dois negros. Cinco são heterossexuais e um é homossexual. Quanto à religião ou adesão a crenças religiosas, dois são católicos, um é candomblecista, um é praticante da Seicho No Ie e dois não possuem religião, sendo que um destes frequenta eventualmente espaços afro religiosos (candomblé e umbanda). E quanto ao local de moradia – região administrativa – no DF, todos os entrevistados residem no Plano Piloto (Asa Sul, Asa Norte) e na Octogonal, áreas

nobres de Brasília, conhecidas pela alta renda per capita e pela boa infraestrutura de moradia, comércio, mobilidade urbana e lazer.

Ainda nessa toada de caracterização dos entrevistados, nem todos são coordenadores dos grupos. Por isso optei ao longo deste trabalho por falar em coordenadores/representantes dessas iniciativas. Três se colocaram dessa maneira nas conversas que tive comigo, enquanto outros três foram entrevistados na condição de participantes com profundo conhecimento do grupo ou com algum histórico de facilitação das reuniões. Um desses, que não é exatamente coordenador, me explicou que o grupo Sigmund Freud é gerido por meio de um conselho diretor, composto por sete homens, dentre os quais ele próprio. Foi, a partir de uma deliberação nesse conselho, que foi designado para tratar das questões do grupo comigo, ainda que o assistente administrativo e participante do grupo tenha também me concedido uma entrevista na mesma semana.

Observando os perfis, é possível notar que a figura do homem branco, heterossexual e de classe média é uma recorrência mesmo em uma parte pequena daqueles que advém dos grupos, meu universo de entrevistados. Isso se repete quando localizo o perfil dos respondentes do *survey*, cujos resultados serão apresentados no próximo tópico. Ainda que os participantes sejam diversos, o acesso a esses espaços pode estar articulado a fatores socioeconômicos, limitando a inserção a nichos de outros sujeitos que se identificam e são identificados com o gênero masculino.

A maioria dos grupos, por exemplo, promove reuniões no Plano Piloto (em um contexto sem pandemia) e próximo a residências de classe média; além do mais, alguns cobram taxas de participação em reuniões e turmas de formação, ainda que realizem uma série de encontros e ações gratuitos. A participação nesses grupos também pode estar ligada a trajetórias específicas de homens que questionam a si e suas masculinidades em determinado momento, o que de maneira alguma é espontâneo, pressupondo, além da “vivência” masculina, o acesso a leituras, conversas e espaços acadêmicos ou de espiritualidade que, muitas vezes, não abrigam setores numericamente expressivos da população masculina, cuja sociabilidade é estabelecida em outros espaços sociais.

1.3 Perfil sociodemográfico dos participantes dos grupos de homens

Aplicado entre os meses de julho e outubro¹⁶ nos grupos de WhatsApp e em outros espaços, a partir da divulgação realizada por coordenadores/representantes de grupos de

¹⁶ O questionário permaneceu aberto on-line, aceitando respostas até 26 de novembro de 2020.

homens, o *survey* que compõe essa pesquisa captou dados importantes a respeito do perfil sociodemográfico dos seus respondentes. O *survey* continha 10 questões objetivas com opções de escolha (faixa etária, renda média mensal, escolaridade, raça/etnia, orientação sexual, estado civil, quantidade de filhos, meio de conhecimento do grupo, tempo de participação em grupos e religião), 05 questões de perfil para preenchimento escrito (nome, e-mail, local de moradia, profissão, grupos que participa) e 01 questão subjetiva para resposta livre (a motivação para participar do/s grupo/s), totalizando dezesseis questões, de caráter obrigatório, inseridas em formulário do Google. Nesse, havia um texto de apresentação do projeto da dissertação, com contatos que poderiam ser acionados em caso de dúvidas por parte dos respondentes.

Ainda que com a aplicação repetida do *survey* em um grupo com mais de 250 participantes e em outros dois grupos similares, obtive ao total 29 respostas, o que constitui pequena parcela do universo dos membros desse espaço¹⁷. Ainda assim, é possível realizar algumas inferências importantes com base nos números e respostas coletados, sem generalizá-los estatisticamente. Dentre os 29 respondentes, deparei com uma pluralidade de profissões, locais de moradia, religiões e motivações de participação, ainda que com perfil de classe social parecido, haja vista que muitos dos respondentes são profissionais liberais ou servidores públicos com condição socioeconômica mais elevada.

A primeira informação coletada se relaciona ao local de moradia (no DF). As regiões administrativas que apareceram como resposta são: Asa Sul (02), Asa Norte (03), Lago Norte (01), Ceilândia (01), Jardim Botânico (04), Samambaia (04), Riacho Fundo II (02), Taguatinga (01), Taguatinga Sul (01), Vicente Pires (04), Águas Claras (02), Paranoá (01), Jardins Mangueiral (01) e Brasília (que inclui alguns dos anteriores) (02). Na contramão dos entrevistados, que informaram como locais de residência unicamente o Plano Piloto e a Octogonal, os respondentes do *survey* possuem perfil mais diversificado quanto à área de moradia, sendo 07 de Brasília e 22 das demais regiões.

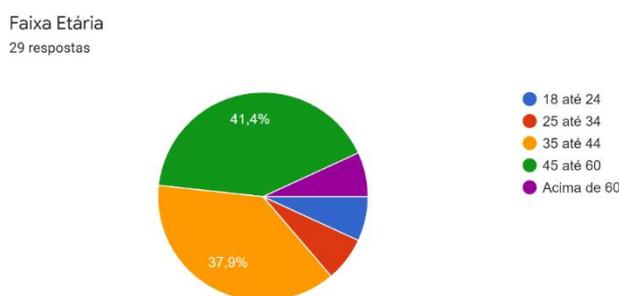
O segundo conjunto de informações coletadas diz respeito às profissões. Aqui também emergiu enorme pluralidade entre as respostas, com as seguintes profissões: Dentista (02), Advogado (03), Psicoterapeuta corporal (01), Servidor Público (05), Servidor Público Federal (04), Bombeiro Militar (01), Policial Militar (01), Agente de Pastoral (01), Estudante (01), Professor (02), Policial Militar e Psicólogo (01), Analista em TI (01), Analista de Infraestrutura de TI (01), Economista (02), Empresário (01), Jornalista (01) e Relações Públicas (01). Há o total de nove servidores públicos autodeclarados, três sujeitos pertencentes a profissões também

¹⁷ Analisei três grupos de WhatsApp, mas é comum que participantes de uns estejam em outros, o que não me permite dar total exato daqueles aí presentes. Soma-se a isso o fluxo constante de entrada e saída de integrantes.

ligadas ao Estado como bombeiros e policiais, um agente de pastoral, um estudante, dois profissionais da educação (professores) e treze profissionais liberais, o que inclui um empresário.

Já no que diz respeito à faixa etária dos participantes, terceira questão do questionário, extrai o seguinte gráfico do formulário do Google, sistematizando as respostas. Ele aponta para a prevalência de participantes nas faixas de 45 a 60 anos (12) e de 35 a 44 anos (11). A partir desse resultado cogita-se que o público dos grupos de homens é composto por gerações que fizeram parte da vivência das conquistas feministas, como a saída de mães, irmãs, tias para trabalharem fora de casa, o voto feminino, a educação estendida a todas as pessoas etc.

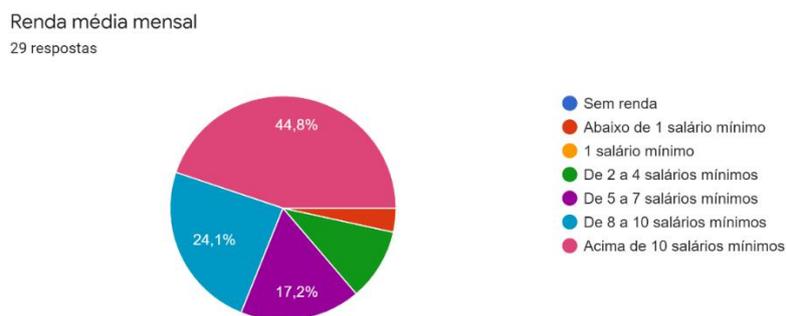
Figura 1 - Faixa Etária dos respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

Por sua vez, o quarto conjunto de informações consiste na resposta à questão acerca da renda média. Aproximadamente 45% dos respondentes (13), conforme o gráfico abaixo, possuem renda média acima de dez salários mínimos. 24,1% (7) entre 8 e 10 salários-mínimos, 17,2% (5) entre 5 a 7 salários mínimos, 10,3% (3) de 2 a 4 salários mínimos e 3,9% (1) abaixo de 1 salário mínimo. Trata-se aqui, predominantemente, do perfil de classe média, ainda mais levando em conta que a quantidade de dez salários-mínimos em muito supera a renda média nacional que é de aproximadamente R\$ 2.444, segundo o IBGE em 2019.

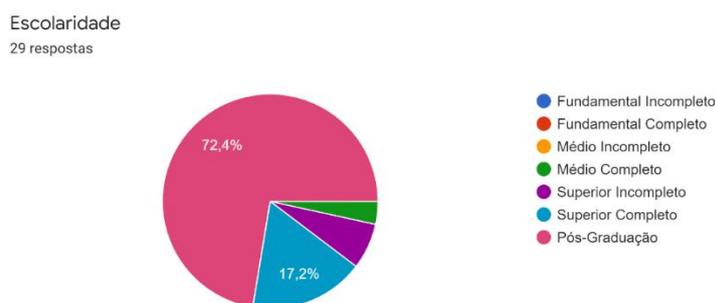
Figura 2 - Renda média dos respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

A quinta questão, referente à escolaridade, também indica perfil destoante da maioria dos homens da população brasileira. Mais de 70% dos que responderam ao questionário são pós-graduados (21), aproximadamente 17% com ensino superior (5), 6,9% com superior incompleto (2) e 3,9% apenas com o ensino médio completo (1). Esse resultado chama a atenção, tendo em vista que o número de concluintes de cursos de mestrado está abaixo de 1% no território nacional¹⁸. Ou seja, esses frequentadores dos grupos apontam para o universo dos grupos também vir a ser altamente educado.

Figura 3 - Escolaridade dos respondentes do survey

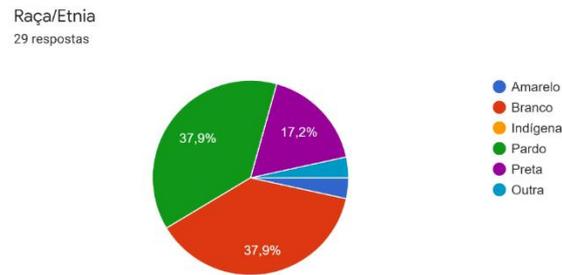


Fonte: Formulários Google (2020)

Quanto à autoidentificação étnico-racial, 37,9% (11) se autodeclararam pardos e brancos, constituindo a maioria somados. 17,2% (5) se autodeclararam negros, 3,4% (1) se autodeclarou amarelo e mais 1 optou por “outra”.

¹⁸ Cf. Folha de São Paulo (2019)

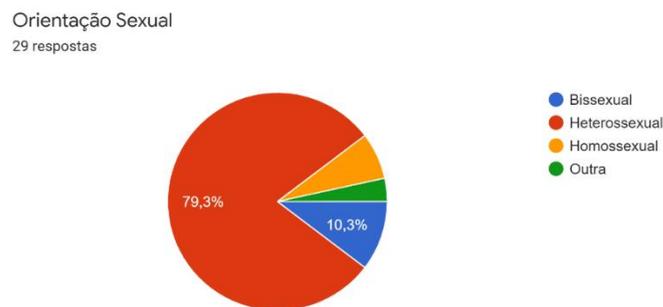
Figura 4 - Raça/Etnia dos respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

No quesito orientação sexual, 79,3% (23) se autodeclararam heterossexuais, 10,3% (3) bissexuais, 6,9% (2) homossexuais e 1 optou por “outra”. Haveria, então, com base nessas respostas, uma média de homens brancos ou pardos heterossexuais como majoritários dessas iniciativas, em paralelo a uma minoria de homens pretos e homens homossexuais ou bissexuais.

Figura 5 - Orientação sexual dos respondentes do survey

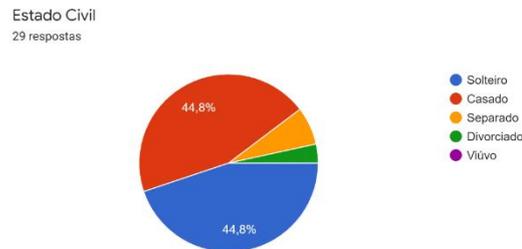


Fonte: Formulários Google (2020)

Foi perguntado também o estado civil e a existência de filhos. Quanto ao estado civil, as opções dadas foram as mesmas disponibilizadas pelo IBGE em suas pesquisas: casado, solteiro, separado, divorciado e viúvo. Já com relação ao número de filhos as opções eram “sim” ou “não” (tenho ou não tenho filhos, independentemente do número). Em resposta à primeira pergunta, 44,8% (13) estão casados e solteiros. Somados esses dois grupos perfazem 89,6% (26). 6,9% (2) estão separados e 1 está divorciado (3,4%). Com relação à segunda pergunta, 58,6% (17) possuem filhos e 41,4% (12) não possuem filhos. Essas questões são importantes haja vista que muitos são aqueles que procuram os grupos motivados por dificuldades com

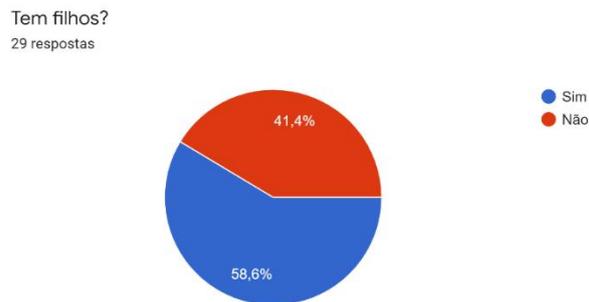
relação à paternidade ou à ausência paterna e no tangente aos relacionamentos afetivos e sexuais, conforme mostrarei adiante.

Figura 6 - Estado civil dos respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

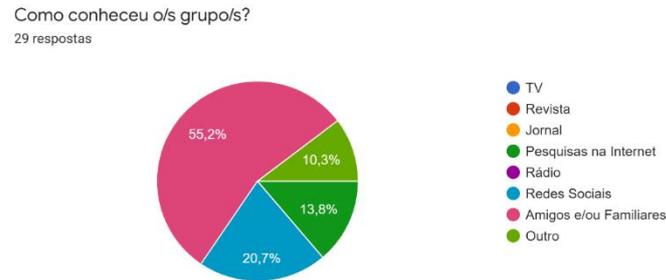
Figura 7 - Presença de filhos entre os respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

Sobre a vinculação desses homens com os respectivos grupos, foram feitas duas perguntas: como haviam conhecido o grupo ou os grupos nos quais se inseriam e qual era nele/s o seu tempo de participação. Quanto aos meios de conhecimento dos grupos, as opções eram: TV, revista, jornal, pesquisas na internet, rádio, redes sociais, amigos ou familiares ou outro meio. Quanto ao tempo de participação nos grupos, as opções eram: menos de 1 mês, entre 1 mês e 1 ano, mais de 1 ano, entre 2 e 5 anos e mais de 5 anos. 55,2% (16) conheceram os grupos por meio de amigos ou familiares; 20,7% (6) conheceram os grupos através das redes sociais; 13,8% (4) conheceram os grupos via pesquisas na internet; e 10,3% (3) o fizeram por outros meios. No tangente ao tempo de participação, 37,9% (11) entre 2 e 5 anos; 24,1% (7) entre 1 mês e 1 ano; 20,7% (6) há mais de cinco anos e 3 (10,3%) há menos de um mês.

Figura 8 - Meio de conhecimento dos grupos de homens



Fonte: Formulários Google (2020)

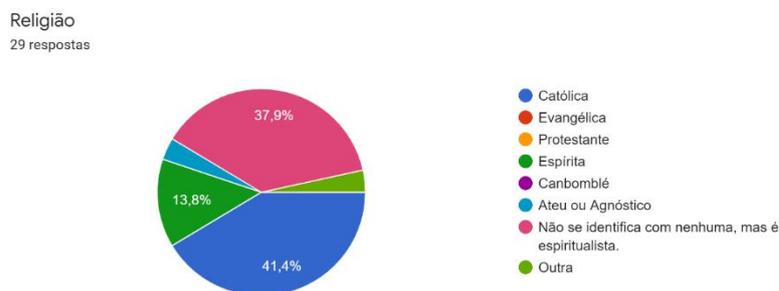
Figura 9 - Tempo de participação dos respondentes do survey em grupos de homens



Fonte: Formulários Google (2020)

Por fim, o questionário continha uma questão objetiva sobre religião. Dentre as opções, 41,4% (12) se identificaram como católicos, 37,9% (11) não se identificaram com nenhuma religião, mas se consideram espiritualistas; 13,8% (4) se identificaram como espíritas, 1 se identificou como ateu ou agnóstico e 1 marcou a opção “outra” (3,4% cada). O discurso de cunho espiritualista ou religioso é comum em alguns dos grupos masculinos, tornando central essa questão para o perfil dos respondentes.

Figura 10 - Identificação religiosa dos respondentes do survey



Fonte: Formulários Google (2020)

Ao término dessa sequência de questões de múltipla escolha, havia espaço para escrever, de maneira livre, aquilo que os motivou a participar dos grupos. Pelo fato de muitas dessas respostas de caráter subjetivo se repetirem, escolhi algumas mais elaboradas e representativas do conjunto dessas vozes.

“O grupo de homens, para mim, é um espaço de conexão com a irmandade; um espaço que me ajuda a aprofundar questões importantes sobre mim, meu masculino e feminino; um espaço de partilhas profundas e de revelação de vergonhas, sombras, sensibilidade e outros aspectos que tendencialmente não manifesto com facilidade; um espaço de vulnerabilidade e encontro. Tenho muito prazer em me encontrar neste nível mais profundo com outros homens. Me sinto mais natural e espontâneo. Experimento uma maior liberdade de expressão e manifestação do meu Eu real.” (homem, entre 45 e 60 anos, branco, heterossexual, psicoterapeuta corporal, não se identifica com nenhuma religião, mas é espiritualista)

“Rever atitudes e comportamentos machistas e contribuir para o pensamento feminista na desconstrução do patriarcado e das desigualdades de gênero. Outro objetivo é pensar reflexivamente e ativamente ações que enfrentem a violência doméstica, os feminicídios e os suicídios de feminicidas. Apoiar a criação de mais grupos reflexivos de homens.” (homem, entre 35 e 44 anos, branco, heterossexual, policial militar e psicólogo, católico)

“Participar de um grupo de homens e ter a oportunidade de partilhar a vida, os dilemas, os problemas, as vitórias. Participar de tais grupos é como se fosse uma válvula de escape uma vez que conversar sobre assuntos mais densos, relacionados ao nosso eu não é algo comum. Normalmente as conversas masculinas no dia a dia são sobre trivialidades e superficialidades... muitas vezes temos a impressão que nas conversas rotineiras dialogamos com algum personagem. Além disso, outro aspecto positivo de se participar de um grupo de homens é que a fala do outro tem grande possibilidade de reverberar em mim, de ocorrer identificação... e o contrário também ocorre. Em muitas situações em encontros que vamos previamente com a intenção só de ouvir, por conta desta potência, a fala do outro nos impacta e acabamos também trazendo nosso eu à tona, nossa essência... Ou seja, acontece uma ajuda mútua, existe um caráter terapêutico nos encontros. Por fim, normalmente os homens que participam de tais grupos estão com interesse em construir uma nova forma de masculinidade: ser pessoas melhores, homens melhores, pais melhores, companheiros/esposos melhores e isso ajuda quebrar alguns paradigmas prejudiciais como o machismo, por exemplo.” (homem, entre 45 e 60 anos, preto, heterossexual, policial militar, católico)

Outras respostas computadas foram: “Compreensão de mim, encontrar pessoas que busquem maturidade entre homens”; “Ter um espaço no qual se possa falar sobre questões voltadas para a masculinidade.”; “Ampliar conceitos e comportamentos trazendo mais autonomia e melhor expressão do meu ser.”; “Abertura para discutir assuntos que estão encubados. Espaço que possibilita abertura para discutir temas relacionados a masculinidade, quebra de bloqueios.”; e “Aprender a: lidar de forma mais saudável com minha masculinidade e expressar meus sentimentos”. Em geral, autoconhecimento, necessidade de se relacionar de maneira mais profunda com outros homens, rever comportamentos machistas, falar mais abertamente sobre suas questões pessoais e refletir sobre aspectos das masculinidades foram as razões enumeradas nesse bloco que fecha o *survey*.

Logo, motivações pessoais e políticas tendem a mover esses homens, em sua maioria heterossexuais, para espaços em que compartilham com seus “semelhantes de gênero” questões que, ainda que sejam da esfera íntima, possuem em comum uns com os outros. Essas questões perpassam o lugar do homem na sociedade, a condição masculina frente à hegemonia de determinadas performances, o machismo enquanto componente da formação dessas masculinidades e o silenciamento da subjetividade masculina em prol da face do “machão”. Chamou a atenção o fato de que uma das respostas, citada acima, mencionou abertamente o desejo de contribuir com o “pensamento feminista”¹⁹, apontando para a presença de posicionamentos pró-feministas aí diluídos.

1.4 A trajetória dos coordenadores/representantes

Para saber mais sobre os entrevistados, precisei indagá-los a respeito de suas respectivas trajetórias e como se conectavam com o papel fundamental que ocupavam junto aos seus grupos. Nesse sentido, o roteiro incluiu a seguinte questão: “De onde deriva o seu interesse no tema das masculinidades? Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida, profissional e junto ao grupo”. O objetivo aqui era situar esses sujeitos no interior de narrativas que se relacionam, de certa maneira, com o seu interesse na questão das masculinidades e com o surgimento de uma “necessidade” de se organizar junto a outros homens para refletir sobre esse ponto, de maneira crítica acerca dos papéis sociais de gênero e das características que marcam o “masculino” e o “feminino”.

¹⁹ Dentro do contexto da resposta, “pensamento” seria um sinônimo para “movimento” ou “reflexão” e não “pensamento” no sentido teórico do termo.

Ouvindo esses homens, quando os questionava e depois ao revisitar as entrevistas, me deparei com sujeitos constituídos a partir de histórias distintas. Indivíduos cujas masculinidades foram constituídas em espaços, tempos e condições diferentes, mas que guardam aspectos em comum. Ao responder a essa questão, o primeiro entrevistado, João, falou que desde a adolescência carrega uma série de questionamentos, alimentados por leituras e vivências, referentes às noções estritas do que significa “ser homem”. Além do mais, fez terapia por anos, o que reforçou em si o desejo de responder a essa “interrogação” em torno da “masculinidade”.

Destarte, no âmbito da sua profissão, ele afirmou trabalhar com a perspectiva antropológica que envolve o lado social e pessoal daqueles/as com quem tem contato. O entrevistado também participou de vários grupos terapêuticos de maioria feminina, até mesmo como facilitador, antes de se inserir em grupos de homens. Foi somente com a primeira reunião do grupo ao qual se vincula, realizada em 2017, que teve a oportunidade de estar em uma iniciativa composta exclusivamente por homens e para tratar de problemas “masculinos”. Portanto, está no grupo desde o início e atualmente faz parte do conselho diretor, sendo corresponsável pelas decisões norteadoras do “projeto”.

Já o segundo entrevistado, Pedro, e o mais jovem com o qual conversei, ingressou nesse universo dos grupos de homens ao tomar conhecimento de uma pesquisa realizada pelo portal *Papo de Homem* em 2019, para o documentário “O Silêncio dos Homens”²⁰, que mostrava dados alarmantes a respeito da condição do homem brasileiro. Essa pesquisa lhe foi apresentada por uma amiga e funcionou como *start* em seu caminho pessoal até os grupos, embora o universo terapêutico já estivesse presente na sua vida. A partir daí, se atentou de forma mais consciente para a questão das “novas masculinidades”, indo participar de um grupo em uma turma que tinha duração de seis meses e do segundo grande encontro do grupo mais antigo, do qual se aproximou também e do qual hoje é assistente. Quanto ao seu caminho mais subjetivo, fala dele a partir da leitura de um importante livro, intitulado “Como deixar de ser um cara bonzinho”²¹.

Pedro: “Em que fala aí dessa perspectiva dos homens fracos né, de uma geração de homens fracos, que são esses homens que já não... Que negam a sua própria masculinidade. Muito embora eu tenha hoje alguns receios com alguns pontos da teoria dele, mas gostei bastante e fez muito sentido pra mim, na medida em que eu me identificava com esse homem fraco, sabe”

²⁰ Disponível no canal do Papo de Homem no Youtube através do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>

²¹ Em pesquisa posterior no buscador Google, não encontrei obra com esse título, apenas alguns textos em sites voltados para o público masculino que falam sobre como superar posturas masculinas lidas como “fracas”, principalmente no universo heterossexual.

Conforme sua resposta a essa questão e em outros momentos da entrevista, afirmou que era um homem muito preocupado em agradar às mulheres, sem antes olhar para as suas próprias vontades e que os grupos têm funcionado como locais de fortalecimento de sua masculinidade. Logo ao início de nosso diálogo, mencionou os feminismos e o como esses podem estar em conflito com certas demandas do “masculino”.

Pedro: “E daí, foi muito bom pra mim, eu fiquei nesse desejo de fazer parte de um grupo de homens como forma de me fortalecer de fato como um “homem”, de fortalecer um pouco essa minha identidade. Confesso que eu tinha muito uma crise assim que *é típico desses homens fracos* como traça esse autor, que são homens que estão assim muito preocupados de fato com a pauta feminista, o que é muito bom por um lado, mas que por outro é uma pauta muito “desconstrutivista” né... Constrói uma identidade violenta e negativa do homem, ao mesmo tempo não fornece uma identidade positiva, não constrói alguma coisa pra pôr no lugar”

Também afirmou que sentia um “vazio” na sua identidade masculina e que via no grupo um espaço de construção de um “masculino” livre e saudável para si.

Por sua vez, o terceiro entrevistado foi um homem negro com questionamentos que destoam do conjunto dos outros interlocutores. Chama a atenção a história de vida de Marcelo: de origem popular e periférica, se formou em Psicologia graças ao ProUni. Sua inserção na universidade foi algo inédito em sua família e comunidade, ocasionando uma mudança na sua trajetória.

Marcelo: “Então, eu sou um homem negro. A começar por aí. (...) Eu sou um homem negro, advindo da periferia do Rio de Janeiro que vou tocando a vida aí da forma que ela se apresentou. Começo a trabalhar muito cedo. Como a maioria das histórias de homens negros periféricos no Brasil. Dou entrada numa política pública chamada PROUNI, Programa Universidade pra Todos, e tenho acesso à graduação. Sou o primeiro da minha família a adentrar na universidade e isso cria um marco na minha família né... Isso muda a vida da minha família. Do ponto de vista objetivo, porque eu começo a ter acesso a estágios que me remuneram desde o terceiro período da faculdade e do ponto de vista simbólico também porque minha mãe começa a se envaidecer né...”

Ele tomou contato com o debate racial no ensino superior - ainda que não na sala de aula onde afirma que a questão de raça jamais foi abordada nos cinco anos de curso.

Marcelo: “Entro na faculdade, faculdade vai me dando acesso a estudos, a conhecimento, isso vai mudando a minha vida também, as relações que eu tenho... comigo mesmo e com os outros, começo a interpretar o mundo de uma nova forma né, e ok! Eu não vejo nada na graduação sobre raça, nada, absolutamente nada, zero! E a graduação de psicologia é uma graduação de cinco anos com muito conteúdo filosófico né, da biologia, e zero assunto sobre raça. E eu desperto pra psicologia social que tem um viés muito marxista na graduação que eu passei né. E ali eu tenho

alguns questionamentos, mas ainda muito, como eu posso dizer assim, muito ingênuo, muito ingênuo, mas depois da graduação eu vim pra Brasília e essa coisa da raça, ativada pelo social, ela começa a aparecer”

Em Brasília, o entrevistado se aproximou da questão de raça e atuou em diversas organizações de direitos humanos, atendendo pessoas negras, o que lhe fez incorporar a noção de “psicologia preta” que leva em conta as desigualdades sociais e raciais existentes na sociedade brasileira, na prática clínica. Nos seus processos de atendimento, percebe que muitos dos problemas psíquicos dos seus pacientes talvez não existiriam se ocupassem outro lugar na hierarquia social. Essas percepções lhe impulsionaram à organização em uma série de espaços sociais.

Marcelo: “E aí eu me junto com um grupo de psicólogos da Articulação Nacional de Psicólogos e Pesquisadores Negros do DF e aí eles vão me falando sobre essa psicologia que se interessa pelas questões raciais. A passagem pelo grupo cultural Obará é algo que também me impacta muito e traz pro meu corpo, enquanto dança, enquanto cultura, esse despertar pra essas questões da negritude e tal”

Seguindo essa linha, as “masculinidades negras” entraram na sua agenda de preocupações há aproximadamente cinco anos quando começou a conhecer melhor, em termos estatísticos, a condição do homem negro na sociedade brasileira.

Marcelo: “E aí o tema da masculinidade negra chega pra mim, assim, há uns cinco anos atrás porque os dados de morte apontam que os homens negros no Brasil são os que morrem mais. (...) E eu olho pra mim e eu falo “cara, tu é um homem negro!”, “cara, e a maioria das tuas amizades não estão mais aqui!” (...) “e a maioria dos teus amigos que tão vivos não chegaram onde você chegou, não tem graduação.”

A partir daí, estudou a figura do “homem negro” com base em perspectivas que o inferiorizam para só depois apontar para a construção da subalternidade desse homem no interior de uma estrutura racista com base em outras bibliografias de valorização da negritude. Sua incursão junto às questões raciais e junto à “psicologia preta” o levou a uma especialização em Políticas Públicas de Gênero e Raça e posteriormente a um mestrado, o qual encontra atualmente cursando.

Na sequência realizei a quarta entrevista, com Henrique, sujeito que coordena um grupo de homens que tem íntima ligação com questões religiosas. Entretanto, as motivações para se organizá-lo não são necessariamente espirituais. Ao responder à questão sobre a sua trajetória pessoal e profissional e sua relação com o tema das masculinidades, disse que o sentimento de uma masculinidade incompleta e o distanciamento da figura paterna foram fatores propulsores para os seus questionamentos.

Henrique: “Então cara eu acho que a minha história de vida de alguma forma tem a ver com uma ausência do masculino muito forte eu acho sabe, desde criança assim né. Desde adolescente e tal e eu só me toquei dessa ausência recentemente, sabe. Eu encarava essa ausência como sendo uma timidez, sei lá, uma insegurança. Só que aí com o tempo né, a gente vai estudando um pouquinho mais sobre autoconhecimento, vai lendo livros e tal, vai se entendendo melhor né cara com a nossa psique, eu percebi que essa insegurança na verdade era produto de uma ausência masculina na minha vida.”

Os grupos de homens mais uma vez aparecem aqui como locais de fortalecimento da masculinidade, não em um sentido de afirmação da virilidade *per se*, mas de reflexividade acerca do lugar do “masculino” nas vidas desses sujeitos. No caso dele, um sentimento de “fraqueza” foi ocasionado por episódios da vida e aspectos pessoais.

Henrique: “Eu acho que a relação com o meu pai, ela não era, ela nem sempre foi uma relação perfeita né. Eu acho que em muitos pontos talvez eu tenha sentido uma ausência paterna e aí eu fui percebendo muito isso assim, que essa ausência paterna de alguma forma fazia com que eu me sentisse menos homem né”

O “sentir-se” menos homem é algo que se repete, dizendo que sente insegurança com coisas tidas como “masculinas”, como dirigir e realizar tarefas mecânicas em casa como consertar objetos. Isso o fez pensar que não era um “homem de verdade”. Ele disse: “Ai eu comecei a procurar grupos masculinos também né, pra sarar as minhas feridas de ausência desse amor paterno, dessa segurança masculina” (Henrique).

O quinto entrevistado foi Francisco, professor universitário, com trajetória ligada às áreas das Humanidades. Falando um pouco sobre o seu percurso de vida, Francisco narrou episódios de sua infância, adolescência e juventude que, segundo ele, se conectam de maneira direta com a questão das masculinidades, com a sua busca por grupos de homens a partir de 2010 e com a sua iniciativa de fundar um grupo próprio com outros dois homens interessados na temática. Já quando criança, a sua relação com o pai foi de muita distância em função das circunstâncias envolvidas no seu nascimento.

Francisco: “Eu venho de uma criação em que eu não tive a presença paterna, então eu vivi uma ausência afetiva muito grande na minha história. Então eu venho de uma família em que a minha mãe com 22 anos ficou grávida de mim e foi expulsa de casa pelos meus avós, por ser mãe solteira na cidade de (...). Na época ela e meu pai tiveram uma relação extraconjugal e o meu pai então sumiu. Foi viver aqui em Brasília com a família dele, com a ex-esposa e alguns irmãos mais velhos. Então a minha trajetória desde a infância foi muito marcada por escutar histórias de que meu pai era mulherengo, de ficar muito na expectativa de ter a presença dele. Então isso foi digamos a minha primeira infância.”

Contou que na adolescência houve uma tentativa de reaproximação com o pai, marcada por muitos desafios, ao mesmo tempo que um dos poucos homens com os quais convivia, seu avô materno, teve problemas de saúde ligados ao alcoolismo. Nesse sentido, seu universo de referências masculinas foi marcado por um *gap* enquanto boa parte das suas relações familiares e de amizades se davam com mulheres.

Francisco: “Em um segundo momento, já na minha adolescência, no início da adolescência, houve uma tentativa de... de... de encontro com meus irmãos de parte de pai e aí eles me batiam. Uma tentativa de aproximação do meu pai, mas a esposa dele também era um pouco resistente e foi um pouco traumático. Nessa mesma época, o meu avô materno ele foi pra um centro de recuperação de alcólatras, a famosa Fazendinha, no interior de Minas Gerais, e eu e minha mãe fomos morar com a minha avó materna. (...) Eu convivia com muitas mulheres: a minha avó, as minhas tias, as minhas primas. A presença do meu avô era ausente e a referência dele era do alcoolismo, da violência. Logo em seguida ele retorna e teve câncer de laringe, fruto do uso do cigarro por muitos anos e aí a gente acompanha todo o adoecimento dele. (...) Esses recortes na minha história fizeram com que na minha vida adulta eu sentisse muita ausência de relações masculinas com amigos, com homens assim, e sempre tivesse mais relações com mulheres.”

Essa sensação de “anomia” em relação a sua própria identidade de gênero masculina fez com que, ao final dos anos 2000, tenha procurado espaços onde era possível construir novas relações masculinas e superar questões que ele já tentara elaborar por meio de processo psicoterapêutico.

Francisco: “E por volta do ano de 2010, eu comecei a buscar na psicoterapia olhar pra essas questões, relacionadas a ausência afetiva do pai, as dificuldades de relacionamento que eu tinha, as dificuldades de me enxergar como um homem dentro dos moldes da cultura né. Então todo esse movimento me levou a participar do grupo que hoje se chama Casa dos Homens, mas na época não tinha um nome esse grupo, que era um grupo de exercícios corporais para homens, exercícios de core energetics para homens e como eu estava em formação na core energetics eu entrei nesse grupo. Isso foi volta de 2011 e ali foi muito importante”

Participando de grupos de homens, fez amizade e teve acesso a novas perspectivas masculinas, trazendo para si momentos de aprendizado que posteriormente foram cruciais para que ele, junto a dois amigos, tivesse a iniciativa de criar um grupo.

Francisco: “Eu fiz boas amizades, eu escutei histórias de homens mais velhos que já eram casados. De homens que tinham relacionamentos homossexuais, homoafetivos. Enfim, eu convivi com homens de uma maneira mais ativa, porque ao longo da minha história eu tive poucos amigos e poucas relações masculinas. (...) nesse processo eu resgatei bem essa minha relação com meu pai, com meus irmãos e vivi toda a minha formação acadêmica, terapêutica e só no ano passado mesmo eu me senti a vontade de trabalhar com esse tema na perspectiva terapêutica”

O entrevistado também trabalha a questão das masculinidades de uma perspectiva acadêmica, pois sempre teve contato com os estudos de gênero e foi afetado por causas sociais. A partir de 2015, na condição de professor universitário, esse contato interessado se converteu em reflexão acadêmica e ele passou a imergir nos estudos sobre masculinidades com os quais lida atualmente. Logo, em sua história de vida, existe um movimento que é pessoal e terapêutico e um movimento que é político e acadêmico.

E por fim, questionei o sexto entrevistado, Daniel, que se auto identifica como homem homossexual, acerca da sua trajetória. Ele é coordenador do grupo voltado a sujeitos masculinos que se identificam com a homo afetividade, mas que não necessariamente está focado em discutir questões relacionadas à sexualidade, sendo uma proposta terapêutica que abarca discussões que emergem a partir da subjetividade dos seus integrantes. Revendo a gravação, me deparei com vários trechos inaudíveis durante a resposta a essa e outras questões, o que prejudicou a compreensão do diálogo. Ainda assim, constatei que o entrevistado já vinha se perguntando sobre o tema ao longo da vida, ainda que tenha sido apenas nos últimos anos, por meio da sua participação no grupo mais antigo do DF, que se viu imerso em um espaço onde muitos homens buscavam refletir sobre o masculino, o que o motivou posteriormente a criar um grupo.

Daniel: “Então antes de mais nada eu me perguntava pra mim mesmo “o que é que é ser homem?”. “Como se constrói um homem?”. Então isso faz parte do meu processo terapêutico.”

Destarte, as respostas para essa questão foram variadas. Alguns optaram por falar sobre fatos de sua infância e adolescência, relacionados à ausência paterna, enquanto outros enfatizaram questionamentos centrais, alimentados recentemente ou ao longo de suas trajetórias, que os levaram a participar ou estar à frente de grupos de homens, espaços nos quais foi possível elaborar seus dramas e angústias e levá-los a um público de sujeitos com problemáticas similares. Mergulhados nessa experiência de “irmandade”, esses homens reconstróem as suas histórias por meio da fala, da escuta e do corpo.

A tônica de uma masculinidade a ser completada, a ser resgatada ou a ser conquistada me apareceu desde os primeiros momentos. Observando os grupos pelo *WhatsApp*, as entrevistas, os formulários e as páginas dos grupos, me apercebi da existência de uma ideia de que a “hombridade” não é algo dado biológica ou mesmo socialmente instituído, mas um elemento da essência do homem que precisa ser trabalhado constantemente e junto a outros

homens, em busca de um equilíbrio ou estabilidade que repercutirá no bem-estar da vida psíquica e interpessoal dos sujeitos “masculinos”.

1.5 A fundação dos grupos

A partir do mapeamento dos grupos no DF, já possuía noção desse processo inicial relativo às iniciativas estudadas. Entretanto, incluí as seguintes questões no roteiro de entrevistas: “01 – Quando e por qual motivo houve a criação do grupo?” e “03 – Quais são as principais atividades e debates realizados pelo grupo no seu início? Estas se mantêm as mesmas?”. O objetivo aqui era ter uma visão mais aprofundada a respeito desse princípio e de como os grupos se desenvolveram. O que teria levado esses homens a tentar racionalizar, das mais diferentes maneiras, os dramas decorrentes das suas masculinidades? A partir das narrativas de sujeitos que vivenciaram esses momentos, fui remetido à história do nascimento de parte deste “movimento” pela valorização de outras masculinidades.

Os dois primeiros entrevistados fazem parte do mesmo grupo, o maior em atividade no DF, e narram histórias parecidas. O grupo teve início em 2017 a partir de uma reunião para homens na qual foi exibido o documentário “The Mask You Live In” (2015) da cineasta estadunidense Jennifer Siebel Newson. Os participantes dessa reunião decidiram se manter em contato a partir desse momento, criando um grupo de whatsapp (Grupo *online* 01 desta pesquisa). Esse grupo visava discutir questões próprias ao “masculino”, mas com o retorno de um dos seus integrantes de uma viagem à Austrália onde esteve em um encontro de homens que surgiu a ideia de marcar reuniões presenciais que tiveram andamento a partir de 2018. Nesse ano, foram agendados dois pequenos encontros – com discussões que se estenderam por um dia – e um grande encontro com atividades que alcançaram a marca de três dias. Conforme o site *Papo de Homem* (2018) noticiou na época, esse “encontro” foi realizado em uma espécie de fazenda, afastada de Brasília, contando apenas com a presença de homens, que tinham acesso a uma programação “reflexiva” e contavam com momentos de lazer e alimentação, ficando desconectados de redes de telefonia e internet.

O segundo entrevistado trouxe um dado importante. Atualmente o grupo está em processo de institucionalização, a fim de ser reconhecido como pessoa jurídica, tendo em vista que a iniciativa já conta com um estatuto interno, mas não foi formalizado. Quanto às atividades desenvolvidas desde o seu início, afirmou que o grupo realiza três encontros anuais: dois pequenos encontros e um grande encontro realizado mais próximo ao fim do ano. Desde a sua entrada, outras iniciativas têm se desenvolvido como a criação do blog no qual são publicadas

entrevistas referentes aos mais diferentes temas. Projeta-se que o blog também contará com textos escritos pelos próprios participantes. No seu período de participação também aconteceu o avanço dos grupos de WhatsApp, considerados atividades abertas que envolvem trocas dialógicas entre os homens.

O outro entrevistado afirmou que os encontros do grupo são esporádicos por não possuírem fins lucrativos e não serem cobrados. O grupo mantém três encontros anuais e as conversas que se dão fora deles ocorrem no grupo de WhatsApp, marcado por regras bem delineadas a fim de manter a boa convivência interna, embora alguns conflitos tenham se dado, gerando a saída de integrantes. Também afirmou que ao longo dos anos os temas vêm se repetindo, com aprofundamentos e novas perspectivas. Nesse universo do WhatsApp, existem três grupos: o Grupo *online* 01, o Grupo *online* 02 e o Grupo *online* 03. Nesse último, do qual não participei, haveria maior liberdade ao diálogo (permitindo correntes, propagandas e conversas sobre política em contraponto aos demais fóruns da rede). Na sua visão, os encontros presenciais seriam momentos de expor abertamente depoimentos e narrativas do “eu”, já que no WhatsApp o debate fica reduzido à escrita de mensagens.

O terceiro entrevistado afirmou, a propósito de quando e por quais razões o grupo que representa foi criado, que a iniciativa foi fundada em 2018 na ocasião de comemorações de 01 ano do restaurante que abriga o grupo, envolvendo várias atividades dentre elas a iniciativa. Antes de 2018, desde 2016, alguns homens vinham se reunindo de maneira informal ou por grupos de WhatsApp, para falar sobre problemáticas relacionadas às masculinidades negras. Foi nessa época que a ideia de um “grupo” de homens negros foi amadurecendo até haver a oportunidade para sua fundação. Para o entrevistado, pelo fato de ocupar uma posição de terapeuta psicólogo, a reunião, denominada de roda, acabou ficando associada à sua figura, tendo em vista que os primeiros encontros eram tocados por ele. Nas suas palavras: “A roda não é minha. A roda não é uma criação minha. O fruto dessa roda vem de praticamente seis figuras né. Além de mim” (Marcelo).

Além dele, que é psicólogo, há um pedagogo, um professor universitário, um doutorando, um professor da rede pública de ensino e um bibliotecário entre os idealizadores da roda. Na sua visão, o grupo é composto majoritariamente por homens negros de classe média, mas que de forma alguma estão livres da ameaça do racismo e que, portanto, tem discutido ativamente as estratégias de resistir a ele. Fez questão de ressaltar que esse tipo de iniciativa não é algo inovador, mas sim herança do movimento negro e das mulheres negras que trazem lições relativas à organização em grupo.

Sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo desde o início e as alterações sofridas ao longo do tempo, ele afirmou que nos últimos dois anos as discussões têm girado em torno da questão da “sobrevivência” e da “paternidade”. Não sobre como ser um pai melhor, mas sobre a ausência paterna na vida desses homens e na repetição dessas narrativas de abandono nas suas vidas. “O que é ser homem negro?” é um tema que também se repetiu. Os encontros do grupo não são estruturados, diferentemente dos grupos terapêuticos. A partir de acordos entre os participantes, os temas vão sendo delineados. Outras atividades como a distribuição de absorventes em presídios femininos e doações foram realizadas por parte do grupo enquanto extensão social de suas ações. Por fim, afirmou que o grupo ainda se reúne em área elitista do DF e que é necessário descentralizar as suas ações.

Quanto ao surgimento do grupo Donald Winnicott, coordenado pelo quarto entrevistado, refere-se à sua participação no primeiro grande encontro do Sigmund Freud em 2018, se sentindo impressionado na ocasião e tendo a ideia de levar as discussões ali realizadas à espiritualidade. Com isso, ele e outros praticantes fundaram um grupo no interior da sua organização religiosa para atender às demandas e necessidades dos homens²². Sobre as atividades do grupo desde o início, disse:

Henrique: “...as atividades iniciais eram temas relacionados à vida do homem né. O primeiro tema foi “o que é ser homem”, eu acho que é muito importante né a gente definir e obviamente não tem uma definição, é algo muito subjetivo né, mas ao mesmo tempo é um diálogo muito libertador assim conversar sobre o que é ser homem né, porque é um conceito muito subjetivo, cada um tem sua visão sobre o que é ser homem, tava todo mundo certo, desde que não seja uma visão muito limitada, ai eu considero muito válida a visão de todos os homens que falaram no dia sobre isso. Eu não reprovo e não reprovei nenhuma visão que eu escutei, nenhuma opinião que eu escutei, ai depois veio o tema “o homem e o pai”, porque o pai é essa figura tão importante na vida de um homem, é o grande referencial né que a gente acaba imitando o pai, consciente ou inconscientemente a gente acaba imitando. (...) Depois veio “o homem e a mãe” pra gente olhar pro nosso feminino também”

Foram abordadas também questões relativas às emoções, sexo, amizade, relações amorosas, carreira profissional e dinheiro etc.

Henrique: “Porque o homem, na maioria das vezes, é muito fútil em relação às amizades. Quer conversar sobre futebol, política, sexo com toda vantagem. Ninguém fala das suas feridas assim sabe. Ninguém fala assim pros amigos, “ah eu estou com ejaculação precoce”, alguma coisa assim nesse sentido, tipo a galera só quer contar vantagem, então fica em um nível muito superficial assim.”

O entrevistado falou que a grande vantagem da existência de um grupo masculino é o mútuo respeito, a abertura para uma série de temas, a ausência de julgamento e a diversidade

²² A companheira do quarto entrevistado coordena um grupo de mulheres na mesma instituição religiosa.

de participantes. Para 2020, foi montada uma programação que levava em conta alguns temas já abordados, mas que eram novamente solicitados. Essa programação não pode ocorrer em razão do distanciamento social e da não adaptação do grupo ao universo *online*. Uma dessas questões na programação mais recente seria o afeto, já que os homens são “travados” para abraçar e beijar outros homens como demonstração de carinho.

O grupo coordenado pelo quinto entrevistado surgiu em julho de 2019 a partir da ação e coordenação de três pessoas: dele próprio, professor universitário, e de mais dois amigos, um ator e professor de jiu jitsu, e o outro urologista e especialista em saúde sexual masculina²³. Desde o princípio, a sua intenção era partilhar vivências masculinas e trabalhar com o corpo masculino de maneira mais terapêutica, mais saudável. A ideia de criar um grupo já lhe havia ocorrido aproximadamente quatro anos antes, mas a ideia foi amadurecendo até o ponto de oferecer a primeira turma de formação apenas no segundo semestre de 2019, contando com a participação de homens diversos, que se mostravam interessados em atravessar o que definiu na entrevista como uma “jornada”. Quanto às atividades realizadas pelo grupo desde o seu início, destacou:

Francisco: “O trabalho central é o que a gente chama de vivências terapêuticas e rodas de conversas para homens. A gente se organiza em turmas que funcionam em dois tipos de turma: uma turma de sete encontros e uma turma de dezoito encontros. Uma que é introdutória, uma que é de aprofundamento. No momento esses encontros são quinzenais e até a turma quatro a gente fez tudo presencial”

A partir da quinta turma, as atividades passaram a ser *online* em razão da pandemia de Covid 19. Presencial ou virtualmente, o grupo já abordou uma plêiade de temas ainda que tenha pouco mais de um ano de existência.

Francisco: “E qual que é a proposta? A proposta é que através desses encontros a gente dialogue e faça vivências sobre algumas áreas da vida. E quais são as áreas? A primeira delas é corpo e saúde (...), a segunda área da vida é trabalho, finanças e, a gente tá chamando nesse momento, propósito, (...) a terceira esfera da vida é a esfera, deixa eu ver aqui, da família (...) a gente trabalha figura materna, figura paterna, e figuras que podem ser vistas como irmãos (...) e o quarto encontro, ou quarto tema, é o encontro das amizades masculinas (...) a gente entra na esfera dos relacionamentos amorosos e afetivos e depois na sexualidade e por fim na espiritualidade”

De cada uma dessas áreas, são apreendidas diversas dinâmicas e temáticas que envolvem aquilo que é desafiador e vulnerável a esses homens e quais são os caminhos a serem adotados para lidar com essas vulnerabilidades. Uma das vivências mencionadas pelo entrevistado se refere à convocação para que assumam um personagem e reflitam a respeito daquele papel. Ao trabalhar com o tema da família, a questão das constelações familiares

²³ A companheira dele também coordena um grupo, voltado ao público feminino.

aparece como central, dando vez a uma abordagem mais terapêutica onde aparecem perguntas como “quando nasce o pai?”, “o pai nasce quando o filho nasce?”, além de outras questões como:

Francisco: “Você teria disposição pra deitar no colo de um amigo e chorar? Pra muitos isso é um absurdo. (...) Querendo ou não, a grande maioria dos homens que chegam pra gente são homens brancos, heterossexuais, classe média e que tem uma certa homofobia sutil guardada ali no modo de se expressar”

No interior das turmas de formação, são estimulados o toque, as relações de partilha em pequenos grupos, além da análise de “pendências” no interior de amizades e outras relações de afeto. Em suma, a reflexão acerca das masculinidades tendo em vista a produção de novas corporeidades. Além disso, no grupo, vigoraria a diversidade, por meio da presença de homens *gays*, heterossexuais e poli amorosos. Nessa toada, um dos seus coordenadores, especialista em sexualidade masculina, compartilha o chamado protocolo de saúde sexual e corporal nos encontros sobre sexualidade, onde são abertos diálogos críticos sobre a centralidade do pênis no prazer masculino e a utilização da pornografia por homens. Ao final dos encontros, ocorrem celebrações a essa passagem do “antes” para o “depois”, marcando a inserção dos participantes na comunidade do grupo. Francisco discorreu também sobre os principais fundamentos desse trabalho:

Francisco: “A gente costuma dizer que (...) surge da ideia de dar valor a fundamentos, a coisas que seriam essenciais. E a gente costuma dizer que são três as coisas: uma é a construção de autocuidado e de cuidado, que a gente tá chamando de “masculinidade saudável”, esse é um termo ainda meio confuso, mas a gente fala bastante disso; o outro que é a equidade de gênero que seria então essencial relacionamentos que são respeitosos, que respeitam a diversidade das expressões e o outro que é a cultura de paz, que é menos violência, menos agressividade, canalizar um pouco essa raiva distorcida, olhar um pouco mais pra esse espaço de educação emocional”

O grupo coordenado pelo sexto entrevistado teve início no primeiro semestre de 2019 após a sua participação ativa no maior grupo do DF onde percebeu uma demanda específica de participantes que se identificavam com a homo afetividade. Vale lembrar que o Grupo Sigmund Freud tem maioria heterossexual, o que está expresso pela ênfase nas discussões sobre o papel do pai na criação dos filhos. Sobre as principais atividades realizadas pelo grupo desde o início:

Francisco: “Eu sou um psicoterapeuta corporal. Isso significa que eu sigo uma linha da psicologia que é a análise bioenergética que é uma abordagem psicocorporal. Então esse grupo, (...), é um grupo de psicoterapia em que a gente faz vivências. Então há o momento das vivências e há o momento dos diálogos. O que se discute no grupo não sou eu que levo a discussão. É o que o grupo traz emerge naquela dinâmica coletiva, que é o que é discutido”

Conforme o entrevistado, a identificação com a homo afetividade não pressupõe que o grupo seja voltado à discussão sobre a sexualidade e a orientação sexual, mas sim à

subjetividade individual. A sexualidade é um fator comum na identidade dos participantes e não um ditador do ritmo das discussões. Destarte, a abordagem do grupo enfatiza a “homo afetividade” e não a “homossexualidade”, pois há homens que não necessariamente se relacionam sexualmente com outras pessoas do mesmo gênero, mas possuem questões em relação ao próprio desejo, passando por processos de compreensão e transição internas.

Todos os grupos abordados foram criados na década de 2010, o que indica o avanço no debate sobre masculinidades em alguns redutos da sociedade brasileira e a maior consolidação da reflexão acerca da condição masculina em nosso contexto. Conforme as narrativas dos sujeitos entrevistados, os temas abordados, possuem similaridades entre os grupos, assim como as atividades, pautadas na fala, escuta e mediação entre os homens, parecem se repetir. Mas não é apenas a constatação empírica e a emissão de discursos que fornece compreensão do surgimento dos grupos de homens. Entender a gênese e o desenvolvimento dessas iniciativas no DF e no Brasil dos nossos tempos passa pela compreensão de como dialogaram com os estudos sobre os homens (e vice-versa), que possuem com os grupos masculinos aquilo que Max Weber, inspirado no romancista alemão Johan Wolfgang Von Goethe (1809), chamaria de “afinidades eletivas”.

1.6 Os estudos sobre o homem

Com o fortalecimento dos *estudos sobre a mulher* e dos *estudos de gênero* na academia, se fortalece, a partir dos anos de 1980, uma reflexão importante: assim como a “mulher”, o “homem” é também uma construção social. Sem os padrões socioculturais que subjazem a esses termos quando a eles nos associamos no dia a dia, nada mais são do que significantes vazios. Diferentemente de entidades com características fixas e imutáveis, “homem” e “mulher” são constituídos a partir de processos de socialização que resultam em seres ontologicamente instáveis e precários. O que prevalece são atos performáticos que reiterados insistentemente criam a impressão de que masculinidades e feminilidades, em suas versões tradicionais, são componentes fixos pertencentes à ordem da natureza (BUTLER, 2019)²⁴.

Quando se pensa em masculinidades, esses atos performáticos remetem à força, dureza, atividade, heterossexualidade e insensibilidade. A atividade aqui tanto pode significar iniciativa e destreza no mundo público quanto postura sexual de dominação (GROSSI, 2004). Nas últimas

²⁴ Um dos debates contemporâneos que tem tensionado as definições dos gêneros masculino e feminino é justamente o reconhecimento das identidades transmasculinas e transfemininas que apresentam, nos espaços públicos, a conjugação entre figuras masculinas e órgão genital tradicionalmente associado às “mulheres” e figuras femininas e o órgão genital tradicionalmente associado aos “homens”.

décadas, entretanto, esse modelo conservador está em contestação e um passo significativo para isso se deu pela via dos *estudos sobre masculinidades*, agenda de pesquisas criada nas universidades canadenses e estadunidenses no bojo das transformações culturais do pós-68²⁵. Um marco nesses estudos foi o trabalho da teórica australiana Raewyn Connell que, em 1982, publica *Class, Patriarchy and Sartre`s Theory of Practice* no periódico norte-americano *Theory and Society*. Conforme Connell (1982), existe um modelo de masculinidade o qual todos os homens orbitam ao redor a fim de serem reconhecidos como dignos de sua “hombridade”. Essa ideia ficou conhecida na literatura como “masculinidade hegemônica”.

A própria Connell, em parceria com Messerschmidt (2013), revisou essa questão décadas mais tarde, sendo, portanto, a nova acepção ora referenciada. Para ambos/as, a masculinidade hegemônica, que se refere ao núcleo tradicional que vários homens rejeitam, “não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria de homens talvez a adote” (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.245). Entretanto, mantém-se a partir dela um ponto normativo, cuja essência é a virilidade, e que baseia a busca pela estabilidade de prerrogativas concedidas aos homens, por exemplo, na divisão sexual do trabalho. Essa normatividade influencia, com as devidas diferenças, homens de distintos perfis raciais, de classe, etnia, respeitadas as oscilações. A masculinidade hegemônica também não é a mesma em locais e épocas distintos. Se no século XVIII estava associada aos artesãos e proprietários rurais que cuidavam dos seus domínios; em tempos de globalização muito se aproxima da figura do executivo ou esportista recordista em sua categoria (KIMMEL, 1998). As identidades são permeáveis às transformações conjunturais, o que leva aquilo ontem valorizado a se tornar subordinado amanhã (SILVA, 1999).

Na toada desses processos, conforme Kimmel (1998), um dos principais nomes dos *man studies*, a hegemonia de certas masculinidades irá conviver com a subalternidade de outras: por isso, socialmente falando, homens brancos estão acima de homens negros, homens heterossexuais estão acima de homens homossexuais, burgueses acima de operários e assim por diante. Essa valorização social de determinados lugares do “masculino” permite que um “homem” se constitua não apenas pela dominação das mulheres e crianças, como afirma a socióloga Heleieth Saffiotti (1987, 2004), mas também pela dominação de outros homens. Logo, o lugar de invisibilidade da própria experiência como marcada por opressões a outros seria um privilégio do homem branco e heterossexual – paradigma das representações

²⁵ O conceito de “masculinidade hegemônica” começa a ser elaborado nesse período (CONNELL, 1995).

universalizantes – e não de todos aqueles que se identificam e são identificados com o gênero masculino.

No Brasil, a chegada dos estudos sobre masculinidades se dá a partir dos anos de 1980, quando começam as primeiras publicações e se organizam os primeiros eventos acerca do tema no país. Um dos nomes proeminentes desse campo foi o psicanalista carioca Sócrates Nolasco, organizador de antologias como *O Mito da Masculinidade* (1993) e *A Crise do Masculino* (1995), e organizador do I Encontro da Associação Brasileira de Pesquisas sobre Masculinidades em 1995. Destacam-se ainda no debate inicial desse tema no Brasil: Benedito Medrado, Miriam Grossi, Pedro Paulo de Oliveira, Rita Segato, Lia Zanotta Machado e Berenice Bento, esta com a dissertação de mestrado *Um Certo Mal Estar: Queixas e perplexidades masculinas*, defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília em 1998 e publicada em 2012.

Atualmente este campo se encontra estruturado no país, com pesquisas que abarcam desde as masculinidades negras, *trans*, homo e bissexuais, até as masculinidades brancas e heterossexuais, sínteses do ideário do “macho” em nossa sociedade. Os estudos sobre o tema tem se concentrado nas áreas da Psicologia e das Ciências Sociais, sendo recentemente representados por nomes como Adriano Beiras, Jorge Lyra, Túlio Augusto Custódio e Eduardo Schwarz, que atuam dentro e fora da universidade a fim de promover a importância da discussão de gênero sob a ótica do “masculino”. Os trabalhos a respeito da questão são acompanhados também por literaturas não acadêmicas, projetos e debates que ajudam a compreender a condição dos homens brasileiros na contemporaneidade.

As discussões sobre masculinidades têm como uma de suas principais contribuições colocar abaixo a ideia de que “gênero” é sinônimo de “mulher”, noção equivocada no senso comum até hoje. Geralmente quando se pensa em violência de gênero ou políticas de gênero, pensa-se em violência contra a mulher ou políticas para a mulher (CONNELL, 2015; CONNELL, PEARSE, 2016). Essa dificuldade de associar os “homens” ao “gênero” possui consequências negativas, tendo em vista que também se constituem relacional e socialmente, bem como possuem marcas específicas dessa ordem: uma delas se relaciona à saúde masculina. No país, são os homens as maiores vítimas de mortes prematuras e de comorbidades que reduzem a expectativa de vida (BRAZ, 2005)²⁶. Além disso, estão mais envolvidos com o alcoolismo e a dependência química; são mais acometidos por problemas de saúde mental como depressão e ansiedade e cometem mais suicídios que as mulheres (BAÉRE; ZANELLO,

²⁶ A tematização da relação entre gênero e saúde envolve questões como reprodução e contracepção; violência de gênero; sexualidade e saúde; trabalho e saúde; envelhecimento e saúde mental (LYRA, MEDRADO, 2008).

2020)²⁷. Logo, esse campo de estudos tem contribuído para a reflexão relativa à organização social das desigualdades de gênero no que toca às masculinidades e as dimensões local, institucional e global a partir dela geradas (LYRA, MEDRADO, 2008).

Os problemas que homens e mulheres herdam da ordem do gênero estão relacionados ao sexismo estrutural que perpassa os fenômenos sociais e os processos de socialização. A partir desses processos, a ordem social, constituída a partir de concepções subjetivas, é internalizada pelo sujeito na forma de uma realidade objetiva. Contribuem para isso o fato de que as práticas e interações sociais ocorrem como se possuíssem “um status ontológico independente da atividade e da significação humanas” (BERGER & LUCKMANN, 1999, p.124-25). No caso da ordem de gênero essa espécie de “ontologia” é concedida a partir de uma associação com a biologia e, no Brasil, com crenças religiosas. Associação essa falsa, já que os estereótipos de gênero precisam ser constantemente invocados²⁸.

Nesse sentido, a criação de um garoto nos padrões patriarcais é algo árduo. Longe de possuir ares de espontaneidade e automatismo, implica diferentes estágios que tem como pilar a ideia de que a masculinidade deve ser posta em exibição aos demais nos diferentes círculos sociais. Não é possível ser um homem sem afirmar repetidamente aquilo que se é. Nas atividades físicas, nas conquistas afetivo-sexuais, na política, na economia ou nos negócios: sempre há tempo para mostrar como a masculinidade de um indivíduo o posiciona de maneira superior aos demais. Consequências disso residem no fato de que se negligencia os cuidados consigo e faz o uso de táticas de violência em momentos nos quais significa a própria vida em risco. Dessa forma, os homens estão abaixo das mulheres quando o assunto é expectativa de vida, o que deve chamar a atenção quando se restauram as análises da relação entre gênero e masculinidades (CONNEL, PEARSE, 2016). Os homens recebem acesso aos espaços masculinos considerados legítimos a partir da exibição do estatuto da virilidade, sendo muitas vezes os mais jovens introduzidos nesse universo “masculino” pelos mais velhos (GROSSI, 2004; SEGATO, 2005). Rituais de “iniciação”, alinhados a esses processos sociais, são advogados por algumas das obras que fundamentam a atuação dos grupos masculinos, sob a justificativa de “produção” de uma masculinidade mais estável.

²⁷ As pesquisas sobre os homens ganharam força nos anos de 1980 e 1990 com a questão do HIV/AIDS, então emergente.

²⁸ Porém como pontuam Berger e Luckmann: "A ordem social não é dada biologicamente nem derivada de quaisquer elementos biológicos em suas manifestações empíricas. Não é preciso acrescentar que a ordem social também não é dada no ambiente natural do homem, embora certos aspectos particulares deste ambiente possam ser fatores que determinem aspectos de uma ordem social (por exemplo, sua estrutura econômica ou tecnológica). A ordem social não faz parte da "natureza das coisas" e não pode ser derivada das "leis da natureza". A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana." (BERGER & LUCKMANN, 1999, p.76).

Para Oliveira (1998), a naturalização desses fenômenos tem como consequência a solidificação de uma suposta ontologia do “masculino” e do “feminino”, o que contribui para “eternizar” as posições e papéis a serem ocupados por homens e mulheres. Outro rol teórico muito utilizado e que dá continuidade a alguns desses problemas é o que Oliveira (1998) irá chamar de “discursos vitimários”, que florescem em cima dos “discursos psicologizantes”. Nele, a ênfase se dá em mostrar que os homens são reféns dos papéis impostos pelas masculinidades em um mesmo grau no qual as mulheres são reféns dos papéis impostos pelas feminilidades (FERREIRA, 2012; OLIVEIRA, 1998). Os problemas dos homens seriam de ordem subjetiva já que a masculinidade socialmente determinada a todo tempo entra em confronto com o *self* íntimo desses sujeitos. Os papéis masculinos a serem cumpridos tornariam os mesmos incapazes de expressar a sua personalidade e as suas emoções e faria com que uma ordem externa constantemente se reproduzisse por meio dos seus comportamentos, muitas vezes sexistas. Essa linha é ferozmente criticada por trabalhar com a noção de que o indivíduo não possui agência para fazer frente às coerções sociais vigentes, sendo ligada às teorias funcionalistas, e por ignorar o lugar das interações cotidianas entre homens e mulheres e as relações de poder que delas resultam. Perspectivas que veem os papéis masculinos como “frutos” das dinâmicas do sistema capitalista também desembocariam nos mesmos erros. Essas estariam mais ligadas ao pensamento marxista (op.cit, 1998).

Ao pensar o gênero como a organização social da diferença sexual nos termos de Joan Scott (1995), adoto aqui a perspectiva relacional e de poder, em que as masculinidades estão intimamente relacionadas às feminilidades, o “masculino” dito hegemônico é constituído de maneira sistêmica e ao mesmo tempo superior ao “feminino”, em tal grau que a existência social de um desses constructos se vincula de forma inexorável ao outro. Concomitantemente, compreendo as masculinidades no plural, considerando a heterogeneidade da população masculina e rejeitando quaisquer concepções que trabalhem com afirmações generalizantes e válidas para o conjunto dos homens de modo monolítico, ainda que reconheça a existência de questões que os perpassam de maneira comum na história do patriarcado no Ocidente, no país e nas suas regiões, independente dos marcadores sociais da desigualdade que carregam ao longo das suas trajetórias individuais, pelas quais vão se tornando homens ao longo da vida.

1.7 O gênero em questão

O termo “gênero”, marcado pela polissemia, é central na compreensão daquilo que se entende por “masculinidades”. Pode-se afirmar que, enquanto conceito dos *gender studies*,

concerne às relações entre homens e mulheres, entre as próprias mulheres, entre os próprios homens (BERENI, 2008) e entre esses e aqueles que carregam identidades de gênero ascendentes na contemporaneidade²⁹. A ascensão do “gênero” nas Ciências Sociais se dá a partir da década de 1970 com o trabalho da antropóloga Gayle Rubin intitulado *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do patriarcado*, embora o surgimento do mesmo se dê nos trabalhos sobre transexualidade do psicanalista Robert Stoller, publicados nos anos de 1960. Em *O tráfico de mulheres*, Rubin, a partir de um diálogo com as teorias marxistas e freudianas, afirma que o gênero está para o sexo assim como a cultura está para a natureza, ou seja, o “gênero” seria uma construção social que dá significação para os corpos que são biológicos (RUBIN, 2017). Essa perspectiva, mais conhecida como matriz sexo/gênero, dominou as discussões por anos nos estudos de gênero, herdando uma concepção dicotômica que opõe o “natural” ao “artificial”. Já em 1990 com a publicação de *Problemas de Gênero*, Butler irá questionar a própria caracterização do “sexo” como “masculino” ou “feminino” em termos biológicos. Segundo ela, para que esse quadro possa existir, o “biológico” é necessariamente antecessor de uma realidade discursiva socialmente atribuída, o que implica dizer que o “sexo” é também um elemento arbitrário e discursivo (BUTLER, 2003).

Contemporânea de Butler, e partindo de outra perspectiva, Joan Scott, uma historiadora e feminista estadunidense, lançou um texto que teve enorme repercussão na produção bibliográfica das ciências humanas brasileiras, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, traduzido para o Brasil na revista *Educação & Realidade* em 1995. Nele, Scott apresenta uma definição que se tornou clássica: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86). Ou seja, a compreensão da ordem de gênero é atravessada por um entendimento das relações cotidianas que homens e mulheres travam nas esferas pública e privada, já que essa categoria permeia a própria estruturação das relações sociais. Socializados nesse panorama, os sujeitos passam a reproduzir masculinidades e feminilidades³⁰ desde os seus mínimos gestos até os seus discursos na esfera política. Trata-se do exercício de macro e micropoderes que produzem opressões diárias em decorrência de marcadores de gênero e sexualidade.

²⁹ Como pessoas que não se identificam no espectro da binariedade

³⁰ Tomando como referência Giddens (2013): o indivíduo não é um agente passivo da ordem social. Ao mesmo tempo, que a incorpora, ele a retroalimenta por meio da sua capacidade de agência e da recursividade das práticas sociais estabelecidas (GIDDENS, 2013).

O “gênero” está por trás de relações de tensão presentes na vida diária como quando um homem assobia para uma mulher ou decide segui-la na rua quando a julga atraente, quando relega a ela toda a carga do trabalho doméstico exigindo o bom cuidado com a casa e com os filhos; quando afirma, ao término de um relacionamento, que a sua companheira jamais será capaz de se reestabelecer a própria vida sem a sua presença; ou quando compreende que a relação sexual deve ser uma via unilateral de vontade e prazer. Relações de gênero, enquanto relações sociais, constituem o tecido social e possuem raízes históricas. Conforme a “era” histórica e a sociedade, as formas de ser homem e ser mulher variam, com certos comportamentos sendo considerados “masculinos” ou “femininos” em algumas localidades e temporalidades e em outras não. Com isso, variam no tempo e espaço os padrões de gênero (BADINTER, 1986).

Isso implica dizer que, embora a sociologia seja uma ferramenta disciplinar útil para desvendar esse sistema, é necessário mobilizar recursos da história, da antropologia e de áreas afins para abarcar a maneira pela qual as questões de gênero se manifestam coletivamente. Implica também afirmar que esse debate não é feminino, como fazem crer as associações de “gênero” com “mulher” (LOUIS, 2006). Ele é de todas e todos. Ao trazer aqui a noção de “relação”, própria ao conceito de “gênero”, coloco em questão a própria “interdependência” existente entre as performances reiteradas. Socialmente, o “masculino” e o “feminino” são construídos como se fossem estruturados hierarquicamente. Aquilo que falta a um está no outro: a passividade feminina em contraponto desvalorizado à atividade masculina, a emoção feminina em contraponto negativo à racionalidade masculina, os medos das mulheres em oposição preterida à coragem dos homens. O polo feminino é englobado pelo outro e os elementos que carregam precisam estar contrabalançados para que a vida social generificada opere. É por meio da heteronormatividade que esse ideal se exponencializa: em estado de conjugalidade, a mulher deve apresentar certos atributos e o homem outros. Cumprindo as expectativas de gênero cada um faria a sua “parte” no “contrato conjugal”, com inegáveis prerrogativas para os homens a quem é dada maior liberdade para, já em união, perseguir as suas aspirações e interesses com todo o apoio social e de suas respectivas companheiras (ZANELLO, 2018).

A articulação, derivada da relacionalidade dessa estrutura de gênero, se expressa também no fato de que as posições de prestígio alcançadas por muitos homens só se tornam possíveis a partir do trabalho invisível de muitas mulheres. Isso faz com que a dominação masculina extrapole os relacionamentos afetivos e sexuais e tenha consequências em todas as esferas. Alguns exemplos: as múltiplas ocupações femininas operam como empecilhos para a

sua ascensão social; e economicamente falando, os homens recebem os melhores salários entre os trabalhadores formais. Já entre os grandes detentores de capital compõem a quase totalidade (CONNELL, PEARSE, 2015), assim como no universo político estão à frente da maioria absoluta dos cargos representativos (MIGUEL, BIROLI, 2010). Relegadas ao universo do privado, destinadas a servir a todas e todos, as mulheres têm suas trajetórias marcadas por desafios familiares e profissionais que dificultam o seu destaque em profissões de prestígio e bem-remuneradas. Na vida masculina alguns desses desafios também se fazem presentes, mas sem o peso de exigências como o casamento e a maternidade. Nessa direção, o “feminino” ocupa um aparente papel coadjuvante no mundo social.

1.8 O processo de tornar-se homem

Ainda que o termo “gênero” tenha sido associado erroneamente à ideia de “mulher” (LOUIS, 2006) serve para a compreensão tanto do processo de formação das feminilidades quanto do processo de formação das masculinidades. Afinal, tornar-se homem envolve uma série de ritos e aprendizados que longe de denotarem naturalidade, expressam a necessidade constante dos sujeitos histórico-sociais em coagirem os indivíduos “masculinos” (inclusive a si mesmos) a cumprirem determinados papéis, constituírem-se subjetivamente e lidarem consigo e com o mundo. Esse processo de reprodução social está intimamente ligado às desigualdades de gênero observadas estatisticamente e nas representações sociais circulantes na sociedade, já que, ainda que em contextos de igualdade formal³¹, são conferidas expectativas sobre o “masculino” muito diferentes daquelas que recaem sobre o “feminino”.

Para compreender melhor essa questão pelo ângulo da interiorização dos ditames socioculturais, recorri aos estudos da psicóloga Valeska Zanello (2018). Conforme a autora, as mulheres se subjetivariam a partir de dois dispositivos³² principais: o amoroso e o materno. Isso significa que a valorização feminina em nossa sociedade está atrelada ao reconhecimento da mulher por um homem que a veja como parceira e ao cumprimento da função materna, da qual se depreende a tarefa do cuidado. A verdadeira “mulher” deve encontrar um companheiro e a partir de certa idade, caso esteja solteira, passa a ser constantemente pressionada a estabelecer uma relação amorosa. Em função disso, a “solteirice”, entre as mulheres, se torna um motivo de sofrimento psíquico. Também deve estar disposta ao sacrifício por seus filhos, por seu

³¹ Reconhecimento de direitos iguais, do ponto de vista jurídico, para homens e mulheres.

³² Zanello (2018) trabalha com o conceito de dispositivo de Michel Foucault que o define como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT apud ZANELLO, 2018).

marido e pela manutenção da ordem doméstica³³. Tanto que a dedicação exclusiva ao lar é bem-vista quando assumida por elas, enquanto a mesma atividade nas mãos deles gera uma imagem social de fracasso, preguiça e farsa (ZANELLO, 2018).

Os maiores beneficiados com os dispositivos amoroso e materno seriam justamente os homens. Na posição de maridos, namorados ou mesmo amigos, os homens desfrutam do cuidado propiciado pelas mulheres. Uma exemplificação dessa máxima é observável nas mulheres que abandonam as suas carreiras para se dedicarem ao projeto pessoal dos seus maridos, principalmente nos estratos médios (ZANELLO, 2018). Com isso, os homens podem seguir os seus objetivos profissionais contando com a casa arrumada, os filhos devidamente cuidados e as refeições prontas. Esse fenômeno se relaciona ao que a socióloga e feminista francesa Christine Delphy chama de “economia política do patriarcado”, uma ordem baseada na exploração do trabalho doméstico feminino não remunerado, que comporia o mundo da reprodução em contraponto ao da produção (DELPHY, 2015). No Brasil, é comum que as mães tomem sozinhas as rédeas da criação dos filhos, fazendo com que o abandono paterno ou afetivo possua índices consideráveis. Em 2019, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça, filhos sem o nome do pai na certidão de nascimento chegavam a mais de cinco milhões entre as pessoas registradas.

Quanto à subjetivação masculina, a mesma também ocorreria conforme dois dispositivos: o laboral e o sexual. “Homem que é homem” deve ser reconhecido como um bom trabalhador e alguém que mantém o maior número de relações sexuais possíveis com mulheres (ZANELLO, 2018). Atendendo a esses requisitos, ele será reconhecido por seus pares no interior da “casa dos homens”³⁴. Logo, estar desempregado contribui para a baixa autoestima dos homens e representa um risco à saúde mental masculina, já que foram colocados socialmente no papel de “provedores”. Por sua vez, ter uma vida financeira bem-sucedida contribui para o orgulho masculino e é um sinal de virilidade, assim como o fato de “foder” várias parceiras constitui um ideário de “sucesso” (ZANELLO, 2018)³⁵. Afinal, as mulheres são muitas vezes entendidas como “objetos” e “moedas de troca” que servem para contar “vantagem” entre os “brothers”.

³³ A mulher possui uma socialização heterocentrada, ou seja, voltada para os demais. Enquanto o homem possui uma socialização egocentrada, ou seja, voltada para si e seus anseios (ZANELLO, 2018).

³⁴ Cf. Welzer-Lang (2001)

³⁵ Um caso recente ilustra a hegemonia desse dispositivo: o jogador de pôquer, digital influencer e milionário norte americano Dan Bilzerian teve divulgadas suas fotos com inúmeras acompanhantes e modelos em seus iates e mansões. As imagens foram recebidas na internet com louvor por outros homens heterossexuais que não só elogiaram Bilzerian como também apontaram esse cenário como idílico.

Nesse sentido, “atividade” é um substantivo masculino. É necessário ter iniciativa no universo laboral a fim de galgar os melhores postos e obter os maiores ganhos, com o risco de ser lido como fraco. Essa ideia também prevalece no universo das relações afetivas e sexuais, nas quais não se admite a posição da “passividade”. Ser penetrado é algo que põe em xeque a própria ideia de “masculinidade”. Aquele que se deixa levar por esse desejo é logo lido como “homossexual”. Isso acarreta a naturalização da “passividade” feminina (que se reflete na própria noção de ser escolhida e desejada e não de escolher ou desejar) e reforça os estereótipos em cima dos homens que praticam relações sexuais com outros homens (ZANELLO, 2018).

É necessário fazer algumas ressalvas: em geral, esses dispositivos servem para ler de maneira mais clara a realidade de homens e mulheres heterossexuais, já que é nesse quadro que ocorrem os relacionamentos afetivos e sexuais entre homens e mulheres e, por conseguinte, se acentuam as tensões entre pessoas de gêneros distintos. Mas isso não indica que homens gays e bissexuais, homens e mulheres *trans* (hétero, homo ou bi) e mulheres lésbicas e bissexuais não lancem mão desses dispositivos ao longo das suas vidas. Pelo contrário. É comum observar a presença de estereótipos de gênero associados às posições de atividade (ligadas a performances mais masculinas) e passividade (ligada a performances mais femininas) nos relacionamentos homossexuais, o que muitas vezes acarreta a clássica pergunta realizada a casais homossexuais: “quem é o homem e a mulher da relação?”. Além disso, conforme Zanello (2018), pode ocorrer um hiperinvestimento no dispositivo laboral por parte de homens gays e/ou bissexuais e um usufruto mútuo do dispositivo amoroso por parte de mulheres lésbicas e/ou bissexuais na tentativa de compensar o afastamento do ideal hetero normativo de “família”.

A masculinidade requer um aprendizado que, embora cercado de privilégios em relação às mulheres (desde cedo impelidas ao imaginário das obrigações domésticas e maternas), também carrega a dor de se mostrar forte e ágil em todos os momentos, o que acarreta a negação dos próprios sentimentos e expressa muitas vezes em problemas de saúde mental que vão se manifestando ao longo do tempo. A maioria dos suicídios, por exemplo, é praticada por homens, embora o número de tentativas seja maior entre as mulheres (ZANELLO, 2018)³⁶.

Conforme Judith Butler (2003), no livro *Problemas de Gênero*, o gênero seria materializado através de “performances”. No caso masculino, essas performances passam pela insensibilidade, a atividade sexual com várias mulheres, o culto ou a prática de esportes como o futebol (no caso brasileiro) e o distanciamento das atividades relativas ao universo do “privado”. Logo, frases como “seja homem” ou “você é homem”, ditas muitas vezes por

³⁶ Essa diferença decorre dos meios utilizados por homens e mulheres no ato suicida que diferem bastante. Sendo as armas de fogo mais presentes na prática suicida masculina (ZANELLO, 2018).

homens adultos a jovens meninos, são carregadas de significados. Ao serem enunciadas, mobilizam automaticamente uma “imagem de controle” (BUENO,2019)³⁷ do que seria um “homem de verdade”: alguém que não fala fino e sabe se impor. Ou seja, o contraponto da pecha de “sexo frágil” historicamente associada às mulheres³⁸.

1.9 Masculinidades e pluralidades

A partir das considerações anteriores, é necessário levantar mais uma questão crítica: tornar-se homem não é um processo unívoco. Por isso, trago o conceito de “masculinidades” no plural, conforme Connell (2015). Afinal, não existe o “homem”, mas sim “homens” na sociedade ocidental moderna, eivados de particularismos. Embora existam semelhanças entre eles, como o fato de serem atravessados pela rejeição ao feminino e por possuírem uma demanda pela virilidade, é preciso interseccionar a “experiência masculina”³⁹ com variáveis de raça/etnia, classe, região e orientação sexual: uma tarefa que feministas negras executaram, nos movimentos sociais e na academia, ao pensar a realidade social das mulheres negras, invisibilizadas em algumas das práticas políticas e teóricas dos feminismos de então (COLLINS, 2016).

No caso dos homens, a masculinidade hegemônica tem sido tradicionalmente associada aos homens brancos (CONNELL, 2015). Sob eles tem recaído a maior parte das vantagens sociais relativas ao contingente masculino. De tal forma que são os homens brancos, heterossexuais e ricos que ocupam a maior parte dos locais de prestígio em distintos universos sociais e profissionais como o científico e o acadêmico. Além do mais, os dados de searas nas quais os homens aparecem em desvantagem em relação às mulheres – como nos campos da saúde, violência e expectativa de vida –, é possível observar que os prejuízos recaem muito mais sobre homens negros e pardos. Ou seja, quando falamos de “privilégio masculino” não se pode deixar de falar em “privilégio branco” que, no cenário latino-americano, se liga de maneira irremediável ao histórico colonial da região.

No caso dos homens negros, surge uma série de demandas que, por exemplo, são estranhas ao universo desses homens brancos. Para Nkosi (2014), o homem negro possui pênis, mas é desprovido de falo⁴⁰. Baseado nas reflexões do psiquiatra, o teórico martinicano Frantz

³⁷ O conceito, trabalhado por Winnie Bueno, remete à obra da socióloga norte-americana Patrícia Hill Collins.

³⁹ Nos termos de Joan Scott, importa não apenas estudar a experiência em si pela qual o sujeito passa, mas a maneira como ela se forma, aquilo que permite que ocorra (SCOTT, 1998).

⁴⁰ O falo deve ser entendido não como sinônimo do órgão genital masculino, mas como um conceito que abarca o “poder” e as “prerrogativas” que são derivadas da posse simbólica do mesmo (NKOSI, 2014).

Fanon, Nkosi aponta que o “negro”, ao ser racializado, fica de fora da definição universalizante do “humano”, o que acarreta o seu rebaixamento à condição de “animal”. Este estaria marcado pela força física, a bruteza e a virilidade extremas, expressas nas altas capacidades laboral e sexual⁴¹ das quais disporia. Nessa direção, o “homem negro” se destacaria pelo vigor do seu corpo, enquanto o homem branco se destacaria pelo vigor do intelecto. Aqui se daria aquilo que Zanello (2019) chama de “emponderamento colonizado”, um fenômeno no qual o ressaltar de determinadas características ocorre a fim de manter intocável a dominação do homem branco. Hipersexualizado, destina-se ao homem negro uma posição de subalternidade, marcada pelas insígnias da irracionalidade e da associação com a natureza (FANON, 2008; NKOSI, 2014)⁴².

Essa subalternização se reflete na condição dos homens negros em nossa sociedade. São eles, principalmente os jovens, as maiores vítimas de homicídios no Brasil e aqueles que ocupam a maior parte das vagas do sistema carcerário. Além disso, são constantemente fixados como sujeitos potencialmente perigosos, dada a associação racista entre cor negra da pele e criminalidade. Em decorrência desse panorama, acabam sendo os maiores alvos das abordagens das polícias militares e as maiores vítimas de ações policiais que resultam em mortes (NKOSI, 2014). Soma-se a isso o fato de que os homens negros são pior remunerados que os homens brancos (aproximadamente 74% a menos), ainda que melhor remunerados que as mulheres negras, e comumente se encontram em postos de trabalho mais precarizados e insalubres como no ramo da agropecuária e construção civil, enquanto os homens brancos ocupam significativa parte dos postos que exigem ensino superior, conforme dados de 2019 do IBGE.

No tocante aos homens gays e bissexuais, recaem também uma série de vicissitudes. Homens que detêm sexualidades dissidentes são impelidos a fazer da linguagem do “armário” algo constitutivo das suas vidas, uma estratégia de sobrevivência (SEDGWICK, 2007). Espera-se que um homem seja um provedor e um reprodutor: possibilidade muitas vezes anulada na vida de pessoas não heterossexuais⁴³. Além disso, se espera que deseje mulheres e não homens, ao custo de ser discriminado e violentado, simbólica e fisicamente. Ser “veado” ou “bichinha” é diferente de ser “homem” no imaginário social. Logo, como parte do processo de formação das masculinidades, há a rejeição da homossexualidade e fugir à heteronormatividade também significa ter negado o acesso à “casa dos homens”. Essa dificuldade, socialmente imposta de

⁴¹ A figura do “negão”, que detém um pênis grande capaz de “comer” várias mulheres, endossa esse paradigma, enquanto o homem negro gay ou afeminado/sensível e/ou com um pênis pequeno destoa do mesmo, acentuando esse rebaixamento (ZANELLO, 2018).

⁴² “para a maioria dos brancos [...], o preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições” (FANON, 2008, p. 152).

⁴³ Embora exista uma tentativa de reproduzir, dentro de relacionamentos homossexuais, dispositivos de gênero sexistas presentes em relações heterossexuais (ZANELLO, 2018).

ser reconhecido enquanto homem e gay ao mesmo tempo, faz com que os homossexuais muitas vezes reconheçam a si mesmos como “não homens”. Isso repercute em consequências tardias e comportamentos reiterados, nos meios homossexuais, de negação das feminilidades e de clamor pela virilidade (MISKOLCI, 2014) que podem ser interpretadas como a tentativa de afirmação de uma masculinidade negada⁴⁴.

Entre os homens gays e/ou bissexuais, também ocorrem intersecções: afinal, estar no mundo enquanto gay branco profissionalmente bem-sucedido em uma grande metrópole permite algum nível de reconhecimento social e a inserção em espaços de sociabilidade e segurança destinadas a um público homossexual de maior poder aquisitivo (reconhecimento pelo consumo). Enquanto isso, a vivência de um homem gay negro e pobre é marcada por vulnerabilidades de classe e raça que se somam à sua condição enquanto homossexual, que pode se acentuar dependendo da comunidade em que esse sujeito esteja inserido. Como afirma o sociólogo francês Bernard Lahire (2015), a afirmação identitária de populações marginalizadas costuma ocorrer em espaços de maior diferenciação como as grandes cidades. Pensando o caso brasileiro, é diferente ser gay ou bissexual residindo no centro de São Paulo ou no interior de Rondônia. São outras possibilidades de encontrar espaços de acolhimento e estabelecimento de relações sexuais ou afetivas, como atesta a pesquisa de Lourival Carvalho em comunidades rurais do Piauí (NETO, 2017).

Por fim, as transmasculinidades (homo, bi ou hétero) levam a sujeitos que precisam lutar na esfera pública para serem identificados tanto por suas comunidades quanto pelo Estado enquanto cidadãos plenos (ÁVILA, GROSSI, 2013). Aqui, remeto ao drama do reconhecimento em Axel Honneth (2012): não basta ao sujeito reconhecer-se a si mesmo, é preciso que a sua identidade seja chancelada jurídica e intersubjetivamente. Com isso, boa parte das lutas sociais das pessoas transexuais tem se dado na arena dos direitos civis: pelo registro e respeito ao nome social, pela criminalização da transfobia e pela criação de ações afirmativas em espaços educacionais e de trabalho. Em uma sociedade em que o gênero é designado antes mesmo do nascimento como algo imutável, a própria noção de “transexualidade” gera controvérsias e disputas que deslocam homens e mulheres *trans* para o terreno da abjeção no qual se tornam corpos matáveis e indignos de serem enlutados (BUTLER, 2015) ao romper com a matriz binária que constitui a inteligibilidade da ordem de gênero (BUTLER, 1999); e ao desestabilizar a associação entre masculinidades e feminilidades e seus referentes biológicos (DIAS, 2014)⁴⁵.

⁴⁴ Essa pode estar presente também entre os homossexuais que se identificam como *body builders*, já detectados no trabalho de Welzer-Lang (2001).

⁴⁵ Entrevista com Berenice Bento realizada no ano de 2013 (DIAS, 2014)

Conforme Almeida (2012) homens transexuais teriam mais facilidade que mulheres transexuais para obter o reconhecimento social através de técnicas de *passing* como a mastectomia e o uso prolongado de testosterona. Ademais, a existência de um desconhecimento generalizado da condição transmasculina⁴⁶ contribui para esse panorama de “passabilidade”. Entretanto, não são todas as pessoas transmasculinas que se submetem a tais procedimentos médicos ou cirúrgicos, o que leva ao entendimento de que a transexualidade não pode ser compreendida sob uma perspectiva médico-psiquiátrica, como historicamente têm sido feito, mas a partir de um olhar identitário a respeito daqueles sujeitos que demandam um olhar diferente daquele que foi socialmente assignado aos seus corpos, pois ainda que, por uma série de razões, optem por utilizar apenas adereços ou se valer de performances “masculinas” no seu processo de afirmação, continuam se identificando e requerendo a identificação enquanto homens *trans* (ALMEIDA, 2012).

Diante das pluralidades encontradas entre os homens, a generalização de uma “crise das masculinidades” não contempla as realidades multifacetadas que existem não apenas no Brasil, mas em todo o mundo em relação à população masculina, marcada por pólos de dominação e de subalternidade. Conforme Soares (2000), essa “crise” seria um fenômeno próprio dos estratos médios (embranquecidos), já que nas classes populares o capital de gênero funcionaria como uma forma de compensar a ausência de outros capitais.

Segundo Lia Zanotta Machado (2001), o valor do individualismo se expressa com mais força nas classes médias. Este produz impactos sobre o modelo familiar dessas camadas, já que o núcleo familiar passa a ser entendido como um espaço privado em que os membros do grupo possuem certo protagonismo, em prejuízo do modelo familiar clássico no qual a coesão do grupo e os laços de reciprocidade poderiam ser lidos como mais importantes; assim como reverbera na criação dos filhos, que passam ser alvos de pedagogias conciliatórias ao invés de disciplinamentos corretores. Este panorama também produz consequências sobre as relações de gênero, na medida em que os papéis sociais de gênero passam a ser menos diferenciados, aproximando-se de formas relacionais igualitárias (MACHADO, 2001). Prevaleceria no interior dos relacionamentos heterossexuais desses estratos o “amor confluyente”, noção levantada por Anthony Giddens (2013) e que caracterizaria as formas puras de relacionamento, que envolvem apenas os afetos e o consenso mútuo e não interesses externos ao casal.

A partir da década de 1970, cada vez mais homens brancos, heterossexuais e economicamente estáveis tem tido que lidar com suas companheiras saindo para o mercado de

⁴⁶ Refletida na baixa quantidade de estudos no Brasil no tema (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, GROSSI, 2013).

trabalho a fim de se dedicarem a suas carreiras profissionais. Para eles, isso seria um fator gerador de dúvidas e ansiedades⁴⁷ que contribuiriam para o surgimento de grupos nos quais se reuniriam para compartilhar as suas questões mais profundas; um motivo para procurarem pelo espaço de fala e escuta dos divãs e consultórios. Nesse sentido, as transformações políticas e sociais de gênero estão perpassadas pelas relações entre os novos posicionamentos sociais e políticos das mulheres e as masculinidades, tendo em vista que o recrudescimento dos direitos das mulheres tem caminhado junto a crescentes mobilizações (algumas reativas) de autorrevisão em alguns grupos do contingente masculino.

⁴⁷ Em estudo realizado em aplicativos de relacionamentos, Larissa Pelúcio (2020) constatou que apesar da visão positiva dos homens que frequentam esses espaços acerca do maior grau de independência feminina nas últimas décadas, na prática predominava o conservadorismo em torno dos comportamentos femininos em um jogo típico da “dupla moral sexual” que autoriza aos homens serem mais livres em matéria de relacionamentos.

CAPÍTULO 2 - GÊNERO, FEMINISMOS E MASCULINIDADES NOS GRUPOS DE HOMENS DO DF

2.1 Uma compreensão acerca dos feminismos

Sob a perspectiva que adoto, os feminismos são compreendidos enquanto teoria e movimento social interconectados. Ou seja, um caminho para produção de novas visões de mundo, cientificamente embasadas, e uma forma de reivindicar demandas por equanimidade entre os gêneros. Como teoria, os feminismos têm sido fundamentais para identificar, descrever e analisar como as desigualdades de gênero, ao invés de naturais, são fundadas na ordem social (BIROLI, MIGUEL, 2014), realizando também revisões epistemológicas e da academia enquanto instituição moderna de autoridade e poder patriarcal, racista, elitista etc. Também têm sido cruciais no que diz respeito à superação das dicotomias que marcam o pensamento ocidental (BENHABIB, CORNELL, 1987). Já como movimento social, os feminismos têm se configurado como corrente política explícita, que tem atuado na denúncia e no enfrentamento às disparidades entre homens e mulheres nas sociedades onde tal ativismo se faz presente, bem como de modo interseccionado com disparidades econômicas, raciais, étnicas, dentre outras.

A partir da década de 1960, autoras como Heleieth Safiotti e seu *A Mulher na Sociedade de Classes – Mito e Realidade* (1969) são as responsáveis por dar continuidade à tradição feminista na academia e nas instituições políticas brasileiras, iniciada anteriormente por nomes como Bertha Lutz e Nísia Floresta⁴⁸. Nessa época, são criados os estudos da mulher, subárea do conhecimento das Ciências Sociais que se debruçou sobre a condição feminina, encontrando fortes resistências no meio universitário já que as pesquisas realizadas nesse nicho comumente se confundiram com o próprio ativismo feminista (ZIRBEL, 2007).

A pluralização de identidades e a entrada de novos temas na agenda do movimento feminista ganham força nos EUA e na Europa no período, se fortalecendo no Brasil na década de 1970 e se constituindo como a força-motriz de uma importante segmentação que colocou na ordem do dia a necessidade de organizar as camadas desviantes de mulheres (VALK, 2002), aquelas que não se enquadravam nos papéis e expectativas sociais, o que desembocou em mobilizações cujo lema era “o pessoal é político”.

⁴⁸ A primeira fase do feminismo no Brasil está associada à luta pelo direito ao voto. No Brasil, essa prerrogativa foi promulgada pelo presidente Getúlio Vargas em 1932, incorporada na Constituição de 1934 e efetivada nas eleições de 1946, de modo obrigatório. Após esse período, se destacam as organizações de mulheres negras em comunidades urbanas nos anos de 1950 (SILVA, FERREIRA, 2017).

Mesmo sob a égide da ditadura civil-militar, o país presenciou mobilizações diversas pela emancipação feminina. O movimento feminista brasileiro foi bastante propulsionado a partir de 1975, Ano Internacional da Mulher, no qual a organização política das ativistas ingressou em definitivo na agenda internacional com a I Conferência Internacional da Mulher (CARNEIRO, 2003; PINTO, 1994; PINTO, 2010; SOARES, 1994). Mesmo em conflitualidade com o Estado autoritário na época, os feminismos muito evoluíram na ditadura militar. No período da repressão política oficial, legalizada pelo Ato Institucional n.5 de dezembro de 1968, as ativistas mantiveram importantes relações com a Igreja Católica e os movimentos de base das periferias das grandes cidades. Também sustentaram conflitos no interior das organizações marxistas tradicionais como os partidos comunistas, que confundiam o feminismo com uma luta própria da burguesia (PINTO, 2003). Em nível global, entretanto, as lutas desse momento sofreram várias críticas por terem recaído na ênfase da “mulher” como sujeito universal que se contrapunha ao “homem”, o que acabaria por excluir as especificidades de mulheres negras, lésbicas, indígenas, *trans* e do Sul global (FRASER, 2009).

Somente com a chegada dos anos de 1980 há ampla inclusão de novos marcadores à teorização acerca do sujeito feminino, incluindo a tematização das realidades sociais de outros grupos que não o das mulheres brancas, intelectuais e de classe média. Mesmo a categoria “mulher” passa a se encontrar em questão, já que não seria possível definir de forma concreta o sujeito político do feminismo (PISCITELLI, 2002). Essa diversificação de enfoques marca nova fase do movimento feminista, que no Brasil teve importantes reflexos na década de 1980 com a realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (CARNEIRO, 2003). É no cruzamento de diversas questões sociais que se desconstruirá a ideia de experiência una da maneira como gênero encontra-se em diferentes grupos de mulheres. Logo, abordar os feminismos no plural é a forma adequada de caracterizá-los enquanto *teoria* e *movimento*. Na década de 1980, também se introduz com força no país o conceito de “gênero”, herdado da literatura inglesa – e que passa a ser associado a uma maior neutralidade axiológica, em decorrência de sua cientificidade (ZIRBEL, 2007), ainda que os *estudos de gênero* continuem vinculados a várias perspectivas feministas.

Mais recentemente tem se tematizado acerca das novas formas de mobilização do movimento feminista. A partir do início da década de 2010, ganha destaque o cyberativismo de mulheres contra diversas opressões e a proliferação de uma série de coletivos feministas dentro e fora das universidades; nas escolas ocupadas; nos sindicatos, nas instituições representativas e nos locais de trabalho. Na internet, movimentos de denúncia de assédios sexuais têm vindo ao centro do debate. Destarte, os feminismos têm se destacado em pesquisas na academia,

lançamento de livros, menções na mídia e em campanhas de organizações internacionais. Seja no contexto estadunidense, europeu ou latino-americano, o movimento feminista tem sido um polo de resistência, (re)existência e mobilização.

2.2 As consequências dos feminismos

Os feminismos tiveram grande impacto político, social, econômico e cultural, principalmente nos últimos cinquenta anos, que culminam com o início do processo de entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho formal e aumento do seu nível educacional (ALVES, CAVENAGHI, CARVALHO, SOARES *et al*, 2016), ainda que de modo mais expressivo entre as mulheres brancas no Brasil. Os feminismos também estão ligados à conquista do direito ao aborto legal em muitos países, como na Argentina, e à implementação de leis de combate à violência contra a mulher como a Lei Maria da Penha (2006) e a Lei do Feminicídio (2015) e a criação de ações afirmativas para o público feminino em empresas e instituições governamentais. No contexto atual, o fortalecimento dos feminismos corresponde à autonomia das mulheres.

Entretanto, muitas das conquistas obtidas não se deram sem contradições. A entrada das mulheres no mercado de trabalho acompanhou outros processos como a ascensão da chamada dupla ou tripla jornada, já que além de se ocupar do dia a dia no trabalho, ainda mantiveram a responsabilidade do cuidado sobre os filhos e a casa. Além do mais, muitos dos ganhos para o público feminino foram revertidos em grande parte para as mulheres brancas. Como mostra o estudo de Almeida e Jaquetto (2012), as mulheres negras continuam na base da pirâmide social brasileira, expostas à vulnerabilidade econômica, e são também as maiores vítimas da violência de gênero nacionalmente notificada (ALMEIDA, JAQUETTO, 2012). Soma-se a isso o fato de que a maior participação da mulher no “mundo público” não desembocou na diminuição do machismo expresso nos mais diversos aspectos; sendo ainda notórias as dificuldades para obtenção de cargos de liderança nas organizações, a restrição do direito de ir e vir sem correr o risco de ser assediada ou violentada e a imposição de padrões morais e sexuais mais rígidos sobre elas que aos homens.

Os feminismos têm sido espaços de propulsão de mudanças lentas e graduais nesse modelo de sociedade, entretanto as alterações geradas por essa corrente política assim como por outros movimentos que demandam direitos para outros sujeitos marginalizados, em razão de marcadores sociais da diferença, tem ocasionado várias reações antifeministas na esfera pública. Ademais, a realidade da maioria das mulheres brasileiras ainda está aquém do

tema da emancipação; trata-se muitas vezes de lutarem para ser consideradas como sujeitos detentores de direitos básicos por sobrevivência previstos constitucionalmente. No Brasil e no restante do mundo, os dilemas apresentados pelas ativistas e teóricas feministas ainda são significativos.

Por fim, no âmbito acadêmico, os trabalhos baseados nessas perspectivas têm perdurado e ascendido sob forma de crítica aos paradigmas estabelecidos nas Ciências Humanas, marcadas pelo protagonismo de intelectuais brancos dos países centrais do capitalismo. São muitas as pesquisas que têm alertado para o componente sexista que subjaz à modernidade. Exemplos recentes vem de autoras latino-americanas, a exemplo de Rita Segato e Marta Lamas, que tem atentado para as particularidades da condição feminina na América Latina, marcada pela pobreza e violência, como em *Ciudad Juarez/México* (SEGATO, 2005); de autoras estadunidenses como Nancy Fraser e Angela Davis que tem tematizado os cruzamentos do gênero com aspectos de classe e raça e autoras europeias como Julia Kristeva e Monique Wittig que tem se reportado às contribuições da filosofia e da psicanálise para pensar questões de gênero e sexualidade. Nesse sentido, as contribuições dos feminismos para a teoria sociológica têm sido enormes e dizem respeito à capacidade das teóricas feministas de apontarem para a centralidade das desigualdades de gênero, em contato com outros marcadores, na produção de inúmeras injustiças no mundo social.

2.3 A relação entre feminismos e masculinidades

Em outubro de 2013, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP foi palco para o Seminário Feminismos e Masculinidades. À frente do evento, estava uma das principais feministas brasileiras, Eva Alterman Blay, conforme atestam as próprias reflexões publicadas a respeito das palestras então emitidas (BLAY, 2014). O entendimento de Blay, assim como dos diversos homens e mulheres que foram convidados a falar na ocasião era de que problemas como o sexismo e a violência contra a mulher só poderiam ser enfrentados a partir de uma perspectiva que incluísse também os homens. Essa constatação concerne ao fato de que, ao violentarem, também se tornam parte de um fenômeno que é complexo e multifacetado. Levanto aqui que essa necessidade de “inclusão” em eventos e pesquisas acadêmicas deve-se também à relacionalidade que é intrínseca ao conceito de gênero e que deve ser levada em conta na análise das mais diferentes esferas.

Se esse caráter relacional se faz presente nas situações de subalternização das mulheres, também pode ser expressa nas lutas sociais. Muitas das demandas feministas estão ligadas à

contestação de padrões machistas perpetuados pelos homens. Foi por uma mudança de atitudes deles que muitas vezes ocorreu a indignação delas. Ainda que a ordem de gênero exista de maneira independente à vontade dos homens, há um grau de responsabilização e transformação individual que permite a mudança de atitudes e o repensar de comportamentos por parte daqueles que sentem sensibilizados com a causa da emancipação feminina. O surgimento de homens que se dizem pró-feministas é um retrato disso. Mesmo que a eles não seja possível renunciar aos privilégios socialmente atribuídos (HARDING, 2019), é possível, com base em um processo de reflexividade, construir outras formas de ser e estar no mundo que não estejam baseadas no desprezo às mulheres e a outros homens vistos como mais “femininos”⁴⁹. Se o “machismo” é socialmente construído, também pode ser socialmente repensado.

Em dissertação defendida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no início da década de 2010, Mariana Ferreira (2012) tentou compreender os homens enquanto sujeitos políticos dos feminismos, na medida em que defendeu a polêmica ideia de que a construção do “sujeito” no interior das lutas das mulheres é um espaço de disputa ocupado ao longo do tempo pelas mais diferentes atrizes. O “sujeito” dos feminismos não é monolítico, mas instável, aberto a readaptações (FERREIRA, 2012). Essas novas adaptações seriam necessárias em razão da existência de homens que, para além de se afirmarem enquanto apoiadores externos das lutas das mulheres, se proclamam “feministas” na militância e nas suas práticas de estudo e pesquisa. Com isso, algumas organizações no Brasil, como o Instituto Papai, contém um corpo técnico de homens que se identifica abertamente como tal e que dá, como exemplo da sua prática feminista, as ações por igualdade de gênero promovidas com o público masculino no âmbito da organização (FERREIRA, 2012). Na mesma toada de Ferreira no Brasil, uma série de trabalhos sobre “homens feministas” tem sido realizada nos EUA desde a década de 1980, sendo alguns dos mais importantes: *Men in Feminism* (1987), editado por Alice Jardine, linguista e estudiosa de questões de gênero e sexualidade; e *Men Doing Feminism* (1998), editado por Tom Digby, filósofo e estudioso de teorias feministas.

A posição da autora, Mariana Ferreira (2012), embora controversa (na medida em que atribui relativo protagonismo aos homens nos movimentos feministas), indica a existência de um debate ainda incipiente na literatura brasileira dos estudos de gênero a respeito do posicionamento e lugar dos homens diante das lutas sociais das mulheres. O estudo realizado por ela no Recife é um dos poucos encontrados nacionalmente acerca da questão, conforme pesquisa realizada nas plataformas Scielo e BTDT. Destarte, nos últimos anos não são apenas

⁴⁹ Para Zanello (2019), a homofobia, na verdade, esconde uma misoginia em seu fundo.

eles que têm aparecido como focos dessa discussão. Como mostram Gomes e Sorj (2014)⁵⁰ em estudo sobre a Marcha das Vadias, mulheres *trans* ainda são vistas como indivíduos de fora da circunscrição do “sujeito” feminista, tendo em vista que não são todos os coletivos que autorizam a entrada delas, fazendo com que as demandas das transexuais sejam canalizadas única e exclusivamente no espaço dos transativismos. Ao longo dos anos, feministas negras e indígenas também vem se colocando com maior visibilidade na cena política nacional.

Em nossa sociedade, aos homens é dada uma série de privilégios os quais os feminismos têm servido para questionar. Portanto, torna-se difícil imaginar porque um homem apoiaria de modo externo ou mesmo se afirmaria “feminista”, haja vista que se trata de uma luta que tem como fim último a desconstituição da dominação masculina. Na contracorrente, é expressiva a quantidade de homens que entende as feministas sob a chave de estereótipos clássicos como o de “feias”, “mal-amadas” e “revoltadas” ainda que sejam crescentes os espaços de dissidência entre esse público. Conforme afirma a teórica estadunidense bell hooks (2018), o “feminismo” significa bem mais do que um movimento teórico e político feito por e para mulheres, o que não quer dizer estar aberto ao protagonismo dos homens em suas próprias bandeiras e avanços. Trata-se de um horizonte social a ser compartilhado por todas e todos, na medida em que a valorização do “feminino” passa pela reconfiguração de uma série de arenas da vida que reverberam negativamente e de modo coletivo (hooks, 2018).

Logo, a relação entre feminismos e masculinidades é uma questão nevrálgica ao analisar os grupos de homens. São nesses *lócus* que me deparei com sujeitos com perspectivas que vão de encontro à masculinidade hegemônica, na medida em que usam tais espaços frequentados exclusivamente por aqueles que se identificam com o gênero masculino não para objetificação do corpo feminino ou para bate papos sobre cerveja e futebol, mas com a intenção de se “abrir” acerca de questões que os inquietam no plano da subjetividade. Minha pergunta norteadora a respeito desse processo de autorreflexão, levado a cabo pelos sujeitos que integram essas iniciativas, é se esse leva em conta a problematização das desigualdades de gênero no seu escopo ou se acaba por reatualizar os discursos sexistas sob outras roupagens por meio do culto ao “falo”. Foi necessário verificar como cada grupo se apresenta diante dessa discussão e que áreas do conhecimento têm sido mobilizadas por cada um nessa direção.

⁵⁰ Conforme o estudo de Gomes e Sorj (2014), a “Marcha das Vadias” do Rio de Janeiro, que ocorreu no início da década de 2010, autorizou a participação dos homens – inicialmente apenas homossexuais, depois também heterossexuais – na organização das mobilizações. Entretanto, as entrevistadas do estudo se mostravam descrentes quanto à participação masculina contínua, por uma questão de interesse deles.

2.4 A visão dos entrevistados acerca dos feminismos

Durante as entrevistas, foram realizadas aos representantes e coordenadores das iniciativas quatro questões diretamente relacionadas à temática dos feminismos. São essas as questões 04 a 08 (Anexos II). Trata-se de um tema delicado para muitos homens, incluindo coordenadores e representantes de grupos de homens. Ao retornar ao histórico das iniciativas apresentadas, nenhum deles possui uma proposta abertamente pró-feminista. São projetos propostos para atender, no primeiro momento, a necessidades masculinas prementes, como a ausência de locais onde possam mostrar um lado mais distante do “macho” que a sociedade pressiona para que performem.

A priori, passei a investigar como as perspectivas feministas têm lugar ou não nesses grupos. A minha expectativa pré-campo era de que, dada a própria configuração dos grupos observada em pesquisas preliminares, esse debate fosse algo distante dos organizadores e, quando aparecesse, se mostrasse de maneira diluída em algumas conversas e temáticas. Conforme fui ouvindo as respostas dos entrevistados, acabei confirmando essa impressão e mais: acabei adaptando as questões em alguns momentos em razão das peculiaridades contidas nas falas, pois me deparei tanto com homens com grande conhecimento dos feminismos quanto com homens que mostravam desconhecer o debate que se dá entre as ativistas e teóricas do movimento.

2.4.1 Grupo Sigmund Freud

Ao tratar da primeira questão do bloco, o primeiro entrevistado afirmou ter conhecimento do movimento feminista e reconhecer a sua importância, embora reconheça que o grupo do qual participa esteja voltado antes e, sobretudo, para as demandas masculinas. Entretanto, aquilo que se busca na iniciativa, o respeito mútuo, é algo que seria convergente com os objetivos das ativistas feministas.

João: “Então, com relação a esse lado do feminismo, a gente apoia, a gente quer que vingue, que venha. A gente fala sobre alguns pontos, mas o nosso ponto não é com relação ao feminismo no sentido de quais são as pautas, o que que as mulheres querem, mas sim muito um passo antes disso que é “o que é que nós queremos”. Claro que existe uma interface dos dois. Claro, porque a gente tá buscando a mesma coisa por caminhos diferentes e também por origens diferentes né”

Seguindo a toada de outras iniciativas, o grupo se furta em discutir questões políticas ou sociais e tem como grande foco a abordagem “terapêutica” das inquietações trazidas pelos participantes. Ele descreveu como essa abordagem ocorre:

João: “Então, “olha, briguei com a minha mulher, (...), ou meu namorado, a minha relação com o meu namorado é um tanto abusiva e aconteceu isso”. Ai cada um dá uma opinião: “ah, eu faria isso...”, “procura um terapeuta” e tem das mais diversas ajudas”. Então tem médico que abriu pra fazer consulta, tem gente que dá desconto pra quem faz parte do grupo, meio que uma camaradagem assim”

Sobre a relação das atividades do grupo com as agendas feministas, João afirmou que vez ou outra, quando se debatem questões como sexualidade e pornografia, problematizações a respeito do “feminino” emergem nos diálogos travados. Afinal, a constituição das masculinidades passa pela objetificação intensa do corpo das mulheres.

João: “Nesse ponto várias vezes vieram questionamentos né, Alberto? A respeito de como essa foto faz, o que que ela provoca na gente? Então, tá tendo uma discussão bem em voga agora, já há algum tempo a respeito da masturbação, da pornografia. Da pornografia e da masturbação, porque muitas vezes uma coisa tá ligada a outra. E aí da objetificação da mulher, do menosprezo. Até mesmo esse mês nós colocamos no nosso blog um texto a respeito da relação que muitas vezes tá associada à imagem do feminino, a muitas vezes como se coloca a idealização da mulher (...) que ela tenha uma imagem que é meio generalizante de que ela não pode ter pelo que é meio como se fosse uma ninfomania, que ela é como se fosse uma garota. (...). Dela não ter pelo no púbis, dela ter formas arredondadas etc. & etc.”

De maneira geral esses debates não são programados. Eles vão surgindo conforme o “calor do momento” tanto nos grupos de *WhatsApp* quanto nas reuniões presenciais. Ainda sobre o tema da pornografia, ele relatou que mesmo no Grupo *online* 04⁵¹, que seria um espaço mais aberto, existem restrições quanto à circulação de imagens de mulheres nuas, já que a produção de um “masculino mais saudável” passa necessariamente pela superação de comportamentos machistas, como a difusão de materiais pornográficos, que também geram prejuízos aos homens. Nesse sentido, ainda que as reivindicações feministas entrem em conta, os temas costumam ser deslocados para aquilo que afeta os participantes na sua “masculinidade”.

O posicionamento pessoal de João quanto aos feminismos, por sua vez, é de apoio e compreensão acerca das pautas das mulheres. Ainda que faça parte de um âmbito de abordagens e metodologias distintas, reiterou as pretensas convergências de objetivo entre movimentos de homens e movimentos feministas.

⁵¹ Grupo não analisado durante a observação direta no *whatsapp*

João: “Então, eu sou o maior apoiador sim. Eu acredito no feminismo. Confirmando isso. E acho que é muito importante essa luta, essa busca que nós temos. Isso é, buscando a palavra certa aqui (...), é assim... é a nossa busca por um mundo melhor”

João: “Eu acredito que são bem válidas. Não é nem válidas. São importantíssimas. E que, como eu falei pra você antes, eu acredito que a gente tá caminhando nesse ponto, caminhando para o mesmo ponto. Claro que tem alguns discursos que são bem, como as pessoas falam, são bem agressivos. Aquela coisa da dor que realmente existe né, mas acho que o convite é de a gente ir buscar um outro lugar, a gente comungar de um outro lugar, de buscar esse outro lugar entre os homens e as mulheres, independente da orientação sexual. Então nisso, Alberto, eu acredito assim, que nós estamos caminhando juntos.”

Ainda tratando desse ponto, mencionou as críticas que os grupos de homens têm recebido, muitas vezes pela constatação externa de sua “insuficiência”. Ele rebateu essas críticas e mostrou, que ainda que se trate de um universo pequeno, as ações do grupo reverberam em outras localidades e temporalidades.

João: “E muitas vezes, algumas vezes, já tiveram alguns questionamentos falando assim: “E vocês vão ficar só nisso?”. Bom, talvez o nosso “só isso” não seja tão “só isso”, mas que reverbere sim, claro, como eu falei, pelo ser das pessoas, e um dos pontos nossos também, né Alberto, que eu acho que é legal colocar, que é assim, é promover esses encontros e o que é tá acontecendo é que a gente conhece vários grupos e inclusive vários grupos surgiram a partir dos nossos encontros pessoais. São outros grupos de homens. Então alguns participantes participaram dos nossos encontros presenciais, que a gente chama, tem o nosso encontrinho que é de uma parte, um dia inteiro, e tem o encontro que acontece uma vez por ano e dura três dias. A gente vai para um retiro, a gente dorme lá, e só homens que vão (...) E inclusive o pessoal da cozinha é só homem. Então a partir dessas vivências, vários participantes começaram a criar os seus próprios grupos.”

Nessa sequência e tratando das contribuições que os feminismos têm a dar aos homens, João ressaltou que são múltiplas e plurais.

João: “Muitas. Muitas né Alberto? Acredito muito nessa coisa do fazer pensar, sabe, de posicionar, de fazer pensar a nossa postura. A nossa postura de vida etc. Porque aí a gente vai ter que falar um pouco, né, desse machismo que é estrutural, essa agressividade, tudo isso que, como fala? Que tá na estrutura da nossa sociedade, da nossa cultura.”

O entrevistado ressaltou durante a sua resposta a importância da divisão igualitária das tarefas domésticas, já que seria uma atribuição de homens e mulheres se importarem com as atividades de cuidado com o ambiente em que vivem: “Então não vou ajudá-la, porque esse não é um serviço dela, é um serviço nosso. Claro que a gente pode ter um acordo: você cuida disso, eu cuido daquilo” (João, 14/07/2020). A forma como isso vem ao centro do debate em alguns momentos é uma herança das lutas sociais travadas por diferentes mulheres ao longo da história.

João: “Mas o feminismo traz esses questionamentos e nesses questionamentos, nesses argumentos que o feminismo traz, eles são bem importantes, pra justamente nos fazer pensar em como a gente se comporta.”

O entrevistado afirmou que os feminismos contribuem para que situações antes lidas como normais sejam hoje vistas como intoleráveis, na medida em que é uma forma de movimentar o mundo que propõe a reflexão e o pensamento crítico. Como é de conhecimento público, os movimentos feministas têm como um dos seus princípios basilares a busca pela equidade de gênero. Perguntado, não mais necessariamente no sentido de uma relação com os feminismos, como o grupo atuaria no sentido de busca dessa equidade, João falou que a partir de depoimentos de experiências pessoais e outros materiais, os homens passam a refletir acerca da questão do machismo. Ele também citou a criação de grupos específicos para homens negros e homossexuais a partir do grupo em que ele se insere, o que significa um feito importante nesse processo: “Tem toda uma abertura pra que tudo aconteça. E vai acontecendo naturalmente.” (João, 14/07/2020).

Entretanto, ele deixou claro que os temas não são fixos e vão surgindo ao longo dos encontros, de maneira flexível, abordando desde economia até sexualidade: “Então assim, tem uma gama muito grande e uma abertura muito grande pra todos os temas. E nisso os temas quem trazem são os próprios participantes” (João, 14/07/2020). O entrevistado mostra, a partir do exemplo de um idoso que tem passado por um processo de reavaliação dos seus preconceitos, que o grupo também pode ser um espaço de abertura para novas questões: “Nossa, se eu tivesse um grupo desses quando eu era jovem a minha vida teria sido outra” (João, 14/07/2020). E complementou:

João: “Por conta desses relatos aí, a gente percebe que tem todo um crescimento assim, uma abertura de conceitos, uma reconceituação do que que é ser homem, do que que é ser mulher, dos papéis etc & etc.”

Na segunda entrevista com membro do mesmo grupo, me deparei com uma visão ao mesmo tempo de apoio e de crítica aos feminismos nas respostas a esse bloco de questões. À primeira pergunta, Pedro respondeu que é um conhecedor dos feminismos e que na posição de assistente do grupo tem acompanhado de maneira mais aberta esses debates. Declarou estar em um momento em que costuma confrontar ou colocar em relação as pautas feministas frente as pautas dos “movimentos” de homens. O debate sobre violência é um exemplo daquilo que estaria sendo discutido em ambos os espaços, o “masculino” e o “feminino”, sob perspectivas diferentes.

Pedro: “A primeira é essa pauta... essa pauta da violência, a violência masculina. A violência masculina, acho que essa é uma pauta central e dela se ramificam outras assim que é comportamentos violentos que abrangem a vida toda ou o espectro todo das relações masculinas. Entre homens e com mulheres. Então como grande pauta, digamos assim, seria essa. (...) Uma violência que vai chegar depois na própria forma como os homens se comunicam (...) Essa violência que insensibiliza tanto na própria sexualidade com o outro quanto na própria sexualidade. Os impactos que isso tem na masturbação, algumas pessoas preferem chamar de toque consciente, auto toque consciente.”

Para Pedro, a violência se reflete na sexualidade masculina, nas formas como os homens tentam provar a sua “masculinidade” para os demais ou nos próprios métodos que utilizam para se suicidar. Logo, a violência, na sua concepção, é um eixo central do “ser homem” na contemporaneidade e logo uma questão de debate nos grupos masculinos. Já, em relação a como o entrevistado se posiciona em relação aos feminismos, afirmou que essa se trata de uma questão interessante e ambivalente, já que a sua postura quanto às lutas sociais travadas pelas mulheres varia conforme o interlocutor (homens em geral, mas com visões diferentes).

Pedro: “Eu gosto de me posicionar sempre com cuidado a depender do meu interlocutor, naturalmente né... Se vejo que é um homem já amadurecido dentro desse debate, que já tem uma caminhada dentro dessas discussões, que seja um homem mais sensível para as nuances desse universo, eu assumo uma postura mais crítica com relação à pauta feminista. O que não necessariamente significa uma atitude negativa ou como diz, reprovatória..., Mas crítica nesse sentido de questionadora sempre, de perceber até onde aquilo ali realmente funciona na prática. Até onde os homens não tenham que dar – homens conscientes né, esses homens que já passaram por essa caminhada ou que estão nessa caminhada, nesse desejo de reconstruir as masculinidades – se eles não podem dar alguma contribuição pra aquela pauta ou se aquela pauta não consegue perceber, aquela pauta ou aquela forma de colocar a questão, a terminologia utilizada, se ela realmente contribui para o fim último do feminismo que é a equidade de gênero e pra, digamos assim, a gente alcançar uma relação de mais tolerância, de mais amor, de mais respeito entre os gêneros, entre as pessoas.”

Esse local de “criticidade” e de reflexão em torno dessa agenda é deixado de lado quando ele se depara com homens avessos às pautas feministas, os quais ele julga ser necessário persuadir ou convencer a partir de uma proposta dialógica que abraça as narrativas dos feminismos.

Pedro: “Agora se eu estiver conversando com um interlocutor que eu percebo que é, abre aspas, o “homem de verdade”. Se é o “cabra macho” ali, se é um sujeito mais insensível, mais resistente, mais relutante pra entrar nesse debate, aí eu já não assumo mais essa postura crítica com o feminismo. Eu entro já como defensor do feminismo e tento amolecer o espírito desses homens ou sensibilizar, conscientizar pra essas pautas né. Porque eu realmente acredito que esse seja o primeiro passo que a gente tem que fazer (...) Primeiro ter esse movimento de altruísmo, essa identificação com essas pautas, reconhecer a verdade que elas dizem, a realidade para a qual elas apontam pra então entrar em um debate”

Quanto à relação entre as atividades desenvolvidas pelo grupo e as pautas feministas, ele afirmou que existe uma ligação histórica e temática entre os pólos de ativismo e discussão. Os feminismos teriam sido propulsores para que os homens repensassem as suas próprias masculinidades, o que se coaduna com a análise apresentada por Rita Segato (2020).

Pedro: “Cara, eu vejo uma ligação, primeiro uma ligação genealógica né. No sentido de que é imprescindível reconhecer o mérito e, digamos assim, a atitude fundante do feminismo com relação a esses novos “movimentos” de homens. Digamos, no sentido de que foram as pautas feministas que fizeram esses homens atinarem pra isso, pra o que estava acontecendo. (...) Acho que a partir daí a gente é muito devedor das feministas por essa luz que elas jogam sobre a nossa própria identidade. Depois, acho que sim, pelo menos nos grupos de WhatsApp já houve algumas discussões sempre oscilantes, no sentido de que às vezes concordantes às vezes discordantes com relação a algumas pautas dos feminismos.”

Pedro citou o uso de termos como “mansplaining” ou “maninterrupting” como um tema de debate ocorrido nos grupos de *WhatsApp*. A questão da violência contra a mulher também foi tema de debate, havendo inclusive visões críticas quanto a esse fenômeno, que levam em conta que homens não apenas violentam as mulheres, mas violentam também a si mesmos. Ou seja, as respostas às pautas feministas por parte desses homens podem vir sob confirmação, crítica, recusa ou até mesmo absorção. Segundo o entrevistado, a atenção à sexualidade feminina por parte dos feminismos é um exemplo dessa última posição, já que esse debate teria sido incorporado pelos homens na forma de uma maior preocupação com a sexualidade masculina. Nessa direção, ao ser perguntado sobre as contribuições que os feminismos têm a dar para os homens⁵², Pedro respondeu:

Pedro: “Eu acho que a relação que a gente pode traçar e que eu acho que é a relação mais saudável que a gente poderia ter com os feminismos hoje, eu acho que é essa relação de amizade. De como os feminismos, ou as mulheres, colocando assim, esse sujeito feminista, de eles serem esses sujeitos que nos ajudam a perceber aquilo que a gente não percebe né. De verem os nossos pontos cegos e a gente tentar ver esse, de também tentar dar essa ajuda, essa cooperação para os feminismos, eu acho que essa mútua ajuda ela seja principal.”

Pedro: “Ele oferece essa antítese a nossa tese pra formar essa síntese. Ele nos ajuda a viver esse movimento dialético, ascensional, por assim dizer.”

A respeito da atuação do grupo na desconstrução das desigualdades de gênero, afirmou que a principal estratégia no que diz respeito ao combate à essas iniquidades é o “jogar à luz” sobre os modos de ser dos próprios homens. Nos encontros, pautas feministas não são abordadas de maneira direta, mas de forma diluída ao tratar de problemas masculinos.

⁵² Ao longo dessa resposta, Pedro lembrou da questão das interseccionalidades, embora tenha afirmado não conhecer a genealogia histórica desse debate.

Pedro: “Indiretamente a gente vai interferir nessas dinâmicas de gênero, porque um homem que se conhece melhor, um homem mais consciente de si, mais consciente dos seus comportamentos e dos seus costumes vai ser um homem também mais consciente com relação ao próximo, com relação ao outro.”

Na opinião de Pedro, mais vale um homem que muda as suas atitudes e comportamentos pensando em dar um novo curso às suas vivências masculinas do que aquele que muda com o único intuito de agradar outrem, nesse caso as mulheres.

Pedro: “Enquanto eu quisesse ou mudasse a minha forma de agir somente pelas mulheres ou em primeiro lugar pelas mulheres eu ainda estaria gerando uma série de outros problemas, entende? Eu ainda seria um homem, que é uma forma que eu muito me reconhecia, um homem “fraco” e um homem “fraco” é um homem desonesto, é um homem irresponsável, é um homem que foge (...) àquilo que ele combinou e de forma que eu também não vou ser um “homem” inteiro pra, no meu caso um homem heterossexual, pra minha parceira”

O entrevistado afirmou que a parceria saudável entre homens que é capaz de gerar sujeitos mais fortes, corajosos e saudáveis e, portanto, mais capazes de contribuir com as lutas feministas.

Pedro: “Porque a gente sabe que, cara, ser conivente com o machismo é a coisa mais fácil. Porque é muito difícil na roda do bar dar uma dura no teu “brother” entendeu? Agora quando você tá fortalecido por essa egrégora de homens, você tá conscientizado, não só pelos outros, mas por si mesmo, porque aquilo é errado né e você tá em posse de si, aí sim você consegue fazer essa reprimenda aos demais homens ou a quem quer que seja que tenha essas práticas.”

2.4.2 Grupo Wade Nobles

Ao longo da terceira entrevista, peculiaridades em torno dos feminismos foram se apresentando. Inicialmente, Marcelo expôs noções mais superficiais ou distantes acerca do que se entende pelos movimentos feministas, para posteriormente associar as lutas das mulheres ao mulherismo africano e ao feminismo negro, o que se encaixa no próprio ritmo da entrevista que girou em torno das questões raciais. Quanto à primeira questão desse bloco, o entrevistado deu a seguinte resposta:

Marcelo: “Tenho, tenho conhecimento do movimento feminista. Acho que é um movimento extremamente importante numa cultura machista que a gente vive e tal. Não tenho propriedade pra dizer assim quais são as pautas. O que eu sei é de internet, de Instagram, então eu não me sinto à vontade pra falar desse movimento tão sério, tão importante por meio de Instagram... acho que vai ser leviano da minha parte. Mas tenho conhecimento sim do movimento feminista, acho importante né...”

Ao perceber que o entrevistado expressou desconforto logo na primeira questão do bloco, expliquei que estávamos entrando em uma parte específica da entrevista referente ao

tema e que ele poderia ir respondendo conforme a sua conveniência. Sobre o seu posicionamento pessoal em relação aos feminismos, disse que a postura ideal de um homem deve ser de apoiador ou pró feminista: “Eu penso que o (...) meu lugar no movimento feminista ele deve ser de apoiador. Ele deve ser pró feminista, digamos assim, né” (Marcelo, 25/07/2020). Fez questão de ressaltar também, e mais uma vez, como as estruturas de gênero estão transpassadas pelas estruturas de raça.

Marcelo: “Agora eu penso que... nós precisamos conversar mais né. Homens e mulheres negros precisam conversar mais. (...) E eu acho, eu penso que... as estruturas raciais elas devem ser apontadas em todas as áreas da nossa vida. Todas as áreas. É possível você olhar pra uma televisão e racializar a televisão. (...) Mas eu penso que raça está em tudo, absolutamente tudo. (...) Então penso que inclusive nas questões de gênero, a raça perpassa o gênero. Então é necessário fazer essa discussão. Fazer essa discussão entre homens e mulheres não é uma discussão simples. Então é necessário ter espaços pra esses homens e mulheres conversarem – homens e mulheres negros – porque isso é uma coisa importante pra nós, negros. Eu não sei se as pessoas brancas, acredito que não, estão tão interessadas nesse tema como nós estamos”

Sempre que cita “homens” e “mulheres”, Marcelo não os pensa enquanto categorias neutras ou universalizantes. “Homens” e “mulheres” aqui tem cor. Portanto, ao se referir a terceiros ao longo das suas falas, o entrevistado estava se referindo a homens e mulheres negros que compõem a sua realidade e fazem parte da sua trajetória pessoal e profissional. Tanto que, ao ser questionado sobre a relação entre as atividades do grupo e as agendas feministas, afirmou: “Então, quando você fala “feminismo” me vem na cabeça o feminismo branco, sabe? (...) Existem as feministas negras, mas elas têm que marcar isso, é o “feminismo negro!”” (Marcelo, 25/07/2020). Ainda assim, completa:

Marcelo: “Agora, eu vejo que tem interseções. Eu vejo que diante de uma visão assim mais... uma forma de ver o mundo assim mais africana, uma tentativa de ver o mundo através de cosmologias africanas, é... eu penso que as coisas estão interligadas. Tudo está interligado. Inclusive masculino e feminino. Então eu penso que quando o movimento feminino aponta que o movimento masculino tem carências, tem problemas e esse movimento masculino se reúne pra conversar, pra falar, pra desabafar, eu penso que isso se une né...”

Nesse sentido, ele se sente mais próximo de um grupo de mulheres negras aos quais chama de mulheristas africanas que, além de possuírem uma concepção de mundo afrocêntrica, entendem o “masculino” e o “feminismo” de forma integrada e não contraposta. Trata-se de uma cosmologia que une homens e mulheres negras que compartilham das mesmas opressões frente à dominação racial.

Marcelo: “Nesse sentido eu me sinto muito mais aproximado do movimento, acho que nem cabe a palavra movimento, mas de um grupo de mulheres que tem se intitulado

mulheristas africanas porque sendo um movimento afrocêntrico, essas pessoas tentam se colocar no mundo dessa forma integrada. Então eu sou mulher, mas estou junto com homens, inclusive porque enquanto mulher eu sou perpassada por energias masculinas e esse homem também é perpassado por energias femininas e vice-versa. E nós, enquanto negros e negras da diáspora, temos que de alguma forma estar juntos nesse lugar que mata pretos e pretas de formas diferentes, mas mata os dois. Então é como iremos fazer juntos essa emancipação do povo negro”.

Conforme a intersecção entre gênero e raça foi sendo levantada pelo entrevistado, adaptei a sexta questão e o questionei sobre as contribuições que as feministas negras têm a dar aos homens negros.

Marcelo: “Acho que primeiramente assim é chamar a atenção dele (...) pra questão de raça, pra questão de família preta, de atenção à mulher preta. Então assim, penso que, como eu te falei, é muito complicado dizer o que elas estão pensando porque eu não sou... eu sou homem, eu não sou feminista, eu não sou esses homens que ficam “ah, eu sou um homem feminista!”. Eu acho isso maluquice. (...). Mas assim, nos papos com amigas elas falam “cara, cês tem que valorizar a mulher né... ficar saindo com branca pô, né?” Preferindo a branca né, abandonando família, abandona filha e tem toda uma problemática. Questão da violência né... (...) Não adianta a gente romantizar, os dados estão aí de violência doméstica, onde a maioria das agressões dessas mulheres são de parceiros né... E a maioria são de homens negros. Então assim, a gente tá muito deslocado desse lugar de cuidado, de amparo (...) De cuidar do outro e de ser cuidado também, porque pessoas que não cuidam do outro, e aqui eu tô falando como profissional que ouve pessoas todo dia. Quem tem dificuldade em cuidar também tem dificuldade em deixar ser cuidado. Então é um ciclo violento que se retroalimenta. (...)”

Logo, a reflexividade acerca da condição do “homem negro” acarreta o “repensar” das relações travadas com as companheiras negras e com as famílias parentais como um todo, incluindo os filhos, muitas vezes marcados pela ausência de cuidado e pelo abandono paternos. Se a performance masculina hegemônica acarreta consequências negativas⁵³ para o contingente de homens, mais ainda para os homens negros ou pardos.

Marcelo: “Eu penso que essas mulheres chamam a atenção pra isso “pô cara, se liga! Você é um homem preto, cara! E outra coisa, outra coisa assim: você não se liga, você ainda vai morrer, porque você não tem cuidado consigo, não tem cuidado com seus iguais, com pessoas muito parecidas com a sua mãe, com os seus mais velhos, com as pessoas que te cuidaram (...) então assim você tá muito deslocado, você tá muito fora, inclusive você tá muito próximo de um homem que é branco. Na sua maneira de viver, na sua forma, você tá muito próximo de um homem que é branco. Um homem branco que te mata inclusive. Esse homem te mata. As estruturas que esse homem branco inventou – a polícia, o Estado, o capitalismo – ele te mata. Você é a linha de frente dessa morte. Então assim, se liga!”

Por fim, perguntei ao entrevistado se as discussões realizadas por mulheres negras têm entrada nas discussões realizadas pela roda de conversa. Respondeu afirmativamente e me disse que uma parte considerável dos homens da roda tinha sido impelida a participar dos encontros

⁵³ E “privilégios de gênero”

por suas companheiras. Ou seja, além de motivações pessoais, pedidos de namoradas ou esposas podem ser um incentivo para a participação em grupos de homens.

Marcelo: “Então tem até alguns encontros interessantes que o cara chega com a namorada e a namorada fica lá embaixo no restaurante, tomando uma cerveja, enquanto ele tá na roda. E aí quando ele sai, reencontra a namorada, a namorada ou esposa, e aí vai embora. Assim, parece essa coisa assim da mãe deixar no portão da escola e falar “eu tô te esperando aqui na saída!”

2.4.3 Grupo Donald Winnicott

Na terceira entrevista, realizada com Henrique, me deparei com um sujeito que ainda que afirmasse inicialmente não acompanhar com frequência as mobilizações dos feminismos, se mostrara um conhecedor das suas principais agendas e concebera a si mesmo como alguém que passa por um processo de despertar acerca dos seus comportamentos machistas. Quanto à primeira questão que versa sobre o conhecimento do entrevistado a respeito do movimento feminista e sua pluralidade e quais pautas feministas lhe chamariam mais atenção, disse:

Henrique: “Eu acho que eu não acompanho muito o movimento feminista. Eu acompanho bem pouco na verdade. A minha namorada trabalha muito do “sagrado feminino” né. Não seria obviamente uma pegada política, mas sim bem de autoconhecimento da mulher né e de muito respeito ao corpo né, aos ciclos. Eu acho que a minha pegada (trechos inaudíveis ou incompreensíveis) e na questão é espiritual, tanto do “sagrado masculino” como “sagrado feminino”. Agora quando o assunto é pauta mais política né, eu acho que eu não acompanho muito. Eu tento respeitar ao máximo as mulheres né.”

Henrique reconhece que o sexismo não é algo externo a ele. Trata-se de uma característica presente e muitas vezes imperceptível pelo fato de estarmos inseridos em uma cultura de rebaixamento do “feminino” e valorização do “masculino”.

Henrique: “Obviamente que a gente nasceu num país machista, a gente foi criado como machista né. De vez em quando a gente se vê como machista assim sabe? Porque o machismo, não só o machismo mas todo tipo de preconceito, tá muito arraigado na gente. Então por mais que a gente tenha a cabeça mais aberta a gente solta uma assim que a gente pensa: “ih, caramba, mandei mal agora né”

Ele lembrou, nesse momento da entrevista, de algumas pautas do movimento feminista, “coisas básicas”, como ele próprio colocou, a exemplo da luta contra a “cultura do estupro” e a reivindicação por maior liberdade das mulheres, além da preservação da integridade física feminina, a representatividade nos espaços de poder e o direito ao aborto. Já quando foi perguntado como se posiciona em relação aos feminismos, o entrevistado afirmou que o seu “lugar” é de escuta e não de fala. Ele mencionou uma reunião de trabalho em que foi discutido um texto sobre racismo na academia em que ele falou para os seus colegas que era um homem

negro⁵⁴, heterossexual, servidor público e de classe média que acolhe pessoas indígenas, lgbtqia+, negros e mulheres porque as causas desses grupos não são de coletivos específicos, mas de toda a sociedade.

Henrique: “Não são as mulheres que vão conseguir sozinhas. Não são os negros que vão conseguir sozinhos. Não é o movimento lgbtqia+ que vai conseguir sozinho. Eu acho que é um despertar daquele que não sofre o preconceito. É um despertar. Então a gente que não sofre determinados preconceitos a gente tem que estar desperto para o preconceito que outro tá sofrendo”

Em datas importantes para os movimentos sociais, ele fala que o mínimo que pode fazer é postar nas redes sociais debates ou reflexões relacionados a essas questões e em situações presenciais de injustiça agir de maneira necessária e firme. Do ponto de vista individual, coloca que já “melhorou muito”, mas que precisa “melhorar mais” quanto à compreensão do outro. Levando em conta tal entendimento de que ele estaria em um momento de maior compreensão a respeito de questões sociais extremamente importantes como a luta das mulheres, o questionei sobre a existência de alguma relação entre as atividades do grupo e as pautas feministas. Contudo, se conversa muito pouco sobre essas questões no grupo. Ou seja, não haveria uma relação imediata entre ambas as coisas⁵⁵. Nas suas palavras: “Eu acho que a gente fez uma programação muito voltada pro homem mesmo, pros anseios do homem” (Henrique, 30/07/2020).

Tendo em vista que o entrevistado afirmara a inexistência dessa relação entre as atividades do grupo e as agendas feministas, já que esse estaria mais voltado para questões masculinas, reformulei a questão e perguntei se no grupo ocorre a discussão sobre temas como paternidade e divisão sexual do trabalho. O entrevistado afirma que “paternidade ativa” foi um ponto de discussão entre os homens do grupo, enquanto a divisão de tarefas, ligada à questão do cuidado, não foi problematizada. Na sua visão, é preciso inserir esse tema nas reuniões. Após pedido para que eu retomasse a pergunta, voltou ao ponto e disse que, conforme a doutrina religiosa a qual está ligado, a paternidade não envolve apenas a provisão financeira, mas a provisão de amor e carinho e que esse “compartilhamento” foi o que deu a tônica da conversa que ocorreu sobre o tema no grupo.

Por fim, e encerrando o bloco, o questionei sobre quais as contribuições os feminismos têm a dar para os homens. Para ele, é necessário repensar o papel do homem já que a carga de “tarefas” das mulheres ainda é muito grande: “Então acho que o feminismo tem muito essa

⁵⁴ Mesmo sendo um homem negro, “raça” não é uma categoria central na sua narrativa, e sim “gênero”.

⁵⁵ O entrevistado encarou essa pergunta como uma dica para futuras ações a serem realizadas pelo grupo.

coisa assim sabe. Mostrar pro homem qual é o papel dele numa família ou na sociedade, entendeu? Que é um papel assim de dividir as atividades” (Henrique 30/07/2020)

Afirmou que essa questão é corriqueira na sua vida já que divide as tarefas com a esposa em casa, enquanto muitos dos seus amigos não se preocupam com essa questão. Lembrou também de uma situação em que foi machista e julgou uma moça porque ela tinha pelo nas axilas, no que foi prontamente respondido por um estagiário de sua equipe de trabalho em defesa da mulher desconhecida, o levando a repensar esse juízo de valor.

Henrique: “Então acho que nesse sentido assim também do homem aprender a respeitar o corpo da mulher, cara. A gente cresceu, meio que com aquela ideia assim, o corpo da mulher meio que é uma coisa assim de contemplação e de usufruto e de admiração do homem entendeu? Então não é isso na verdade, tá ligado? Então tem mulheres de todos os tipos e todas elas são belas na sua essência e na sua diversidade né. Então acho que os homens poderiam aprender a respeitar o corpo das mulheres né”

2.4.4 Grupo Carl Gustav Jung

Entre todos os entrevistados, Francisco se mostrou com conhecimento aprofundado sobre os olhares feministas, tanto de uma perspectiva acadêmica quanto de uma perspectiva política. Além de possuir, já há alguns anos, leituras acerca das questões de gênero e feministas, o quinto entrevistado compreende que sua história pessoal só pode ser entendida a partir de uma relação de sensibilidade com as causas sociais, estabelecida principalmente a partir da sua inserção no ambiente universitário. Sobre o seu conhecimento a respeito do movimento feminista e sua pluralidade e quais pautas lhe chamariam mais atenção, respondeu:

Francisco: “Eu tenho conhecimento dos feminismos, das suas ondas e de toda a historicidade, desde a graduação. Eu tive contato na minha graduação com uma professora chamada (...) que trabalha com várias temáticas da teoria política feminista e eu tive espaço de leitura como por exemplo sobre (...) pela primeira vez eu li bell hooks, eu li por exemplo Judith Butler, Joan Scott, enfim eu fui tendo conhecimento primeiro das teóricas feministas sabe? Uma discussão bem teórica sobre o que é gênero, a diferença entre identidade e performance, a discussão sobre interseccionalidade, essa professora trazia isso na graduação e aquilo me chamava muita atenção, tanto que eu participei de um projeto sobre as representações de mulheres nas mídias escritas brasileiras (...) Então eu tive contato com o feminismo primeiro de uma perspectiva teórica.”

O entrevistado complementou afirmando que, de uma perspectiva política, se interessou pela questão da violência doméstica e da representação política feminina ainda nos anos de graduação. Entretanto, só há pouco passou a se envolver em ações educacionais diretas referentes a esses temas, relacionadas às ações que ele vem desenvolvendo no grupo, junto a dois outros coordenadores. Relacionando a discussão sobre questões sociais ao seu percurso

político-acadêmico, ele também mencionou, durante essa resposta, a existência de uma amiga negra na sua juventude que foi uma influência importante na sua formação, pois o estimulou a ler autoras negras e a reconhecer a possibilidade de adotar a “branquitude crítica” como posição. Mais recentemente, ele tem feito leituras sobre pornografia, objetificação dos corpos e “cultura do estupro”, o que o coloca como próximo aos feminismos na dimensão teórica. Aproveitando esse gancho, perguntei como ele se posiciona em relação ao movimento.

Francisco: “Eu me considero pró-feminista. (...) Eu acho que o movimento do pró-feminismo, ele é bem importante (...) mas eu tenho feito um exercício muito de escuta e de respeito também, entendendo que como a gente vive em um mundo muito, digamos, contemporaneamente as pautas feministas estão muito fragmentadas, a gente tem muitas vozes.”

Mesmo se considerando pró-feminista, afirmou que a enunciação dessa postura, enquanto homem, gera controvérsias no espaço público, tanto entre homens quanto entre mulheres feministas. Ele também afirmou que nos próprios grupos – o que inclui os grupos de *WhatsApp* que observei ao longo do trabalho – existem posições de objeção aos feminismos.

Francisco: “Normalmente, publicamente, eu não me afirmo pró-feminista porque isso é alvo de controvérsias. Nos espaços isso é alvo de controvérsia. Seja nos espaços masculinos seja nos espaços femininos. (...) Tem muitos homens nesses fóruns aí que você tá participando que acreditam piamente que feminismo é o contrário de machismo, que feminista é radical, e violenta, e homem sofre...”

Ele falou que na posição de facilitador de um grupo, também precisa ter cuidado ao abordar essa questão com outros homens, ainda que haja uma dimensão reflexiva e crítica acoplada a uma perspectiva mais próxima das terapias no grupo. Também ressaltou que não é possível tornar equivalentes questões masculinas e questões feministas e que esse é um desafio nos debates travados junto aos seus pares, já que não são poucos os homens componentes desses grupos que, defrontados com o fato das opressões sofridas pelas mulheres, recorrem ao argumento da “vitimização” masculina.

Quanto à possível existência de uma relação entre as atividades desenvolvidas pelo grupo e as pautas dos feminismos, o entrevistado crê que ela se faça presente e menciona a pauta do combate à violência contra a mulher e a Lei Maria da Penha dela derivada como fontes de uma dimensão reflexiva que também compõe o escopo das atividades do grupo. Ele e os outros dois facilitadores compõem o coletivo “Laço Branco” ligado ao “Eles por Elas” da ONU e demonstram interesse em se engajar nessa discussão. Entretanto, ele crê que outras pautas como a objetificação dos corpos femininos ainda são parcamente discutidas. Dessa forma, compreende a necessidade de uma autocrítica: “Acaba que esses coletivos masculinos, eles

abrem algum espaço pra reforçar o autocentrismo masculino (...) E a gente não tem feito um trabalho de educação sobre isso. Primeiro a gente tem escutado o que vem à tona” (Francisco, 04/08/2020).

Ou seja, alguns passos já teriam sido dados, mas há ainda uma distância em relação a muitas pautas feministas, o que dificilmente, até mesmo pela proposta do grupo (voltada ao acolhimento do “masculino”), poderia ser revertido em curto prazo. Por fim, perguntei quais as contribuições os feminismos têm a dar para os homens.

Francisco: “Eu acho que o tema central da equidade de gênero de todos os feminismos é muito importante. (...) Na minha visão de sociedade, de democracia né. Não dá pra gente viver em uma sociedade democrática, saudável, sem essa equidade, sem mais postos ocupados por, não só por mulheres, homens e mulheres, não só mulheres cisgênero (...) Uma sociedade menos homofóbica. Eu acho que a gente como coletivo ganharia muito”

Para o entrevistado, os feminismos estão ligados ao surgimento dos grupos reflexivos e aos trabalhos psicoeducativos com homens, e que também são responsáveis por pautar a questão do cuidado.

Francisco: “Ser interdependente envolve cuidar. Eu acho que os movimentos feministas lembram que o cuidado é humano (...) e que não precisa ficar tão ancorado à ideia da maternidade, do trabalho doméstico feminino, né...”

2.4.5 Grupo Jacques Lacan

Na sexta e última entrevista, a questão dos feminismos apareceu em menor medida, de forma tangencial, haja vista que o entrevistado deixou claro desde a primeira questão – a respeito do movimento feminista e sua pluralidade –, seu desconhecimento a respeito das agendas feministas⁵⁶.

Daniel: “Bom, eu não tenho conhecimento direto de grupos feministas. (Trecho inaudível). Parece-me que são vários. Agora eu não sei dizer o que realmente elas discutem. Possivelmente elas discutem, como é lógico pensar, elas discutem machismo, patriarcalismo, esse tipo de coisa. Mas eu particularmente não tenho informações mais claras.”

Ainda assim, perguntei ao entrevistado, se enquanto participante de um grupo masculino, ele teria algum posicionamento relativo ao “movimento de mulheres”. Nesse momento, ele retomou uma consideração comum a entrevistas anteriores: a que as atividades

⁵⁶ Ressalto a incompreensão acerca de vários trechos dessa entrevista em razão de problemas na gravação realizada na plataforma Zoom. Não foi possível retornar para esclarecimentos.

que giram em torno do “masculino” são complementares aos movimentos organizados por mulheres, demandando uma comunicação entre as partes.

Daniel: “Eu acho que o grupo, o movimento (trecho inaudível) vem na consequência da necessidade de repensar o lugar da mulher na sociedade, da comunidade e de espaços relacionados e eu acho que esses grupos de homens (trecho inaudível) vêm nesse caminho, não é? Eu acho que as duas coisas são complementares e eu acho que os grupos precisam se comunicar de alguma forma”

Nesse momento, Daniel resgatou uma abordagem “psicologizante” concernente à construção das masculinidades e das feminilidades.

Daniel: “A construção da masculinidade de certa forma começa com a mãe. Então a mãe naqueles cuidados mais próximos, muitas vezes com pai, é que vai moldando o que que é ser homem. É claro que tem a participação masculina, mas se por exemplo você for fazer pesquisa com famílias monoparentais só de mãe quem é que constrói esse homem se não a mãe? Então se há grupos que questionam o que é ser mulher, o papel da mulher, é lógico que a coisa puxa pra que é o papel de ser homem. Então esses grupos precisam dialogar”

O entrevistado também afirmou que os movimentos feministas são muito plurais e que algumas correntes feministas atacam os grupos de homens, o que ele julga uma atitude equivocada.

Daniel: “Falta de conhecimento. Porque no fundo há uma necessidade na sociedade, no meu ponto de vista, de questionar o que é ser mulher, qual o papel da mulher, e o que é ser homem, qual o papel do homem. E nessa interface tem uma questão que atravessa isso que é, por exemplo, a transexualidade. Então é complexo.”

De maneira adaptativa, perguntei a ele se existe o debate sobre a diferença ou desigualdade sexual e de gênero no grupo. O entrevistado afirmou que isso emergiu de alguma forma no trabalho do grupo, pois como a sua ação é fundamentada na bioenergética, que é assentada na psicanálise, há uma questão forte com os preceitos edípicos (a relação do sujeito com o pai e a mãe): “De certa forma, isso que você me pergunta, emerge porque eles começam a falar: a minha relação com a minha mãe, a minha relação com o meu pai. Então isso acaba permeando todos os diálogos.” (Daniel, 25/08/2020). Ao fim, o questionei se as desigualdades entre homens e mulheres estão entre as pautas de discussão. Segundo o entrevistado, a questão das desigualdades emergiu em alguns momentos, mas não foi um tema de debate.

Daniel: “O que eu gostaria de frisar pra você é que, como um grupo de psicoterapia, a questão política, social, cultural (...) atravessa ainda de certa forma porque nós estamos imersos na cultura, mas o grupo é de trabalho subjetivo interior”

Em suma, o grupo não teria como finalidade discutir a cultura ou aspectos sociológicos, mas sim as próprias interações que se dão no interior da iniciativa. “O foco é a subjetividade de

cada um na relação com o outro” (Daniel, 25/08/2020). Com isso, o grupo se constituiria enquanto um espaço terapêutico destinado a homens homoafetivos.

2.5 Avaliação dos resultados obtidos pelos grupos de homens

Ao longo desse trabalho, me questionei quais tipos de resultados são gerados pelos grupos de homens. Existem impactos, políticos ou subjetivos, dessas iniciativas, no âmbito da vida dos seus participantes? É possível depreender desse “movimento” alguma consequência social? Para compreender essas possíveis transformações, realizei a seguinte pergunta, que encerrou as entrevistas (questão 09 dos Anexos II): “quais têm sido os resultados? Como você os avalia – positivos e/ou negativos? Justifique sua resposta.”. Nada melhor do que viabilizar essas questões a partir dos discursos dos coordenadores ou representantes. Havia, também, um outro objetivo aqui: encerrar as entrevistas permitindo que os meus interlocutores fizessem uma reflexão acerca da sua atuação no interior desses “projetos” por novas masculinidades. Os seus trabalhos voltados ao “pensar” a “condição masculina” no mundo contemporâneo possuem efeitos práticos? Ainda há muito a ser conquistado, ou já é possível afirmar que os participantes dos grupos de homens vêm somando novas etapas às suas histórias de vida com base nos diálogos que são levantados nos encontros?

Com relação a esse tema, o primeiro entrevistado afirmou que considera “tudo positivo” e citou uma briga duradoura que ocorreu em um dos grupos de *whatsapp* entre dois ou três participantes já conhecidos, havendo após o episódio uma reconciliação pública entre os envolvidos. Muitos consideraram essa passagem um avanço, ainda que tenham saído e que o grupo tenha ficado em silêncio por cerca de dois dias após o fato. Mais uma vez, é enfatizada a importância do espaço virtual na própria dinâmica do seu grupo, sem deixar de lado a centralidade dos encontros presenciais.

João: “Então é um grupo muito rico esse grupo de WhatsApp. E nos grupos presenciais a gente percebe essa força da egrégora masculina né, que é um grande ponto forte que são os encontros (...) O primeiro grande encontro foi organizado por nós sete, na realidade tinha mais um que eram oito, e depois quando terminou o primeiro encontro no último dia, no domingo, então a gente formou a comissão organizadora do próximo encontro. Então a gente meio que deu assistência. Meio não, a gente deu assistência pra organizar os dois encontros. Porque no primeiro ano a gente fez dois encontros: um de um dia inteiro e o outro de uma manhã.”

Foi a partir desses pequenos encontros que o conselho diretor do grupo percebeu que havia público para um primeiro grande encontro de três dias, realizado em 2018. Foram convidados no primeiro grande encontro, homens de diversos outros grupos masculinos já

existentes, aproximadamente seis, como foi dito: “Muitos homens até hoje falam: olha, naquele primeiro encontro minha vida mudou entre antes e depois. Então formou uma egrégora, uma força muito grande” (João, 14/07/2020). O primeiro grande encontro teve aproximadamente 100 participantes e o segundo grande encontro teve aproximadamente 150 participantes, o que revela, segundo o entrevistado, a existência de uma demanda por grupos masculinos que não falem sobre sexo, futebol e política, mas sobre questões íntimas e subjetivas.

Na mesma toada e integrando o mesmo grupo, o segundo entrevistado afirmou que tem tomado contato com os *feedbacks* dos participantes a partir de sua atuação como funcionário do grupo e que eles têm sido bastante positivos na medida em que esse é um trabalho voltado para questões masculinas. (“É um trabalho que é voltado pra homens e não pra mulheres”). Ele citou como exemplo uma página do Instagram chamada “O macho da relação” que traz questões muito importantes para os homens, mas cujo público é predominantemente feminino ou de homens muito “desconstruídos”, “caras legais”, “pets de feministas”, que concordam com tudo o que é dito naquele espaço, focado em críticas virulentas às masculinidades e aos comportamentos masculinos. O grupo, por sua vez, tenta ir na contramão disso ao trazer uma linguagem dirigida ao interesse dos homens, voltada às suas dores e não às dores femininas, embora essas sejam muito importantes, o que acaba atraindo homens comuns, mais relutantes à “desconstrução”. Com isso, são recorrentes os elogios à forma como o grupo aborda essas questões nas redes sociais, parte sob a qual Pedro é responsável enquanto assistente da iniciativa.

Por sua vez, Marcelo, o terceiro entrevistado, também avaliou de maneira positiva para os participantes os resultados da iniciativa na qual atua. Afirmou que há diversas histórias relativas a maior desenvolvimento da comunicação, a expansão da rede de contatos e a criação de um sentimento de confiança entre os homens que naquele espaço estiveram participando dos processos de facilitação e gerando identificação. Afirmar o seu lugar enquanto “homem” e “negro”, sujeito às opressões raciais, é algo de suma importância na sua visão: “Então assim, eu dizer o que é ser um homem negro é relevante, eu sei que todo mundo que tá ali sabe o que é ser um homem negro, eu nem preciso falar né” (Marcelo, 25/08/2020). Na sua concepção, o grupo também seria um espaço para admissão para fraquezas e medos, uma dificuldade entre os homens, especialmente entre os homens negros. Dessa forma, o grupo ao qual representou nessa entrevista tem sido um espaço para conversar sobre temas tanto sociais quanto da intimidade.

Adicionalmente à essa questão e encerrando a entrevista, perguntei a ele se o grupo continuou se reunindo de maneira *online* durante a pandemia e se o grupo possuía apenas

homens negros heterossexuais ou abarcava também homens negros gays e bissexuais. Henrique afirmou que há um grupo de *WhatsApp* e que ocorreram dois encontros *online* durante a pandemia de covid 19 nas plataformas *Google Meet* e *Zoom*. O grupo de *whatsapp* ligado à iniciativa é fechado, sendo necessário participar de no mínimo três encontros presenciais para ser inserido no mesmo pelo moderador. Em relação ao perfil dos homens, a roda conta com a participação de homens heterossexuais, gays ou bissexuais, mas nunca houve a participação de um homem negro transexual. Para ele, a roda tem como desígnio abarcar a categoria “homem negro”, independente do recorte sexual ou identitário.

Ainda nos marcos dessa avaliação, Henrique considerou como positivos os resultados das atividades, o que se deve em muito ao fato de existirem apenas homens no grupo, haja vista que a presença de mulheres intimidaria o “coletivo”, obrigando-os a performar uma imagem mais tradicional do “macho”.

Henrique: “Eu acho que a galera se sente bem falando porque é uma reunião exclusiva pra homens. E aí eu acho muito importante isso porque se houvesse a presença de uma mulher sequer eles com certeza não iriam se expressar abertamente, francamente porque o homem foi criado sempre a tipo se fazer de forte perto de uma mulher, então eles não falariam de suas fraquezas e vulnerabilidades se tivesse uma mulher sequer. Acho que a maioria não iria abrir o seu coração”.

As dinâmicas do grupo, conforme o entrevistado, se contrapõem ao estilo banal de conversas entre homens, permitindo diálogos masculinos profundos que permitem a troca de sentimentos. O próprio entrevistado afirmou que procurou esses espaços inicialmente em busca de novas amizades masculinas que falassem algo “interessante” e não apenas se propusessem a discutir as trivialidades comuns entre os homens heterossexuais.

O quinto entrevistado, por sua vez, avaliou os resultados das ações do grupo muito positivamente, ainda mais levando em conta que os coordenadores do Carl Jung, o que o inclui, se constituem enquanto um trio que ainda não havia dirigido um grupo e que, na altura da entrevista, já estavam chegando à quinta turma de formação, reunindo todos aqueles interessados em atravessar uma “jornada”. Atualmente, o grupo possui uma página no Instagram, um blog, um canal no Youtube e um canal no *Telegram* e vem recebendo convites para realizar ações junto à diversas instituições. Na dimensão terapêutica, ele também conseguiu observar diversos efeitos construtivos nos participantes a partir de relatos que surgiram em meio às reuniões do grupo. Esses efeitos teriam repercutido na transformação de comportamentos machistas e homofóbicos:

Francisco: “Eu costumo dizer que é um trabalho de formiguinha. Não é um trabalho macroestrutural, ele vai ali no campo das individualidades. Micropolítico talvez. Mas a gente tem efeitos sim.”

Ele afirmou que se vê relacionamentos masculinos mais saudáveis nos últimos tempos, o que indica que o grupo tem feito com que ele mesmo se transforme e se aproxime cada vez mais do seu pai e da sua esposa. Como consequência, no âmbito doméstico, emergem acordos mais igualitários de divisão do planejamento e das tarefas do lar. “Isso é um efeito do (...) e (...) não é uma visão “propagandística” do grupo, mas produto do seu olhar terapêutico (que compara a entrada e saída desses homens) e dos *feedbacks* que vem recebendo daqueles que lá são “atendidos” (Francisco, 04/08/2020).

É possível observar, por meio das respostas acima, que nesse momento da entrevista ocorreu uma visão bastante otimista em torno daquilo que tem sido feito até agora pelos grupos masculinos. O adjetivo “positivo” define uma situação na qual coincidem as matrizes de atuação dessas iniciativas e os resultados alcançados por elas. Afinal, se as abordagens predominantes têm sido as terapêuticas ou psicologizantes, propiciadora da externalização dos dramas da psiquê, as consequências esperadas são a construção de novos processos de subjetivação pelos indivíduos participantes. Essas subjetivações “outras” concernem aos “outros” masculinos possíveis a partir da compreensão de que as masculinidades induzem a paradigmas culturais, comportamentais e políticos que, com frequência, se confrontam com os principais anseios dos sujeitos.

A busca pela ressignificação do “eu” e das suas contradições se traduz por vezes, em alguns desses espaços, na busca pelo “sagrado masculino”, elemento enigmático que remete à uma essência que os homens levam consigo, mas que necessita ser estimulada para ser descoberta ou redescoberta dando vazão à integralidade de suas personalidades. Esse trajeto de si a um suposto “sagrado” é o movimento do autoconhecimento, do encontro com a interioridade que se encontra sob cerco dos constrangimentos sociais e culturais e do contato com questões que, pela dureza das performances masculinas, foram ignoradas ou repelidas para uma outra dimensão da existência. Sendo assim, os grupos de homens, sob perspectivas mais ou menos assentadas cientificamente, se constituem enquanto arenas onde as feridas emocionais estão expostas, autorizando processos dialógicos e corporais em que essas podem ser encaminhadas a vias de abertura que passam pelo questionamento do quão pertinentes são os pilares nos quais se assentam os “formatos” do homem moderno.

Logo, considero que a “positividade” dos grupos – relatada e constatada em avaliação pelos coordenadores/representantes das iniciativas – é produto de um tipo de ação que, na sua

devida escala, gera efeitos individuais (majoritariamente no nível da percepção de si e dos indivíduos ao entorno) capazes de resultarem em transformação das trajetórias localizadas. As releituras que os sujeitos fazem da sua subjetividade, do seu arsenal comportamental e do seu repertório discursivo constroem outros tipos de socialização que, conseqüentemente, fomentam outros espaços e dinâmicas de sociabilidade entre os próprios homens e entre homens e mulheres. Uma mudança macro sociocultural certamente não está aqui em pauta, e os entrevistados a reconhecem. Entretanto, interessa observar como os grupos de homens enquanto fenômeno sociológico – na acepção aqui compreendida – concedem e fundam um local de reflexividade para aqueles que deles participam em sua diversidade de graus de aprofundamento da autocrítica e crítica do sexismo.

CAPÍTULO 03 - UM OLHAR SOBRE OS GRUPOS DE HOMENS PELO WHATSAPP

Na sociedade em que um homem deve conter as suas emoções e rejeitar a sua sensibilidade, a busca por espaços de escuta e acolhimento tem se tornado uma necessidade crescente para aqueles homens que aí não se identificam. Esses espaços, todavia, não são apenas presenciais. Com o advento da internet e das redes sociais nos últimos anos, ainda mais no contexto da pandemia de COVID-19 em 2020, é inexorável que o universo da virtualidade se torne uma extensão para as atividades presenciais de ressignificação das masculinidades, ou que assumam elas próprias a centralidade dos referidos espaços. Nessa toada, os participantes de grupos de homens no DF têm usado as plataformas virtuais para darem continuidade ou mesmo iniciarem debates cruciais que emergem das suas histórias de vida. No âmbito do estudo aqui realizado, a principal dessas plataformas de diálogo e contatos tem sido o *WhatsApp*. É lá que se constituem conversas, abertas e exclusivas para homens, que se passam durante todo o ano, ligadas ou não aos projetos existentes no formato presencial⁵⁷.

É possível que alguns traços discursivos e jogos interativos tenham emergido nesses grupos exatamente por suas atividades terem se concentrado nesse espaço virtual. Os grupos de *WhatsApp* deixaram uma posição periférica e de apoio às ações que ocorriam presencialmente, emergindo aí novos contornos. Contudo, não foi esse o foco da pesquisa, não havendo parâmetros para se afirmar se tais grupos tornaram-se mais centralizados em algumas pessoas, mais conservadores ou liberais, etc.

Esses grupos de homens *online* tem como principais facetas: a reiteração de debates em torno de problemáticas centrais para a “condição masculina”, a grande quantidade de participantes em cada um deles, o fluxo intenso de entrada e saída, a alternância entre períodos de ausência de diálogo e períodos onde predominam manifestações mais frequentes; a abertura para temáticas que vão surgindo de maneira livre a partir das inquietações de participantes, que são impelidos a desenvolvê-las a partir do momento que as trazem à tona; a proibição de discussões políticas e esportivas; a proibição da circulação de materiais pornográficos; o convívio entre homens heterossexuais, homossexuais e bissexuais, negros e brancos, com conversas sobre as especificidades de cada segmento; e a repressão coletiva a falas consideradas

⁵⁷ Importa ressaltar aqui que, dos três grupos analisados (Grupo *online* 01, Grupo *online* 02 e Grupo *online* 03), apenas dois correspondem a um dos grupos presenciais estudados, ainda que sejam receptivos a membros de vários grupos, enquanto o outro é uma iniciativa exclusivamente *online*.

discriminatórias⁵⁸. Todos os participantes ingressam por meio de um *link* disponibilizado, contato com os moderadores ou com homens que lá já estão inseridos.

De acordo com os estudos de Braga e Carauta (2020) e Zanello (2020), grupos comuns de WhatsApp, formados por homens que não possuem o mesmo propósito dos grupos ora estudados, tem sido *locus* de reprodução da misoginia, da homofobia, do racismo e da objetificação sexual das mulheres através de conteúdos como imagens ou vídeos com teor que se pretende “cômico”, chegando por vezes ao “riso”, motivado com base em situações graves e criminosas como o feminicídio. Na contramão dessa tônica, identifiquei, nesses grupos pesquisados, espaços de outro tipo, onde o *WhatsApp* serve para difundir discursos masculinos que vão de encontro com preceitos da masculinidade hegemônica. A reflexividade sobre comportamentos considerados prejudiciais às mulheres e a outros grupos sociais dita a tônica de muitos participantes, assim como a exposição de fragilidades pessoais nos campos da sexualidade, dos relacionamentos afetivos, da criação dos/as filhos/as e da própria saúde física e mental.

Socialmente se exige dos homens um pacto de “silêncio” em torno das suas dores que nesses espaços parece ser quebrado. Se exige também um outro pacto de “silêncio” em relação às violências com relação a tudo aquilo que remete ao “feminino”, fenômeno que também aqui parece, ainda que com contradições, ser questionado. Não se trata, assim como nos grupos presenciais, de “desconstruir” as masculinidades ou de afirmar o “masculino” como algo ruim, mas de revisar crítica e em diálogo alguns dos aspectos chave da socialização dos homens e que, em algum momento, passaram a ser incômodos a esses participantes.

3.1 Participação e observação

Estive no interior dos três grupos de WhatsApp observados entre os meses de julho e outubro de 2020. Meu objetivo nesses espaços era realizar uma observação direta das dinâmicas, conversas e debates entre os homens que ali estavam, e aplicar o *survey* cujos resultados foram apresentados no primeiro capítulo. Não houve, de minha parte, uma busca por grupos de WhatsApp de cada um dos grupos de homens aqui elencados. Não se tratou, também, com essa inserção a campo, de conhecer mais a fundo as particularidades de cada um desses grupos, mas de ter a oportunidade de observar diretamente a interação entre os integrantes ainda que em meio virtual diante das restrições de contato presencial. Tratou-se de uma estratégia

⁵⁸ Embora essa regra coletiva não conte com concordância de todos os membros dos grupos, há falas machistas, homofóbicas ou transfóbicas sendo por vezes motivo de disputa.

metodológica, portanto, para chegar a me aproximar de uma dimensão vivida desses grupos, um ângulo distinto da dimensão discursiva a mim apresentada pelos coordenadores/representantes, conforme descrito e discutido no capítulo anterior.

Nos últimos anos, um rol de pesquisas *online* em torno das questões de gênero e sexualidade tem emergido nas Ciências Sociais, se valendo de metodologias que ajudam a explorar sites e aplicativos de amizades e relacionamentos; e analisando como as dinâmicas do universo digital interferem nas interações entre os sujeitos envolvidos. Segundo Miskolci (2016), essas investigações se alinham com os marcos de uma Sociologia Digital em construção, subárea que abarca objetos de estudos os mais diversos, referentes à Web 2.0, a internet pós-década de 1990 na qual os usuários passam a ser os produtores do conteúdo que se insere na rede. Um dos marcos da Web 2.0 são as redes sociais, dentre as quais Orkut, Facebook, Instagram e mais recentemente o *Whatsapp*, que tem se tornado um dos principais meios de comunicação existentes entre os/as brasileiros/as, facilitando a troca de mensagens e a realização de chamadas em diferentes smartphones e sistemas operacionais.

No espaço dos bate-papos e aplicativos de relacionamento, Miskolci (2013) e (2014), bem como Corrêa e Cruz (2019), analisaram, em diferentes contextos e ângulos, como o universo virtual tem sido uma via para canalização dos desejos homoeróticos longe dos olhares sociais, marcados pelo heteroterrorismo (BENTO, 2011) e a regulação dos corpos e práticas sexuais. A masculinidade é uma questão fundamental nas interações analisadas pelos pesquisadores nesses espaços, haja vista que vários dos homens que os procuram deixam explícita a sua vontade de encontrar outros homens que performem ao mínimo traços de feminilidade, “machos” ou “discretos”, ou seja, que exerçam a sua sexualidade de maneira privada sem dar mostras dessa nos espaços públicos (CORRÊA, CRUZ, 2019). Por sua vez, Larissa Pelúcio (2020) realizou pesquisa nos aplicativos *Adote um Cara*, *Happn* e *Tinder* a fim de identificar como homens heterossexuais de faixas etárias distintas lidavam com os impactos, no campo dos relacionamentos e dos afetos, das transformações provocadas pelos movimentos feministas e por outras lutas sociais por reconhecimento que tem colocado o ideário tradicional de masculinidade em questão.

Já as pesquisas realizadas no *Whatsapp* acerca do tema das masculinidades incluem: o trabalho de Braga e Carauta (2019) que analisaram, etnograficamente, a homosociabilidade em grupos que abordavam a temática do futebol, demonstrando como, além do interesse pelo esporte, as linguagens misógina e homofóbica, em forma de textos, imagens e memes, circulam nesses espaços como vias de socialização; além do trabalho de Valeska Zanello (2020) que mostrou de que maneira a masculinidade hegemônica é constantemente reafirmada nos grupos

exclusivamente masculinos a partir da presença e apreciação de conteúdos profundamente sexistas, homofóbicos e racistas, que expõem a forma pela qual, sob o olhar masculino, o corpo feminino é sexualmente objetificado – dentro de determinados padrões socialmente exigidos – e como as masculinidades são atravessadas por hierarquias que excluem aqueles homens que se aproximam daquilo que é tido como “feminino”.

Na presente pesquisa, também no aplicativo *Whatsapp*, desde os primeiros dias, a minha postura enquanto pesquisador os grupos foi marcada pela estranheza, de modo similar às pesquisas de Miskolci (2013), Pelúcio (2020) e Zanello (2021), que criaram estratégias para não gerar constrangimentos aos interlocutores e impedir a realização de seus estudos. Primeiro, por minha intenção ali ter sido enunciada apenas para os moderadores que me disponibilizaram os *links* para entrada nesses respectivos espaços e em momentos mais restritos em que anunciei estar realizando uma investigação a respeito dos grupos. Segundo, pelo fato de que eu mesmo jamais havia estado em um grupo de *WhatsApp* exclusivamente masculino e com tamanho número de participantes e no qual vigorasse a ideia de diálogos para o acolhimento “fraterno”. Terceiro, e por fim, pela minha posição ter sido marcada, durante todas as conversas, pela posição exclusiva de ouvinte, ainda que fosse genuína a minha vontade de intervir em alguns momentos. Apenas quando lancei mão do questionário, para que os homens interessados o respondessem, revelei que estava realizando uma pesquisa sobre os grupos de homens do DF, quando recebi palavras de apoio de alguns membros ali presentes.

O Grupo *online* 01 tinha uma média de 250 participantes quando da minha entrada; já o Grupo *online* 02 tinha um número de participantes mais restrito, abaixo de 50, o que pode justificar o número escasso de mensagens que circulara durante todo o período neste espaço; enquanto o Grupo *online* 03 oscilou entre uma média de 100 a 150 participantes ao longo da observação, sendo o grupo mais ativo em número de discussões e mensagens. Tendo em vista que semanalmente havia uma entrada e uma saída considerável de novos membros, principalmente quando do aparecimento de questões mais polêmicas, não foi possível apontar um número exato de homens que tem se inserido em cada um dos espaços ao longo do tempo. Cada grupo contava com administradores que também faziam o papel da moderação, em raros momentos, frente à infração das regras pré-determinadas.

Devido ao grande fluxo de mensagens emitidas durante todo o período em que estive nos grupos, me organizei de modo a registrar aquelas discussões que fossem consideradas mais relevantes para o debate sobre masculinidades que fomenta o problema de pesquisa deste trabalho. Conforme lia as mensagens dos três grupos, diariamente tomava notas do que ali ocorria em uma espécie de diário de campo virtual (registrando a centralidade do conteúdo que

ali aparecia) e armazenava parte das conversas em um serviço de armazenamento *online* a fim de não perder a íntegra das mensagens assim que saísse dos grupos. Os debates cruciais identificados se deram em diferentes datas e em grupos diferentes, ainda que por vezes as conversas simultâneas fossem muito similares.

O Grupo *online* 03, último em que ingressei, foi aquele em que mais ocorreram discussões, enquanto o Grupo *online* 02, segundo em que ingressei e é relacionado aos moderadores do Grupo online 01, mostrou um baixo fluxo de mensagens ao longo dos meses. Em todos esses, as mensagens variavam de correntes espiritualistas a masculinidades e divulgação de *lives*. As conversas passavam por trivialidades que pouco se desenrolavam, chegando a discussões mais intensas entre os participantes sobre pontos que os interessavam, os quais foram focos de meu interesse. Os debates se iniciavam a partir de colocações individuais, que recebiam incentivo para que fossem desenvolvidas, e que se tornavam abertas para interpelação dos demais membros, produzindo os diálogos.

Com o decorrer da pesquisa, tomei conhecimento de outro grupo de *Whatsapp*. Neste outro espaço que não investiguei, mencionado por um dos entrevistados deste trabalho, os homens teriam mais liberdade para discorrer sobre temáticas que são restringidas nos demais grupos como futebol e esportes ou debates político partidários. Seria possível também circular propagandas e correntes com maior liberdade. Ou seja, seria um local em que os traços mais habituais do “masculino” tradicional poderiam ser melhor explorados nas conversações. Ao invés de uma arena em que as individualidades são expostas de maneira aprofundada, em um processo de revisão, talvez aí se encontre algum desabrochar do típico “macho” em uma mesa de bar, mediante um papo descontraído com seus amigos homens. Fazendo um paralelo com a concepção de Sedwigck, retomada por Miskolci (2013), em torno do “armário”⁵⁹, mas pensando o contexto das diferentes performances masculinas no universo virtual, haveria uma divisão entre o “masculino” em transformação, que é a imagem oficial dos grupos, e aquilo que deve ser realizado de modo mais discreto e secreto, com suas contradições e ímpetos mais arraigados. Ambos coexistem e se retroalimentam, em uma dinâmica de cumplicidade entre os participantes, conforme o autor.

⁵⁹ “O armário se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo.” (MISKOLCI, 2013, p.302)

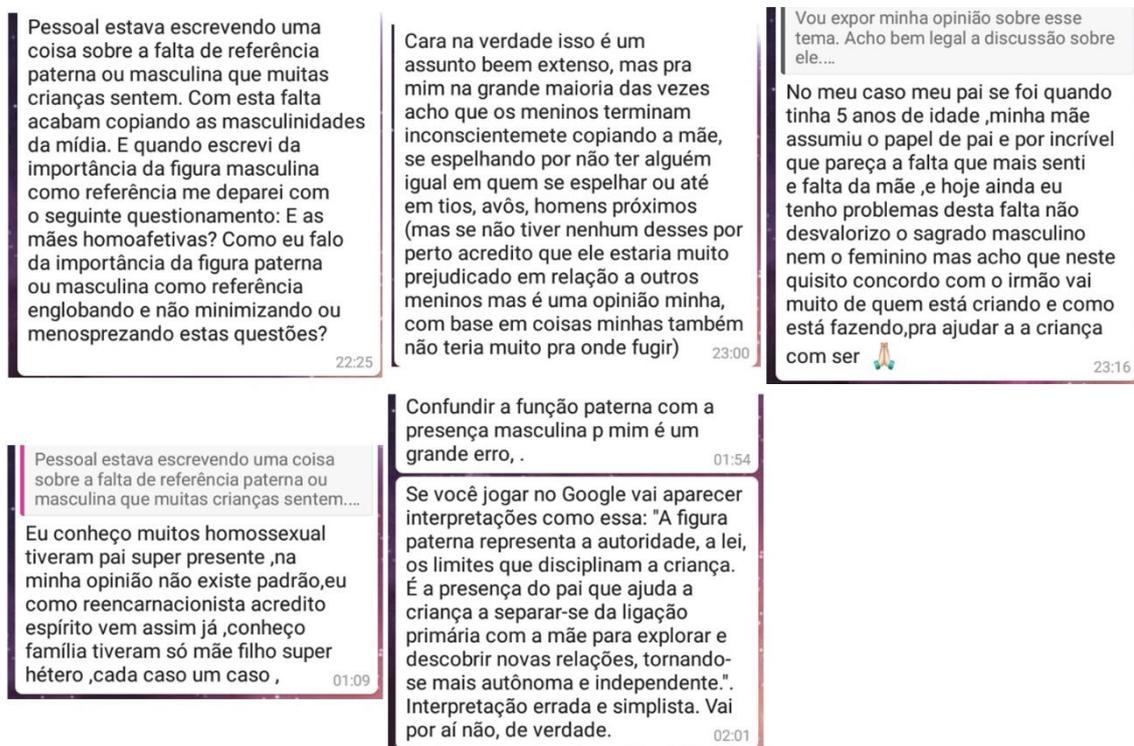
3.2 Primeiras conversas

Algumas das problemáticas discutidas (por vezes repetidamente) pelos homens que ali estavam foram: o drama da paternidade, o drama das relações afetivas e sexuais, o drama do silenciamento emocional, o drama da espiritualidade e os dramas da homofobia, do machismo e da transfobia muitas vezes por eles reproduzidos na condição de perpetradores ou na condição de vítimas⁶⁰. Essas questões apareciam nas conversas de maneira isolada ou conectada, na medida em que cada tema fosse capaz de suscitar questões relacionadas a outro tópico importante. A fim de fazer uma síntese da observação direta, trago aqui as conversas chave detectadas entre os meses de julho e outubro, obedecendo à sequência temporal que compõe a linha de observação que constitui o meu trabalho. Entrei nos Grupos *online* 01 e 02 no dia 16/07 e no Grupo *online* 03 no dia 22/07. Nos primeiros dias de observação, até o dia 28/07, não ocorreram debates acalorados, embora temas importantes tenham sido levantados.

No dia 22 de julho, por exemplo, uma das questões mais repetidas dos grupos já aparecia como tópico de discussão no Grupo *online* 01: a ausência paterna. Alguns homens discutiram a questão sob a ótica do seu sofrimento pessoal e outros sob a ótica de observadores externos. Alguns mostraram preocupação com o discurso da ausência paterna, centrando-se no homem como pai, pois essa poderia marginalizar casais de lésbicas. Já outros mostraram a importância do pai na formação do indivíduo, inclusive citando supostas estatísticas (não detalhadas ou apresentadas na fonte) que expõem a tendência de filhos criados sem pai em entrarem no mundo da criminalidade. A conversa sobre o tema se estendeu com a disponibilização de *links* a respeito da problemática. Dentro desses espaços, notei que é comum que a ideia de que o maior responsável pela formação e percepção de masculinidade de um filho seja o seu pai biológico, de criação ou um homem que ocupe esse lugar (um tio, um avô, um padrasto etc.), confirmando aspectos mencionados pelos coordenadores/representantes. A seguir, as primeiras mensagens aqui exibidas, que devem ser lidas na ordem horária crescente.

⁶⁰ A questão racial não foi ponto de debate durante o período analisado, tendo havido uma centralidade dos diálogos sobre gênero e sexualidade.

Figura 11 - Diálogos sobre presença e ausência paternas



Fonte: Whatsapp (2020)

Já nos dias 25 e 26 de julho, os participantes debateram uma miríade de questões, desde as singularidades dos relacionamentos heterossexuais, passando pela insensibilidade dos homens (e a necessidade de melhor expressar seus sentimentos), comunicação não violenta, identidades (partindo da concepção de que elas são culturalmente construídas), formas alternativas de exploração da sexualidade (tantra e massagens orgásticas) a posturas tóxicas no ambiente familiar. O fluxo de mensagens do Grupo *online* 03 era elevado, o que dificultava a leitura integral das conversas⁶¹.

À essa altura, já havia ficado claro que o número de participantes que entravam diariamente no grupo, bem como o número dos que saíam sem justificar o motivo era consideravelmente alto. Uma das mensagens, em 23 de julho, no Grupo *online* 01, trazia, por sua vez, uma saída justificada. O participante alegara que o grupo havia perdido o propósito e que as limitações tecnológicas do *Whatsapp* impediam o aprofundamento das questões, algo que chama a atenção por se coadunar com a análise de Rita Segato (2003) sobre as salas de

⁶¹ A maioria absoluta das mensagens eram escritas, com alguns poucos áudios enviados no grupo durante essas e outras discussões. Enfatizo aqui o conteúdo escrito.

bate-papo nos primórdios da internet, marcadas por uma troca de mensagens intensa que não produzia diálogos efetivos.

Figura 12 - A saída justificada de um membro do Grupo online 01

<p>Galera, Acho que chegou a hora de dizer o óbvio. Esse grupo perdeu-se do propósito inicial quando foi criado. Já fizemos algumas tentativas de arrochar nas regras, de separar esse grupo e levar alguns tópicos para o boteco. Já tentamos migrar isso tudo para uma ferramenta como o Slack ou outra que iria separar melhor os tipos de assunto, porém aqui estamos, num fórum único que tem limite de participantes e forçadamente numa única "sala" de discussão que "precisa" abarcar tudo que acontece nesse universo novo que estamos fazendo brotar.</p>	<p>Estou aberto a sugestões... E mais uma vez, acho que como porta de entrada para a nova proposta de masculino que estamos propondo aqui é muito prático, mas depois que aprofundamos, isso aqui tem limitações tecnológicas que não nos permitem aprofundar em discussões e sustentar elas por semanas (por dias até acontece).</p>
<p>Eu hoje, mais uma vez senti a necessidade de parar de participar. Mas desejo realmente que exista um espaço para continuar fazendo o que vínhamos fazendo no início desse grupo.</p>	<p>09:33</p>

Fonte: Whatsapp (2020)

Desde o início era também perceptível a legitimidade de muitas tentativas de “desconstrução” ou revisão de comportamentos por parte dos homens lá inseridos, a partir do reconhecimento do “privilegio masculino” e de comportamentos cotidianos que poderiam ser lidos como machistas e que deveriam ser discutidos conjuntamente.

E, por fim, no dia 28 de julho, mais discussões relevantes foram levantadas no Grupo *online* 03. Boa parte das conversas do grupo nesse dia se deram em torno da questão da espiritualidade. A conversa teve início quando um dos homens associou a procura por Deus e por ajuda espiritual a uma quebra de paradigmas com a masculinidade hegemônica, pois isso seria um reconhecimento de insuficiência e fraqueza. Muitos homens se disseram praticantes do xamanismo, da wicca e de formas independentes de espiritualidade. Alguns relataram como o “cultivo do espírito” os ajudou no decorrer de suas trajetórias. Outros se disseram cristãos, mas abertos a novas perspectivas.

Outro tema levantado na data foi a questão política - uma opinião negativa sobre o governo federal foi emitida, mas logo censurada. Segundo as regras dos grupos, discussões político-partidárias não são bem-vindas. Isso ocorre em razão do fato de que os grupos

vislumbram a união entre os homens (clamores por fraternidade são recorrentes) em meio à existência de indivíduos mais conservadores e mais progressistas entre o conjunto dos participantes. Isso ajuda a desmistificar a ideia de que só existam “homens” com “mentalidade mais avançada” à procura desses grupos. Destarte, a ideia de “fraternidade masculina” procura ser ampla aqui: ela abarcaria heterossexuais, homossexuais e bissexuais; brancos, pardos e negros, em uma grande irmandade.

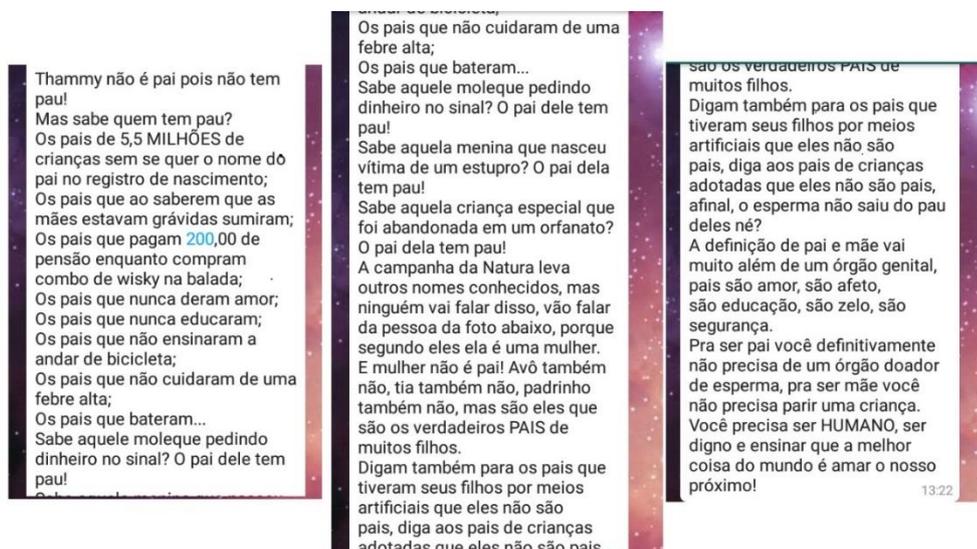
Porém, foi somente em 29 de julho que aconteceu o primeiro dos que vou chamar aqui de “debates chave”, por ter mobilizado grande número de participantes e explicitado profundas divergências de opinião, mobilizando novamente o destacado tema da paternidade entre eles. Com a aproximação do dia dos pais de 2020, uma marca de cosméticos lançou uma campanha publicitária relativa à data com uma presença bastante polêmica. A campanha, fortemente atacada pelos segmentos conservadores na sociedade brasileira, foi recebida com euforia nos meios progressistas na medida em que celebrava a paternidade considerando a sua diversidade. Toda essa repercussão chegou aos Grupos *online* 01 e 03.

3.2.1 29/07 a 31/07 – A questão Thammy Miranda

No fim de julho, houve então um amplo debate sobre a temática da paternidade, principalmente da paternidade ausente. O tema foi levantado a partir do caso de Thammy Miranda, homens trans, personalidade pública e atualmente deputado estadual em São Paulo, que, ao ser convidado a participar de uma campanha da Natura do Dia dos Pais, causou impacto no debate do senso comum brasileiro às vésperas da comemoração.

É no Grupo *online* 03 que o tema domina as conversas a partir do dia 29 de julho. Tudo começa no início da tarde quando é compartilhado um texto e uma foto com Thammy e seu filho. O texto critica a hipocrisia da sociedade brasileira, que se ocupa em questionar a legitimidade da identidade masculina do protagonista da campanha, ao mesmo tempo em que não problematiza nem questiona os inúmeros pais ausentes e agressores por todas as partes.

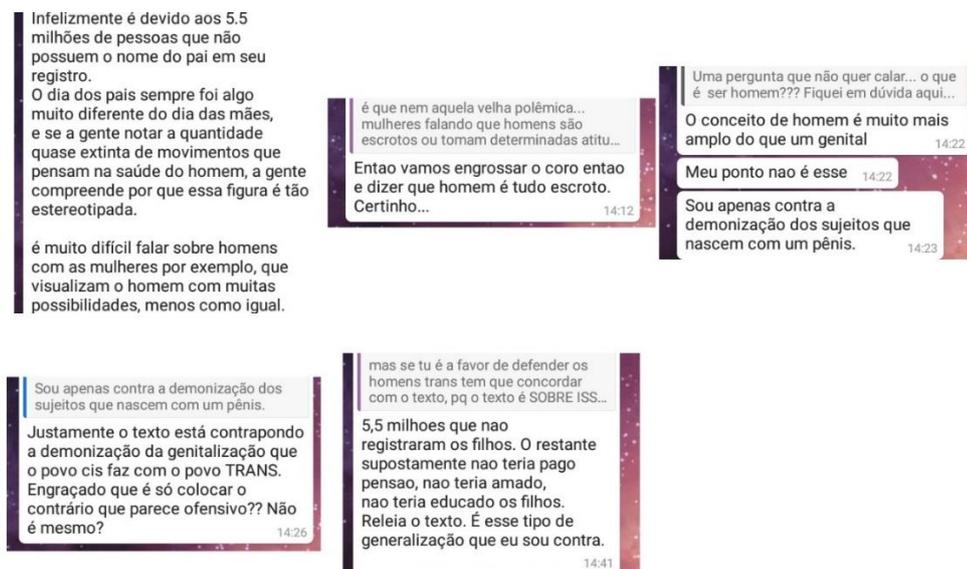
Figura 13 - “Textão” em defesa de Thammy Miranda



Fonte: Whatsapp (2020)

O texto causou reação imediata. Logo alguns homens se mostraram avessos ao que chamaram de “demonização” dos homens cisgêneros e dos pais de maneira geral (supostamente sempre apontados como falhos e não amorosos). Outros partiram para a ironia, enfatizando a posse do “pênis” como um definidor da identidade e do orgulho (“o pinto que há em mim saúda o pinto que há em você”) - mencionando inclusive a questão do tamanho do pênis, já que o texto faz referência ao “pau” como possível definidor do “ser homem”. O objetivo (de alguns) aqui era marcar que a masculinidade suposta legítima talvez não orbite no terreno da transexualidade e ainda esteja atrelada ao plano biológico. A percepção dos participantes que passaram a disputar essa narrativa sobre a paternidade era de que o “homem” cisgênero (e que, portanto, pode ser lido socialmente como um “pai de verdade”) é alvo – dentro do próprio grupo – da construção de uma imagem distorcida que, conseqüentemente, rebaixa as suas competências e o desvaloriza enquanto “pai de família”.

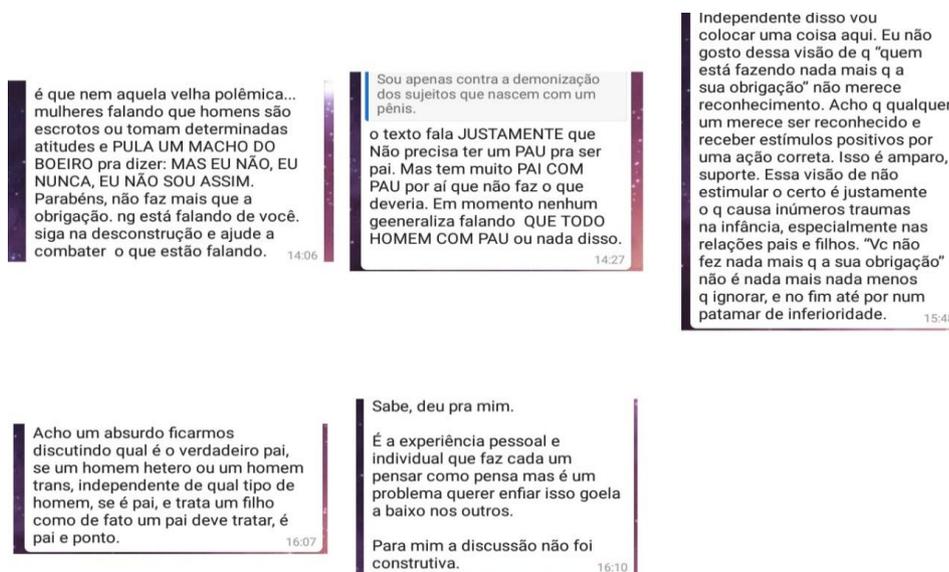
Figura 14 - O debate em torno do “Textão” – Parte 01



Fonte: Whatsapp (2020)

A discussão também foi marcada por certa revolta com a generalização de que os pais brasileiros seriam essencialmente ruins. Contudo, a maioria dos membros enfatizou a centralidade da questão *trans* e a necessidade de respeitar a todos, independente de identidade de gênero e orientação sexual. Também essa maioria apontou para um horizonte de revisão crítica das paternidades, mantendo esse traço questionador do grupo. Logo, a inclusão de uma masculinidade “diferente” nas alusões à data, embora disputada, encontra respaldo nas visões de parte considerável dos que se manifestaram ao longo do dia, tornando perceptível o fato de que há um entendimento e uma aceitação acerca da legitimidade da identidade e transmasculina e de sua capacidade à paternidade.

Figura 15 - O debate em torno do “Textão” – Parte 02



Fonte: Whatsapp (2020)

Como ressaltado ao longo deste trabalho, nem todos os enquadramentos possibilitados pelo “masculino” tem passagem livre para a “casa dos homens”. No caso aqui abordado, o fato de haver um sujeito que antes era identificado com o gênero feminino e que atravessou um árduo processo para ser reconhecido enquanto “homem” gera tensionamentos e questões entre os seus “pares” de gênero. Essa tensão atinge o ápice quando a sua imagem passa a ser associada à paternidade, que concerne, assim como a maternidade, a representações sociais tradicionais e a visões biologizantes. Ou seja, nos marcos coletivamente sancionados, a figura do “pai” e da “mãe” decorre também da posse das genitálias e dos aparelhos reprodutores respectivos (“mãe” = vagina e útero e “pai” = pênis). A inversão destes paradigmas gera reação imediata nos estabelecimentos sociais, ao desestabilizar as normas de compatibilidade entre gênero e genitália a partir do aparecimento de novas representações: o “homem que engravida”, “o pai com vagina” ou a “mãe com pênis”. Logo, quebra-se a cadeia genitália-gênero-orientação sexual-performance pressuposta desde o nascimento (BUTLER, 2003). Na contramão dessas linhas de normalização, Guacira Lopes Louro (2019) afirma:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite as identidades, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo, e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. (LOURO, 2019, p.16)

Neste sentido, o gênero, ao contrário do que se pressupõe, é uma construção social cultural e historicamente variável, incorporada sob a forma de diferentes vias que podem se mostrar profundamente violentas, a ponto de serem questionadas por sujeitos que dada a sua posição foram e são continuamente subalternizados por meio de recursos de patologização. Conforme Foucault (2014), desde o século XIX diferentes tipos sociais, dentre os quais os homossexuais, tem sido relegados ao plano da anormalidade com o auxílio de diferentes campos de saber responsáveis por catalogar e analisar os comportamentos disfuncionais à manutenção do biopoder (FOUCAULT, 2002). Somente nas últimas décadas as lutas por reconhecimento têm auxiliado no desmoronamento dessas fronteiras rígidas antes estabelecidas entre o “normal” e o “anormal”, ainda que estas continuem penalizando desproporcionalmente as pessoas transexuais.

Com relação à questão do abandono paterno que também gerou repulsa de alguns dos participantes que enxergaram no debate nova forma de culpabilização, é possível dizer que longe de algo individualmente variável, a questão aí abordada ganha conotações estruturais no Brasil. Segundo Ana Liési Thurler (2006) em nossa sociedade tem-se constituído secularmente um novo tipo de patriarcado, destituído da presença do pai; abandono que marca a vida de diversas crianças. Essa deserção, que pode se dar de diferentes maneiras, consolidando um panorama de paternidade sob escolha em paralelo com uma maternidade compulsória, haja vista que as mulheres que abandonam os seus filhos ou que interrompem clandestinamente as suas gestações são enxergadas como autoras de atrocidades. As disputas em torno dessa paternidade levam à intensa desconfiança dos depoimentos femininos acerca de quem é o pai, algo que se legitima por meio do Direito androcêntrico nacional, tornando central o papel do exame de DNA (THURLER, 2006). Ademais, mesmo que haja o reconhecimento masculino, em função da divisão sexual do trabalho, os cuidados e afetos muitas vezes recaem quase que inteiramente sobre a figura materna, o que estrutura um distanciamento pai-filho e solidifica a negatividade daquele que seria a principal referência masculina familiar heteronormativa.

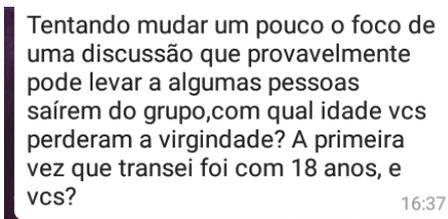
No dia seguinte, o debate arrefeceu, embora a questão das transmasculinidades tenha continuado aparecendo de maneira direta ou indireta em conversas posteriores alimentadas tanto no Grupo *online* 01 quanto no Grupo *online* 03, onde os participantes são mais ativos. O tema acabou sendo substituído na ordem do dia por discussões acerca de padrões tóxicos de masculinidade (inclusive no meio gay), culto à virilidade, chamados à fraternidade e ao afeto entre homens e uma série de indicações de leituras sobre o tema das masculinidades, dentre as quais: “História da Virilidade”, “O Código dos Homens”, “O Pênis no Divã”, “Psicologia Masculina”, “A Grande Aventura Masculina”, “A Construção Social da Masculinidade” etc⁶².

As indicações mais teóricas foram feitas por um dos participantes que afirmou possuir acervo bibliográfico relacionado ao tema do “masculino”. Nessa mesma data, nos Grupos 01 e 03, alguns arquivos do livro *João de Ferro* circularam, assim como textos e falas sobre o “sagrado masculino”. Os homens também aproveitaram para discutir um pouco mais sobre sexualidade masculina e vício em pornografia, temas fulcrais na experiência do “ser homem”. Inclusive, no dia anterior, questões sexuais (imagem abaixo) haviam sido evocadas como forma de encerrar o debate polêmico sobre paternidade. Em todas as discussões sobre gênero, é patente que muitos discordantes ao invés de se manifestarem por mensagens escritas, começam a deixar

⁶² As imagens dos livros, enviadas nos grupos, estão presentes no Anexo IV.

os grupos como sinal de “protesto”, o que explicita certo incômodo, ainda que minoritário, com agendas progressistas.

Figura 16 - O princípio de uma discussão sobre virgindade



Tentando mudar um pouco o foco de uma discussão que provavelmente pode levar a algumas pessoas saírem do grupo, com qual idade vcs perderam a virgindade? A primeira vez que transei foi com 18 anos, e vcs? 16:37

Fonte: Whatsapp (2020)

3.2.2 02/08 e 03/08 – A sexualidade em questão

Na semana seguinte ao debate, houve baixa circulação de mensagens nos grupos de *WhatsApp*, com o aparecimento de correntes de cunho religioso e propagandas. O ponto polêmico de então foi uma enorme discussão no grupo por conta de uma fala “gay” (“queria um homem chupando meu pau”) e consequente saída de alguns homens, supostamente justificada por aversão à fala. Afinal, há homens homossexuais que também abordam questões, vistas como mais específicas da homossexualidade, no interior da conversa, o que de maneira muito explícita acaba gerando incômodo a outros participantes. Um dos participantes – heterossexual – chegou a dizer que se falasse de sexo oral com mulheres seria repreendido (dadas as restrições sobre a linguagem machista por parte dos moderadores). Outro homem se posicionou clamando pela empatia bilateral já que nem todos os homens estão no mesmo nível de “desconstrução” da masculinidade hegemônica e que diálogos muito “avançados” poderiam espantar os iniciantes.

Figura 17 - A cena homossexual e o “sagrado masculino”



Fonte: Whatsapp (2020)

Mesmo diante das controvérsias quanto ao discurso “politicamente correto” entre os homens homossexuais e heterossexuais, o clima geral era de respeito aos LGBTIA+ e de falas em referência à importância das lutas feministas (ainda que com críticas a correntes mais “radicais” que seriam eminentemente acusatórias). A sexualidade emergiu, assim como a paternidade anteriormente, enquanto um ponto temático central da dita essência masculina, independente da orientação sexual dos homens do grupo.

Para além da homossexualidade em si, chama a atenção que na mensagem polêmica quanto ao ato da felação, um homem é colocado, ainda que discursivamente, em uma posição de passividade em relação a outro homem, posição de sujeito que se encontra o enunciador (“um cara chupando o meu pau”). Em uma sociedade em que os códigos e identidades sexuais estão previamente normalizados, estabilizando a sujeição feminina em relação à dominação masculina (WEEKS, 2019), a passividade masculina desperta certa recusa, principalmente para aqueles que, entre os participantes do grupo, não estão tão avançados na discussão sobre gênero e sexualidade, como colocou um dos participantes. Se o ideário da essência masculina, que volta e meia aparece nesses grupos, envolve as principais características da masculinidade

hegemônica com tons de autoconhecimento e um chamado à fraternidade saudável entre os homens, o contraste com esse figurino e a evocação de um papel de inferioridade ainda não se mostra consensual entre aqueles homens que aí se inserem.

Além disso, os participantes envolvidos não se dão conta de que a inferioridade feminina é histórica e estrutural, não sendo um jogo erótico de posições iguais o que é retratado em imagens que fixam lugares simbólicos e satisfações oriundas de subjugações, como as imagens pornográficas de uma sexualidade predatória. Historicamente, a produção pornográfica teve como intuito refletir os anseios heterossexuais masculinos ao situar o corpo feminino ao centro, como grande objeto de apreciação⁶³. Desde a primeira metade do século XX consolidou-se a representação da subjugação feminina, na medida em que as atrizes e seus corpos entraram em cena para gerar prazer visual e físico aos homens. Não à toa, o pênis e a ejaculação masculina passaram, com o decorrer do tempo, a ser também “protagonistas” desta cinemática, juntamente às imagens femininas (SANTANA, 2016).

Essa estabilização de posições, entretanto, não indica que dominação e submissão necessariamente se atrelam a fatores anatômicos fixos, pois é possível que entre dois homens essas performances de gênero se reproduzam. Um exemplo se dá entre homens que fazem, às escondidas, sexo com homens com aparência de machões e não se consideram homossexuais, conforme mostra Miskolci (2013). Outro exemplo, encontra-se na pornografia gay quando as cenas comumente realizadas entre homens e mulheres são reiteradas por meio da atuação daquele que penetra e daquele que é penetrado; sendo que este último ocupa um papel simbólico rebaixado, haja vista que seria o polo feminino da interação passível de ser dominado e sexualmente agredido.

Conforme Segato (1998), embora parte de um modelo estável, o gênero é profundamente variável nos seus processos de instanciação a partir dos seres sociais. Nesse sentido, assim como gestos, trejeitos e disposições não estão automaticamente relacionados a posições sexuais específicas, o corpo anatômico não corresponde imediatamente à um gênero determinado, ainda que as formas representacionais e linguísticas estabelecidas permaneçam assentadas em marcos binários.

Essa reiteração de performances a partir das imagens em muito se relaciona produção dos desejos. Segundo Bensusan (2006), os desejos são eivados de política e não puramente instintivos, pois o ato de desejar se situa em um universo de relações profundamente

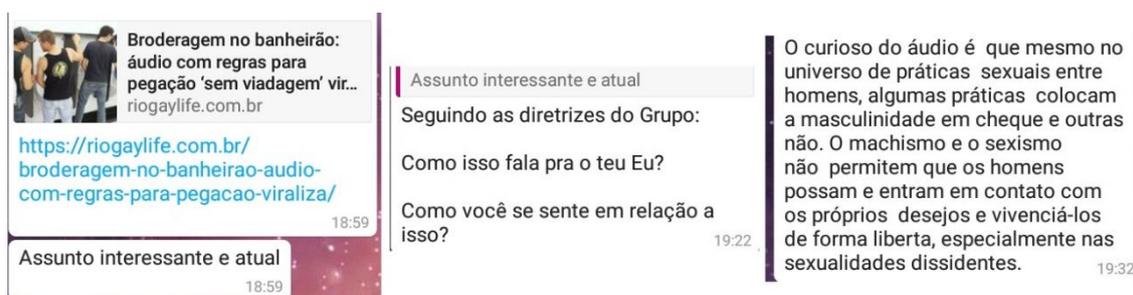
⁶³ A pornografia, ao exibir a mulher como um “prêmio, uma caça, um corpo a ser dominado” (BENSUSAN, 2004, p.131) se constitui em uma das principais formas de socialização masculina heterossexual no que tange à sexualidade e ao afeto.

influenciado pela cultura. Tradicionalmente, a erótica é associada ao universo do privado, longe do escrutínio e do olhar alheios; porém, não é possível separar as representações de superioridade e inferioridade que circundam as fantasias masculinas e femininas sem pensar em como os indivíduos são socialmente subjetivados. Nesta direção, as mensagens acima trouxeram, para além do incômodo com a inferiorização de um homem – agora no lugar do “feminino” – a reificação dos instintos, como se o homem que narra os seus desejos precisasse ser atendido nos seus ímpetos, sinalizando a libido que se explicita como uma demanda “natural” ou parte intrínseca do “sagrado masculino”. Ainda que este homem remonte a uma cena de sexo entre dois homens. Independentemente da orientação sexual, parte da legitimidade dessa masculinidade mítica decorreria desse dito sujeito instintivo e dominador essencial, apenas camuflado sob roupagem dita liberal da homossexualidade.

3.2.4 08/08, 09/08 e 19/08 – Diálogos plurais

No referido período, os grupos observados foram tomados de discussões as mais diversas, representativas da riqueza daquilo que pauta as preocupações dos homens que procuram esses espaços para se expressar. Em 08 de agosto, por exemplo, no grupo *online* 03, a conversa girou em torno da questão da sexualidade, principalmente das orientações sexuais diversas. Alguns homens relataram suas experiências de assumir a homossexualidade e a bissexualidade, mesmo após terem filhos/as. O debate foi desencadeado a partir de uma matéria sobre a questão da “brotheragem” que socialmente crê-se que poderia existir entre homens heterossexuais. Segundo alguns, muitos homens praticam masturbação em conjunto, toques, carícias e outros atos, mas por não haver penetração creem que não pendem para a homossexualidade, o que seria uma falácia.

Figura 18 - “Brotheragem” e sexualidade

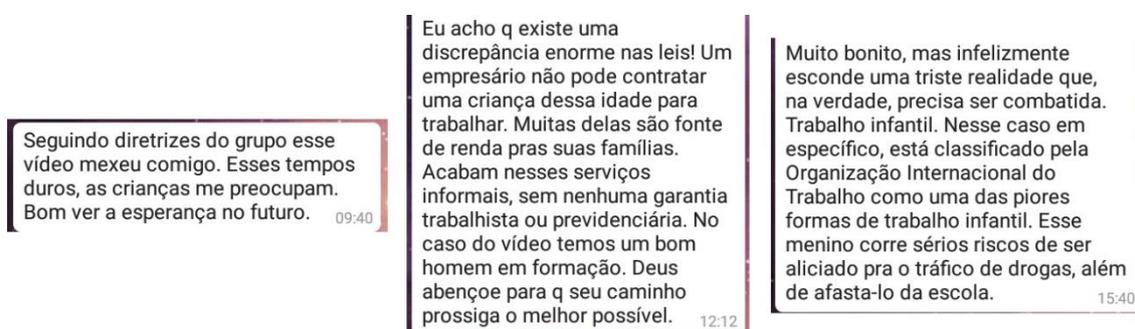


Fonte: Whatsapp (2020)

Em meio a essa conversa, um dos participantes (heterossexual) enviou um áudio marcante, falando da importância da comunidade LGBT e das amizades que ele possui entre os seus integrantes. Destarte, ressaltou que nesse debate sobre orientação sexual é importante reconhecer que há gays, assim como heterossexuais, que não acreditam na existência da bissexualidade, pois sempre haveria uma preferência – o que nega a existência de uma orientação que rompe com a monossexualidade. Sobre a “brotheragem”, ele afirmou que essa só poderia haver caso existisse uma atração pelo mesmo sexo, já que ele mesmo não a praticaria em nenhuma oportunidade.

No dia 09 de agosto, nesse mesmo grupo, imagens comemorativas do Dia dos Pais, bem como recomendações de livros sobre masculinidades dominaram o fluxo de mensagens, lado a lado com uma conversa sobre a questão do corpo e a importância de se deixar soltar, principalmente por meio da dança, já que os homens em geral se mostram bastante rígidos, enquanto no Grupo *online* 01, houve uma pequena discussão entre essas duas datas, gerada a partir de um vídeo de uma criança com aparência de sujeira no rosto e roupas maltrapilhas no corpo, que trabalhava como engraxate e que resolveu comprar um relógio para o seu pai com o dinheiro adquirido na jornada diária. Na gravação, o vendedor, ao ver o esforço do menino, entrega o relógio e o dinheiro de volta como presente, enchendo-o de elogios. O participante que enviou o vídeo destacou o gesto bonito do menino, mas logo se iniciou uma problematização acerca do tema do trabalho infantil. Um dos integrantes do grupo defendeu a legalização do trabalho infantil, já que as crianças poderiam sair da informalidade e ter garantias trabalhistas e previdenciárias, ocasionando uma reação negativa de alguns comentadores que finalizaram o dia 09/08 com um debate que embora não seja partidário possui um forte teor político.

Figura 19 - Diálogos sobre trabalho infantil

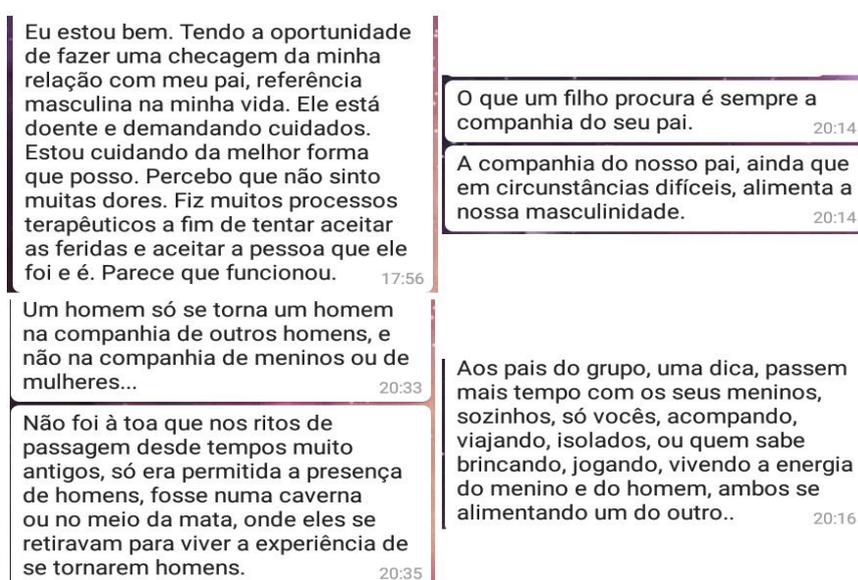


Fonte: Whatsapp (2020)

No dia 19 de agosto, o tema da paternidade voltou a guiar a conversa. O bate papo teve início com a mensagem de um homem que afirmou estar cuidando do seu pai doente, o que lhe

propiciou um processo de revisão das suas feridas e incômodos na relação pai-filho. Nessa toada, mais um participante se manifestou no debate, falando sobre a importância do pai como referência masculina na vida de um garoto (o “alimento de masculinidade”). Adicionalmente – e na posição de debatedor que também é administrador do espaço – recomendou que os pais do grupo passassem mais tempo com seus filhos, pois é preciso que um homem sinta a energia de outros homens e que uma visão negativa ou positiva da masculinidade deriva de uma visão negativa ou positiva do pai. Os homens que se manifestaram posteriormente concordaram com tais afirmações e disseram que os grupos de homens funcionam como *lôcus* de fortalecimento dessa irmandade que em muito se assemelha à relação com a paternidade recebida, vinculando-a ao tema da ancestralidade masculina.

Figura 20 - A paternidade e a aproximação com o Pai



Fonte: Whatsapp (2020)

Ao fim do debate, um participante explicitou aos demais, em forma de corrente, uma lenda dos indígenas norte-americanos Cherokees que descrevia o processo de tornar-se homem na aldeia. Nela, o pai leva seu filho para a floresta e o larga sozinho, vendado, enfrentando perigos e medos por toda a noite (sem poder pedir ajuda), embora na verdade ele fique ao seu lado durante todo o período.

Embora a proposta de “desconstrução” apareça como norteadora para diversos participantes dos grupos, a referência aos ritos de iniciação à masculinidade é uma constante nestes espaços. A aparente contradição se dá pelo fato de que tais processos tem como finalidade garantir a entrada dos sujeitos naquilo que o sociólogo Welzer-Lang (2001) chamou

de “casa dos homens”, conforme mencionado em capítulo anterior, um espaço simbólico de legitimação do “masculino”, cujo acesso é negado tanto às mulheres quanto aos homossexuais. Portanto, subjaz a esse ideário da fratria masculina a manutenção das hierarquias de gênero e sexualidade, algo incompatível com o igualitarismo advogado pelas lutas sociais às quais muitos dos membros advogam. Destarte, a violência contida em alguns desses ritos – como o dos indígenas norte-americanos Cherokees – remonta aos aspectos de uma masculinidade hegemônica que, em diversos momentos, é confrontada nos grupos masculinos. O homem, para ser aceito entre os seus, necessitaria demonstrar bravura, honra e destreza em um ambiente hostil, performando o herói solitário, sendo que todos aqueles que ficassem de fora desses paradigmas seriam excluídos.

Dessa forma, o “mito” do garoto abandonado na mata reforça mais uma vez a necessidade de enquadrar, desde cedo, os indivíduos nos marcos tradicionais de gênero e que precisam atravessar o portal da “casa dos homens” para partilhar a companhia de homens mais velhos e da fratria masculina e obter deles o reconhecimento de sua masculinidade. O neófito deve cumprir com exigências para participar do mundo masculino, como se insensibilizar-se, sendo violentado, violentando-se e violentando a alteridade interna e externa, o que não parece estar sendo desconstruído com esse “mito”.

Destarte, os grupos masculinos seriam uma maneira de aproximar os sujeitos ali inseridos desse “sagrado masculino” ou da agência, do poder e da norma miticamente representados pela figura do Pai (SEGATO, 1998) aqui retomada e por diversas vezes como forma de proteção e referência identitária. Mais do que um vínculo de parentesco, essa figura simbolizaria as regras que organizam a vida social patriarcal, os juízos sob o qual todos estão submetidos, o domínio do masculino sobre as relações de poder (op.cit). Essa imagem circula em espaços que visam promover a “conexão” com uma pretensa essência masculina contida em cada homem, ainda que nem todos os presentes nos grupos compartilhem dessa aproximação com o Pai que os transcende e terminem por disputar em alguma medida essas representações, já que indivíduos ali localizados, plurais em suas singularidades, acabariam sendo reduzidos, dentro deste quadro de referências, a um conjunto de atributos físicos e psíquicos a serem corporificados; atributos estes tidos como os mais apropriados para os novos “homens” que se revisam em parceria com os seus iguais.

A “virilidade” como símbolo da masculinidade, e que aparece nestes “mitos”, é desde cedo um fator de tensão física e psicológica para garotos com sexualidades dissidentes, principalmente para aqueles que performam feminilidades com mais recorrência. Ao mostrarem sensibilidade em público, nas palavras e nos gestos, logo surgem diversas alcunhas como a de

“viado”, “bicha” ou “boiola”, sendo o espaço da escola um dos que mais se destacam para o acontecimento dessas opressões (BENTO, 2011). É o corpo, *locus* da identidade, que sinaliza aos demais que o sujeito vitimado guarda algo de “errado”; sua insuficiência em relação ao ideal de masculinidade, reivindicado parcialmente nos grupos masculinos, torna-se passível de repressão através daquilo que demonstra performaticamente. Eis a diferença que produz desigualdades.

Ainda nessa data, no Grupo *online* 01 uma importante discussão sobre machismo e feminismo movimentou o grupo. Uma série de questões interessantes emergiu aqui, tendo em vista que os participantes passaram a concordar ou discordar sobre a necessidade de uma luta contra o sexismo. Provocados por uma postagem retirada do Instagram que afirmara que era melhor não falar sobre o machismo para não se igualar àquilo que se deseja combater, os participantes se insurgiram apresentando olhares distintos sobre a relação entre os homens e os feminismos; de maneira que alguns participantes deixaram claro na discussão que não viam como possível um enfrentamento político do problema.

Figura 21 - A negação dos feminismos

Vamo lá então?! Deixe sua pergunta...

Por que é tão forte ainda o machismo? O que este termo traz?

Não costumo falar sobre machismo, não porque não acredito que ele exista, mas porque não acredito na luta contra ele.

Lutar contra algo apenas o reforça e me torna igual ao que antes eu condenava como o agressor.

Prefiro pensar e lutar pelas igualdades. Por mais que bandeiras existam e precisam ser defendidas, gera ainda mais antipatia por quem as rejeita. E a luta deve alcançar quem é o machista. É como um presente, deve agradecer quem recebe e não quem presenteia. 12:44

meus irmãos, se não fosse a **luta** feminista desde o séc XIX, em que foi mais articulada e quando tomou a forma de um movimento organizado, nem em machismo estaríamos falando. Sem luta não se visibiliza, não se articula, não se define pauta, em suma, não provoca mudança. Agr, talvez o ponto seja a **estratégia** utilizada. E aqui mais uma vez eu acho que é hora de ouvir, antes de mais nada, as mulheres. Irmãos, é mt fácil se omitir quando não somos nós as vítimas cotidianas do machismo: somos os algozes, por mais desconstruídos que possamos ser. 13:53

O mais engraçado é que antes as mulheres sofriam pela falta de sua autonomia. Mas ainda sim assumiam a criação das crianças inclusive perpetuando tal movimento. E hoje o movimento contra os homens se tornou tão forte que até o pai foi podado do convívio com os filhos. O sentimento de acolhimento se sente no todo. Porém a falta de responsabilidade perante as consequências de um ato não são sentidas pelo responsável. E meio que gastar no cartão de crédito e perceber que a fatura nunca chega. É se chegar não é problema meu. 14:01

Você vai conversar com um assassino que vem te matar com uma faca? 14:01

Acho que o meu problema com a postagem do colega do Instagram é que ele pensa que o seu silêncio vai gerar alguma mudança social. A mudança que conseguimos ver hoje só aconteceu depois de muuuito barulho 14:04

E muuuita resistência da hegemonia masculina 14:04

O que me preocupa é nossa convivência, tão natural quanto própria do grupo (homens), com atitudes machistas. É preciso um combate claro, em que o que vemos ser ruim, destruidor e misógeno seja encarado como a devida seriedade 14:01

Fonte: Whatsapp (2020)

O apoio masculino à agenda feminista é um tema controverso, tanto acadêmica quanto politicamente nos meios sociais. Ferreira (2012) aponta que em diferentes momentos históricos figuras masculinas mostraram apoio em relação a pautas feministas como o direito ao voto, mas que a associação dos homens a tais agendas nunca foi explícita em termos de alianças. O que configuraria um apoio masculino aos feminismos? A organização de um movimento de homens pró-feministas, o mero apoio programático ou uma micropolítica de mudanças de atitudes que visasse tornar os espaços públicos e privados mais igualitários, ainda que dentro das estruturas de gênero estabelecidas, visando transformá-las? Ainda que esses caminhos possam ser discutidos, são minoria os homens que se aproximam dessas pautas. Algo que fica claro nos diálogos apresentados, explicitando a resistência masculina a discutir os próprios privilégios a partir da ótica das lutas feministas e o próprio desconhecimento do movimento, rebatido por outros participantes.

Se, para hooks (2016), os feminismos não compõem apenas um movimento social, mas um projeto de sociedade, na mesma toada, Ferreira (2012) diferencia a ideia de feminismo como movimento e feminismo como projeto, sendo que nessa segunda acepção os homens são abarcados a partir de um papel ativo na promoção da igualdade de gênero. Fora da circunscrição do sujeito político das lutas pela emancipação das mulheres, os homens, detentores de protagonismo histórico, se veem em dois caminhos frente a essa questão: no papel de legítimos representantes do sexismo e logo como sujeitos a que os feminismos devem se contrapor na desconstrução das estruturas de gênero instituídas; ou como partes interessadas em um modelo social que apregoa o igualitarismo e novos valores calcados no respeito mútuo (hooks, 2016).

Na data seguinte, 20 de agosto, a conversa já havia sido substituída. Ganhou vez a questão do tamanho do pênis. O debate se iniciara com o compartilhamento de um texto chamado “O tabu do tamanho”. O tom predominante na conversa, entretanto, era de liberdade quanto à neurose. Os participantes pareciam compreender que “tamanho não é documento” e que muitas vezes as parceiras ou parceiros podem se sentir desconfortáveis no sexo anal ou vaginal com a existência de pênis que são maiores que a média. Foi ressaltada também a importância do diálogo franco durante a relação para melhor obtenção de prazer entre as partes.

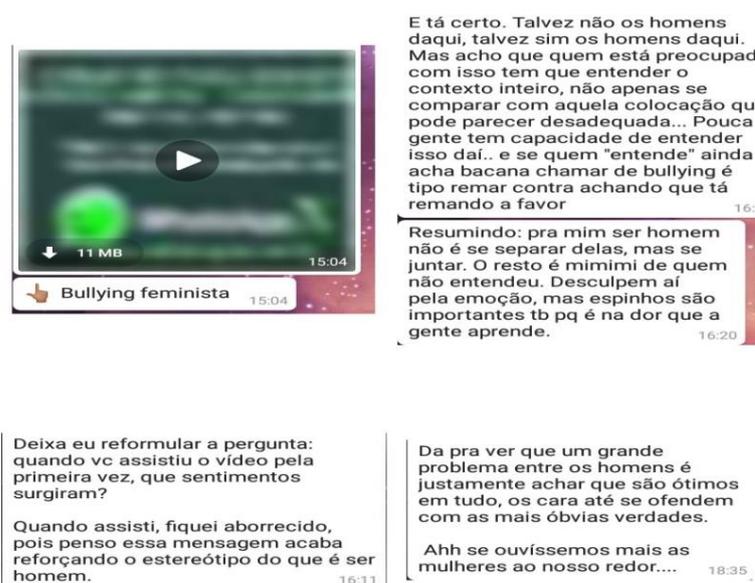
Ao fim dessa primeira etapa de observação, entre os dias 21 e 22 de agosto enviei o link do *survey* nos três grupos de WhatsApp observados e mencionei o tema da minha pesquisa nos grupos. Prevendo que o número de respostas poderia ser baixo e que eu deveria aplicar novamente as questões, acabei permanecendo no grupo por mais tempo. Acertadamente, reapliquei o *survey* no mês de setembro em meio a um cenário de pouquíssimas mensagens ou debates muito esparsos nesses grupos. Sem dados muito relevantes para a discussão a ser

realizada, cogitei sair do grupo assim que o mês de outubro se iniciasse, porém mais algumas conversas me chamaram a atenção ao fim desse período por mobilizarem o cerne dos grupos de WhatsApp observados: os dilemas da ressignificação e eventualmente da “desconstrução” em torno das masculinidades, atreladas às disputas discursivas sobre gênero e sexualidade, que acabavam por expor homens mais reticentes a perspectivas não individualistas de reflexividade.

3.2.5 08/10, 09/10 e 10/10 – Disputas de narrativas

Durante esses três dias, o Grupo *online* 01 foi palco de debates importantes que me chamaram a atenção. Durante o mês de setembro, o fluxo de mensagens em geral se encontrava reduzido e quando havia o desenvolvimento de conversas, temas como sexualidade masculina, espiritualidade e relacionamentos voltavam à tona a partir de aconselhamentos e relatos de experiências pessoais. Tudo muda com a chegada de outubro. Nesse período, me encontrava no grupo apenas a fim de insistir que os homens respondessem o meu questionário já que o número de respondentes ainda se encontrava abaixo de 30. Contudo, no dia 08 de outubro, um participante postou um vídeo humorístico que divulgava um curso fictício de WhatsApp, que ensinaria os homens a fazerem coisas básicas, como: fazer xixi e levantar a tampa, diferenciar o cesto de roupa suja e o chão, bem como a lavar as louças após o almoço. Esse mesmo participante disse que o vídeo se tratava de um “bullying feminista” e alguns deles debateram entre si se o vídeo era adequado ou não.

Figura 22 - O polêmico vídeo de Whatsapp



Fonte: Whatsapp (2020)

Alguns homens mostraram contrariedade com a imagem de masculinidade reproduzida no vídeo: os homens seriam preguiçosos, desatentos e contariam de antemão com o trabalho das mulheres para manter a sua vida organizada. Já outros rebateram, afirmando que esse comportamento seria comum ao universo masculino, ainda que os participantes do grupo pudessem não se identificar com essa conduta. Horas após o debate, um dos integrantes publicou uma mensagem anunciando a sua saída do grupo. Esse fato me chamou a atenção, haja vista que a saída foi motivada pelo tom que as conversas haviam adquirido naquele local: muito voltadas ao debate de gênero e a inclinações pró-feministas e menos para os problemas dos próprios homens.

Ou seja, a apresentação de um vídeo que apresenta o homem invertidamente no lugar de “objeto” de observação, avaliação crítica e aprendizado não é cômodo, trazendo-lhes o desconforto de se sentirem fora do que é o padrão, o exemplar, o que nomeia e diz sobre o outro, ficando enfim próximos à alteridade, a qual não possui autonomia e está submetida à violência simbólica, moral, física e sexual na sociedade patriarcal. As mulheres não se encontram enquanto interlocutoras, aquelas que podem falar com eles. Estes é que podem falar para, por e delas. Talvez, por isso, o impedimento de que mulheres adentrem, mesmo que eventualmente, em atividades desses grupos.

Comumente, a prática da alteridade tem sido associada aos Outros, aqueles que não se circunscrevem aos esquadrinhamentos do sujeito universal: masculino, branco, heterossexual e cisgênero. São estes: negros, mulheres, homossexuais, indígenas, entre outros grupos sociais, que, historicamente, tem sido “objeto” de estudo e de questionamentos, relegados à um lugar de marginalidade, violência e ausência de autonomia. Contemporaneamente, essas populações têm sido enquadradas pelo discurso da “diversidade” que viria a abarcar tudo aquilo que está fora das normas sociais de gênero, raça ou etnia e sexualidade instituídas, mas que demanda por reconhecimento e dignidade. Ao homem branco, por sua vez, coube sempre o papel de observar, analisar e questionar tais corpos que fugiam aos *scripts* socialmente demandados. Portanto, estar no lugar inverso é, muitas vezes, para este sujeito marcado como “neutro”, ocupar uma posição de incômodo, que lhe gera perturbações.

Em seus respectivos contextos, autores como Frantz Fanon (2008) e Lélia Gonzalez (2018) discutiram sobre a marcação que recai sobre os indivíduos racializados, em um processo de desumanização – que com as devidas singularidades de gênero – produz uma série de associações automáticas e negativas sobre homens e mulheres negras/os, produtoras de desigualdades. Já autoras feministas como Seyla Benhabib e Drucilla Cornell (1991) e Simone de Beauvoir (1980) explicitaram o quanto a “mulher” não é vista como um sujeito em sua

integralidade, mas um “Outro” do homem, seu oposto ou extensão. Por sua vez, Patrícia Hill Collins (2016), em uma reflexão acerca da subalternidade nos meios acadêmicos, aponta que as mulheres negras são “forasteiras de dentro”, ou seja, são e existem enquanto o Outro seja dos homens brancos seja das mulheres brancas (um Outro do Outro, ou Outro negativo).

Figura 23 - Reação às pautas de gênero



Fonte: Whatsapp (2020)

O “textão” acima traz a noção de que “gênero” seria parte da natureza – não à toa a referência a células e cromossomos –, além de denunciar a infiltração de ideias como “masculinidade tóxica” e “feminismo”, que acabariam sendo prejudiciais aos próprios homens, uma espécie de “tiro no pé”, na medida em que os obrigaria a negar os seus “papéis” no mundo. Justamente por lidarem com elementos “naturais”, os integrantes do grupo estariam realizando debates “vazios” e “inúteis” (afirmação emitida a partir do lugar de autoridade de um cientista) que em nada contribuiriam para avanços práticos. Aqui há uma clara hostilidade à ideia de que esse espaço atue como “ágora” para discussões socioculturais, e a um clamor de que se reduza a um grupo em que os homens se apoiem uns aos outros nos seus dramas. Essa hostilidade se

converteu em saída de participante/s e levou alguns homens à perplexidade no dia seguinte, tendo sido a postura daquele que saiu vista como um entrave para lidar com opiniões divergentes. Outros partiram para a equivalência entre os gêneros e começaram a questionar se um vídeo reproduzindo imagens rotuladas de mulheres seria ali bem recebido.

Figura 24 - O debate em torno do vídeo de Whatsapp



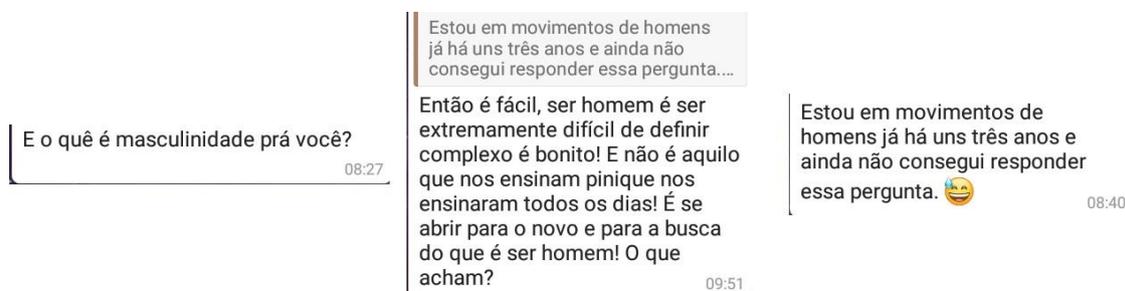
Fonte: Whatsapp (2020)

Como em outros momentos, a conversa oscilou entre posições concordantes e discordantes com a indignação levantada por um dos membros. Esse processo fez com que um dos administradores do grupo se manifestasse, lamentando o fato de que as discordâncias mais profundas terem resultado em saídas e não em resoluções internas, enfraquecendo a própria proposta de “fraternidade masculina saudável” que esses locais trariam.

No dia seguinte, 09 de outubro, mais debates emergiram no Grupo *online* 01. A questão “o que é ser homem?” abre os debates do dia a partir de uma conversa sobre energias “masculinas” e energias “femininas”. Um dos homens fala que essa é uma definição complexa e ao mesmo tempo bonita, que exige abertura para o novo (ele dava prosseguimento ao

raciocínio de outro participante que afirmara não ter essa resposta mesmo participando de grupos de homens já há algum tempo).

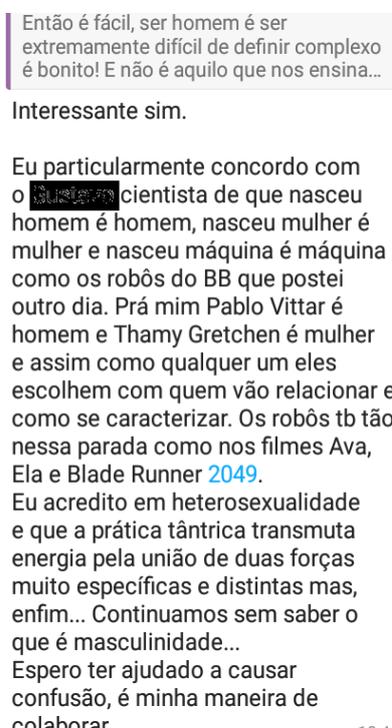
Figura 25 - Uma questão sobre o significado de masculinidade



Fonte: Whatsapp (2020)

O participante que trouxe a questão principal do dia acabou sendo respondido pela seguinte mensagem, que retomava considerações levantadas no dia anterior pelo participante que havia saído do grupo por incômodo com a ênfase no binômio gênero-feminismos:

Figura 26 - O gênero como essência

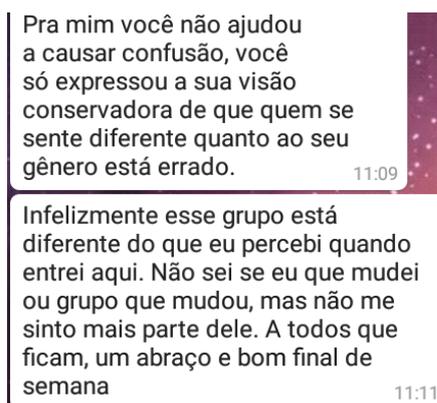


Fonte: Whatsapp (2020)

Para além da confusão entre o processo de tornar-se homem, a identidade de gênero e a orientação sexual, que mostrou comum entre participantes desses grupos de WhatsApp, a

mensagem acima expressa uma visão essencialista sobre o “masculino” e o “feminino”, só que dessa vez negando a existência de pessoas transexuais (como havia ocorrido no debate sobre a identidade de Thammy Miranda às vésperas do dia dos pais). Às 11h10, a mensagem foi prontamente respondida por outro participante que após sua postagem abandonou o grupo:

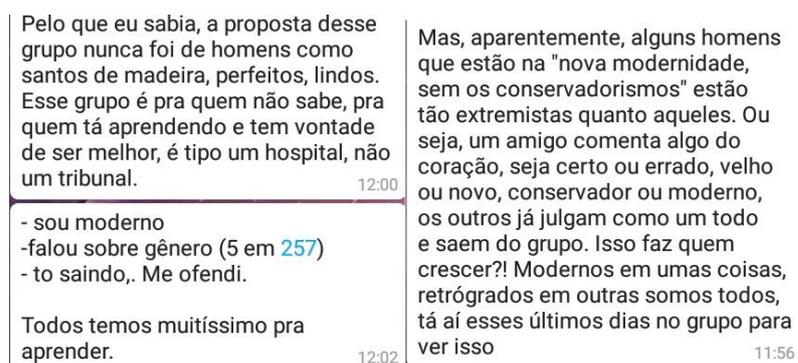
Figura 27 - Reação aos preconceitos de gênero



Fonte: Whatsapp (2020)

Contrariamente ao último participante que havia anunciado sua saída de maneira justificada do grupo, esse deixou o espaço incomodado com uma fala que não estava alinhada com as percepções mais progressistas sobre as questões de gênero. Outros membros também deixaram o grupo ao longo do dia, gerando uma série de críticas ao comentário que invalidava a identidade de pessoas *trans*. Entretanto, outros retomaram a ideia de que o grupo é plural e de que todas as opiniões deveriam ser toleradas, ainda mais levando em conta o fato de que os homens estão nesses espaços para se melhorarem.

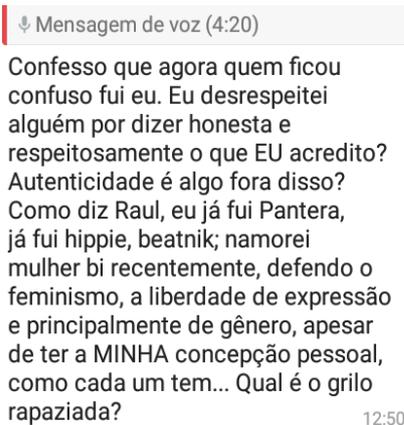
Figura 28 - Crítica às saídas do grupo



Fonte: Whatsapp (2020)

Um dos participantes se destacou na discussão, enviando um áudio de quase 2 minutos e meio, dizendo que o comentário gerador da polêmica ultrapassava o limite da civilidade ao desumanizar pessoas e desrespeitar identidades. No áudio, ele se definiu como um homem branco, heterossexual, de classe média alta e bem-sucedido economicamente, mas que é comprometido em defender aqueles que não tem os mesmos privilégios dos quais ele goza. O tema da tolerância também foi ressaltado por ele e pelos demais homens que se mostraram insatisfeitos pelo posicionamento conservador expresso. Rebatendo a onda de críticas, o autor do comentário que negava a masculinidade de Thammy enviou um áudio justificando a sua visão a partir de concepções espiritualistas e ocultistas, mas, mesmo assim, os seus interlocutores tentaram convencê-lo de que sua posição não era correta. O propulsor da polêmica se autointitulara ator e historiador, alguém que já se relacionou com uma mulher bissexual e que já lera a respeito de questões de gênero e sexualidade (inclusive ressaltando a potência do teatro como uma forma de experimentar o gênero).

Figura 29 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 01



Fonte: Whatsapp (2020)

O mesmo participante que havia enviado um áudio de 2 minutos e meio respondeu com mais um áudio, afirmando que não respeitava um posicionamento anti *trans* como se fosse algo válido, ainda que assentado em uma trajetória pessoal. E expressou sua preocupação com um conjunto de posicionamentos emergentes no grupo na mensagem seguinte:

Figura 30 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 02

Nos últimos tempos venho notando que essas manifestações conservadoras crescem aqui e não há posicionamento dos moderadores. Vi os moderadores darem palco pra partidos políticos como o partido NOVO que expressa uma visão conservadora da sociedade.

Acho que se os moderadores não tomarem cuidado isso aqui vai virar uma espécie de grupo neoconservador em que homens padrão discutem como as causas identitárias os oprimem.

Estou preocupado com os rumos do grupo. 13:34

Fonte: Whatsapp (2020)

Outros áudios foram mobilizados para atacar o autor do comentário que novamente respondeu, afirmando que não desrespeitou ninguém e que permanece com a sua visão sedimentada de que “nasceu homem é homem, nasceu mulher é mulher” e que não se pode colocar a ciência acima de todas as coisas, pois se trataria de uma postura ingênua. Junto a ele, outros caminharam para a normalização do comentário, encarando o mesmo como um posicionamento legítimo, enquanto outros insistiram no fato de que a associação entre gênero e genitália é discriminatória.

Figura 31 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 03

Ainda estou no começo dos meus estudos em CNV e acredito que tenham membros mais versados que eu nesse conhecimento. Contudo me parece que muitos aqui não estão tendo suas necessidades de compreensão e respeito atendidas. Talvez isso ocorra pela discussão permear um assunto bem amplo como masculinidade. Talvez se discutirmos as implicações de se considerar homem possamos alcançar maior empatia. 15:47

Mais do que conceitos e outras definições, esse grupo é voltado para expressarmos nossos sentimentos e emoções. O foco é muito mais que o Homem encontre aqui um espaço pra exprimir seus sentimentos e emoções do que pra se apegar em conceitos e definições. Atentem a isso.

Poderíamos utilizar um conceito diferente para a concepção binária de gênero - cromossômico, para fins de diferenciação 16:00

Leandro, como é pra você se deparar com crenças divergentes da tua? O que isso te traz?

Oi. Não vejo como crenças divergentes. Não é questão de eu acreditar ou não, mas de negar existências, afinal, estamos falando de pessoas não de conceitos abstratos. Nesse sentido, eu fico preocupado e incomodado quando chamamos de crenças ou opiniões a negação da realidade que nos cerca. Mas acredito que o diálogo é o melhor caminho. 17:06

Mais do que conceitos e outras definições, esse grupo é voltado para expressarmos nossos sentim...

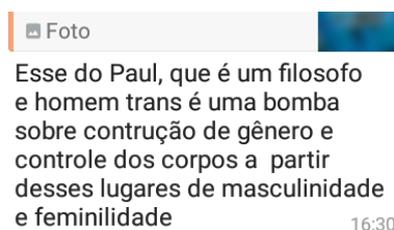
Eu comecei a debater masculinidade porque é importante pra mim, intimamente. Achei legais suas perguntas sobre como me sinto. Nem respondi porque não quero ficar monopolizando. Enfim, o grupo já sabe minha opinião sobre gênero e se ela incomoda tanto, só voltarei a falar sobre isso se achar muito necessário porque concordo muito, tratar das emoções é prioritário sim. Valeu. 16:42

Fonte: Whatsapp (2020)

E por fim, o autor do comentário mais uma vez se defendeu, agora via áudios, afirmando que é sim uma pessoa respeitosa à diversidade, mas que chegou a essa postura por conta de um processo de autoconhecimento profundo e abandono de paradigmas racionalistas e complementou afirmando que o grupo corre o risco de se tornar um espaço hostil a posturas diferentes como a dele e que a sua crença é pessoal e não se estende a ninguém. Em certo momento do seu último áudio do dia, ele associou as tentativas de anular suas posturas como uma forma de “nazismo”. Na sua visão, o que importa é o respeito e a não hostilidade à diferença. Destarte, ele se apresentou como alguém que partiria para a agressão, se fosse necessário, em defesa de pessoas com “opções” e identidades dissidentes, o que demonstraria sua ausência de preconceito.

No dia 10 de outubro, essa mesma conversa teve sequência. Um dos participantes recomendou ao participante sob julgamento o livro “Testo Junkie”, do filósofo Paul B. Preciado, que serviria para discutir a construção de gênero e o controle dos corpos. Com isso, o tema do dia anterior voltou à tona e alguns homens reafirmaram que a postura central dos últimos debates não poderia ser encarada como opinião, mas como uma forma de apagamento de sujeitos que demandam por reconhecimento. Dessa vez, o autor do comentário enviou um áudio de aproximadamente seis minutos, visando encerrar o assunto. Ele mostrou saber a diferença entre “identidade” e “orientação” (“Não me falta informação”) e disse que se interessava pelo tema, dando vários exemplos que teria visto em matérias e documentários. Reafirmou o uso de termos como “opção” ou “escolha” para abordar o binário gênero-sexualidade e, ao fim e ao cabo, reafirmou insistentemente que acredita que, para ser homem, “é preciso ter pênis, sim”, defendendo que as mudanças de gênero são caracterizações e definições alternativas.

Figura 32 - O debate em torno de uma mensagem – Parte 04



Você pode ter a sua compreensão de mundo, mas a partir do momento que a sua compreensão diz que um homem trans não é homem você está dizendo que não reconhece a identidade dele, ou seja, você diz que ele não existe, nesse sentido a anulação da existência. E essa compreensão acaba por alimentar diversas discriminações, não por acaso no Brasil temos o maior índice de mortes de pessoas da comunidade trans.

Enfim, fica a sugestão de leitura dos livros para podermos ampliar o diálogo.
Abraços!

16:43

Fonte: Whatsapp (2020)

Na sua visão, não era possível obrigá-lo a concordar que mulheres que tomam hormônios masculinos são homens e vice-versa, mas ainda assim reconheceu a delicadeza do tema e a possibilidade de ofender alguém com a sua postura e disse ainda que não possui poder algum para anular existências ou identidades. Ao longo da sua fala, se valeu de argumentos de autoridade como o fato de ser um estudioso das ciências humanas há, pelo menos, 25 anos e alguém envolvido no ramo da espiritualidade há, pelo menos, 30 anos, estando envolvido em projetos sociais de maneira competente. E quase ao fim do áudio, ele disse que diversos homens do grupo o apoiaram por mensagem privada, mas que não tinham a coragem de deixar claras suas posturas “politicamente incorretas” no curso das conversas do grupo. Um dos interlocutores do dia anterior respondeu ao áudio de maneira irritada, dizendo que os que se escondem (mencionados pelo “polemista” do dia) são retrógados e covardes, que não desejam a mudança ou a desconstrução de suas “masculinidades tóxicas”. Ele criticou o uso do termo “escolha” e diz que todos já nascemos com determinadas orientações sexuais ou identidades de gênero. E acrescentou a sua fala com um desejo: que crianças “diferentes” não nasçam nos lares desses homens pois iriam sofrer, fazendo um chamado, a todo o grupo, por empatia e por mudança de crenças.

A crença na estabilidade da ordem do gênero decorre da assunção da realidade social como um fato objetivo; crença essa construída em diferentes momentos a partir do processo de socialização que faz com que concepções subjetivas sejam incorporadas pelos indivíduos enquanto verdades universais (BERGER, LUCKMANN, 1999). Deste modo, a cultura e as representações sociais, dotadas de variabilidade, são traduzidas como fenômenos regidos por leis da natureza. Lê-se que aquilo que existe hoje na verdade “sempre foi assim” e que toda e

qualquer mudança estrutural passa a ser uma ameaça civilizacional. Logo, os feminismos, com a sua denúncia do caráter arbitrário das construções sociais do gênero, corroboram com um movimento de mudança que permite que padrões sociais sólidos sejam contestados (SORJ, 1992).

Isso não significa que, no interior dos feminismos, algo próximo à essencialização que ganha evidência em parte dos grupos masculinos não seja uma tônica. Se entre muitos dos homens inseridos nesses espaços, como relatado na discussão acima, a imagem de um “sagrado masculino” determina mais uma vez a exclusão de homens transexuais, o “feminismo da diferença”⁶⁴, por exemplo, ressalta características da feminilidade tradicional como uma forma de destacar a importância social das mulheres e reivindicar direitos (SORJ, 1992). Ao constituir essa corrente política e teórica, o que se fez, na verdade, foi enfatizar a associação de feminilidade com domesticidade, perpetuando um local de subalternidade em meio às hierarquias de gênero, deslocamento similar ao da recorrência aos aspectos tradicionais do “masculino” como forma de resgatar uma identidade oculta ou perdida, capaz de gerar uma completude subjetiva que termina por excluir outras masculinidades e negar os achados científicos mais recentes que anulam as pretensas particularidades e diferenças entre os gêneros (CONNELL, 2016).

3.6 Percepções (in) externas

A partir dessas mensagens, referentes a datas e temáticas distintas, percebi que os grupos de *Whatsapp* revelam as contradições e as disputas nas quais estão envoltos os “movimentos” que buscam a ressignificação do “masculino”. Os homens que buscam voluntariamente participar desses fóruns de discussão podem – assim como o perfil dos entrevistados já deixara claro – trazer uma bagagem teórica e política de aproximação com as lutas por reconhecimento, assim como podem ser provocados, nesses espaços, por questões com as quais nunca haviam se deparado antes, o que gera embates em torno de questões “polêmicas”, envolvendo dilemas centrais de gênero e sexualidade. A questão da transexualidade – por meio da figura de Thamy Miranda retomada em momentos distintos – é um exemplo máximo desse tipo de controvérsia discursiva, na medida em que a noção de um “homem de vagina” é, nada mais nada menos,

⁶⁴ “Enquanto que os homens vivenciam o mundo mais em termos de separação e independência, o que é mostrado pela tendência a se construírem leis baseadas em direitos que delimitam a fronteira entre o self e o outro, a experiência das mulheres seria mais centrada no cultivo de conexões e interdependência, construindo relações morais baseadas nos cuidados com os outros.” (SORJ, 1992, p.145)

inconcebível para muitos daqueles que estão em processo de revisão das suas masculinidades, mesmo que nestes espaços vigore uma ideia difusa de relativo respeito ao outro.

A polarização entre conservadorismo e progressismo pode ser interpretada como o embate entre noções socialmente estabelecidas de gênero e percepções mais recentes quanto ao caráter estritamente arbitrário do “masculino” e do “feminino”, da maneira pela qual é coletivamente introjetada em camadas mais escolarizadas e elitizadas da sociedade. O “novo” neste campo, imediatamente, provoca resistências, ao gerar instabilidade às hierarquias já consolidadas. Não surpreendentemente, é a própria tradição passível de transformação que motiva muitos dos homens inseridos nos grupos masculinos, presenciais e virtuais, a repensarem as relações travadas no cotidiano e as inquietações que marcam as suas subjetividades. É a abertura para a mudança que permite algum grau de reflexividade e põe em xeque a falsa segurança identitária propiciada por uma identidade masculina hegemônica atribuída; porém, como pude atestar ao longo da observação dos grupos, essa abertura é circunscrita por limites que atravessam questões e juízos anteriores dos sujeitos envolvidos na conversação.

Esses indivíduos, de trajetórias diferentes, compõem os grupos e compartilham espaços homólogos de experiências decorrentes de uma posição social semelhante, neste caso proveniente do “ser homem” – uma história de socialização compartilhada. As afinidades em muitos casos param por aí, já que esses sujeitos podem e derivam de origens profissionais, regionais, políticas, religiosas e familiares distintas, embora tenham se mostrado com um perfil de classe média urbana, profissionais liberais e servidores públicos e brancos. Diferenças que, dentro dos diálogos sobre masculinidades, gênero e sexualidade produzem pólos de controvérsia, mas que também são capazes de encaminharem novas sínteses no interior da diferença, haja vista que a circulação de questões que afligem o “coletivo” como a busca por equilíbrio interior predomina em relação à circulação de questões que fazem o “coletivo” se desentender, fazendo dos grupos masculinos *online* espaços de permanência de interesse e não de conflito durante a maior parte do tempo para os seus participantes.

Destarte, a natureza do *Whatsapp* enquanto ferramenta comunicacional do cotidiano também favorece a ocorrência desses embates, por vezes de maneira virulenta, detectados durante o período da observação direta, já que dispensa o diálogo *tête-à-tête* entre os participantes, encorajando certa despersonalização dos argumentos. Como mostra Rita Segato (2003) em um estudo realizado nas antigas salas de bate-papo *online*, a descorporificação propiciada pela internet favorece a produção de conversações marcadas por contrapontos que

não apresentam saídas, fazendo o indivíduo crer, em um movimento narcísico, que basta a si mesmo.

Dadas as limitações metodológicas que a presente dissertação apresenta não é possível afirmar se os encontros presenciais dos grupos também seriam marcados por essas disputas de narrativas verificadas na esfera *online* e em momento de isolamento social e outras questões advindas do cenário da pandemia COVID-19; entretanto, deixo aqui como hipótese a possibilidade de que a qualidade das interações em ambos os espaços seja distinta a partir da comparação dos discursos das ações dos grupos relatadas pelos coordenadores entrevistados com partes dos diálogos apresentados neste terceiro capítulo.

Importa notar que, no contexto desta pesquisa, a virtualidade passa a ser indissociável da materialidade das relações sociais, na medida em que diversas atividades, incluso as de pesquisa, foram transferidas para o universo *online* justamente em decorrência das demandas por distanciamento social em 2020. Nesse sentido, com a redução ou suspensão das atividades dos grupos de homens presencialmente, os grupos de *WhatsApp* aqui abordados foram as principais “egrégoras” dos homens em reflexão/revisão das suas masculinidades em tempos pandêmicos. Com exceção de alguns grupos que ofereceram atividades ou turmas de formação via plataformas virtuais, foram nestes espaços aqui analisados que aqueles que já participava de grupos do DF, e novos integrantes, puderem constituir uma continuidade de suas histórias com os “coletivos” masculinos ou mesmo intensificar as suas inquietações conjuntamente.

Estas inquietações passam pelo despertar da subjetividade em relação àquilo que se encontra em falta ou em excesso, aos incômodos próprios da identificação com o “masculino” no mundo contemporâneo. Os grupos masculinos são os espaços do desatrelamento momentâneo ou permanente com concepções arraigadas que geram sofrimento, entendido aqui como efeito da incompatibilidade entre determinadas sujeições sociais e ímpetos particulares que são gerados no interior de uma ordem de gênero. Ainda assim, existe uma dificuldade, demonstrada nas mensagens de *Whatsapp* abordadas neste trabalho, para questionar o modelo mais amplo gerador dessa incongruência, na medida em que o “masculino” e suas representações tradicionais permanecem inertes como formas de afirmar e simbolizar um lugar do indivíduo no mundo.

Em razão disso, se destaca a figura do “pai”, a extensão antecedente daqueles que se identificam ou são identificados com o gênero masculino. Seria o “pai” um tipo ideal do “masculino”, o chefe de família, o patriarca, o guia dos filhos e dos assuntos fundamentais em um lar estruturalmente heteronormativo. Entretanto, a imagem idealizada contrasta com a realidade da ausência e de referências masculinas positivas que se fez ou faz presente para

muitos ou do distanciamento significativo entre pais e filhos que impede que haja a conexão emocional de um homem com o outro, produto do enrijecimento social. O homem, distante da figura paterna, sofreria as consequências de tal alienação afetiva ao longo da vida. Não se trata aqui de trajetórias pessoais que, em algum momento, coincidiram nos grupos e geraram vias de reflexividade, mas de um panorama de abandono que se reproduz ao longo do espaço e do tempo (LIÉSI, 2006), dando margem a práticas masculinas que exigem transformação.

Ganhou centralidade, também no *Whatsapp*, a sexualidade dos homens. Em diversos momentos, participantes hétero, homo ou bissexuais dialogaram sobre os seus prazeres, desprazeres e empecilhos no âmbito das relações afetivas e sexuais. Essa convivência entre diferentes, pressuposta pelas propostas dos grupos *online*, não impediu que o desejo do outro se mostrasse incômodo para aqueles homens que pertenciam a esses espaços, mas que não coadunavam com concepções não heteronormativas do desejo, algumas talvez apenas aparentes. Como foi apontado, isso se relaciona a um processo de rejeição à ideia da passividade masculina, da sua submissão e representação nos marcos do “feminino”; assim como a uma dificuldade de enxergar a sexualidade normativa e as orientações consideradas dissidentes em um mesmo nível de igualdade ontológica, mal-estar que se contradiz com a ideia de revisar as “masculinidades” e destituir o túnel de entrada da “casa dos homens”.

Nessa direção, as tecnologias da comunicação, a despeito dos “vácuos” nos debates que abriga, tem sido mecanismos fundamentais para a reprodução das iniciativas estudadas nesta dissertação. Com o aprofundamento de um panorama em que todas as dimensões da vida são digitalizadas, lembrando o cenário distópico do seriado britânico *Black Mirror* (2011), grupos e movimentos tendem a fazer da internet um canal central para reunir e mobilizar os seus membros; lógica que os grupos masculinos reproduzem há alguns anos, na esteira da popularização do *Whatsapp* no lugar dos antigos fóruns temáticos. Antes separados, virtual e real agora quebram as fronteiras (MISKOLCI, 2016) e absorvem as questões de gênero e sexualidade em um *continuum* que pode tanto reproduzir as opressões como movimentar-se para destitui-las de validade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, onde se encontra o outro masculino?

O presente trabalho buscou fazer um levantamento dos grupos de homens existentes no Distrito Federal, entendendo-os como parte de um fenômeno mais amplo e emergente nos últimos anos no Brasil, principalmente nas grandes capitais do país: o surgimento de espaços exclusivamente masculinos voltados à discussão de temas tais como paternidade, relacionamentos, afetividades, sexualidade, espiritualidade, entre outros, e que funcionam como *locus* de superação, em nível terapêutico, das barreiras apresentadas pelas performances masculinas hegemônicas. Reprodutoras de tipos específicos de dramas ou sofrimentos que atuam como o “reverso da medalha” da posição privilegiada das quais os homens, principalmente os homens brancos e cisgêneros, gozam no âmbito das hierarquias de gênero. Essas iniciativas também podem ter como efeitos residuais a discussão de questões que concernem ao social e ao cultural.

Os grupos de homens, como tentei mostrar ao longo desta dissertação, recorrem a diferentes arsenais discursivos para abordar o “masculino” – seja sob as chaves psicológica, religiosa ou holística. Através dessas diferentes perspectivas, os homens são vistos como sujeitos de iniciações, “redescobertas” do corpo e do “eu”, ou mesmo de processos pautados em conversas abertas que, com o decorrer do tempo, vão fazendo com que esses revisem práticas e comportamentos generificados e consolidados em processos de socialização anteriores. Essas práticas e comportamentos, ainda que atravessadas por recortes de raça, classe e orientação sexual, encontram na rejeição ao feminino um ponto de convergência como tem atentado alguns dos teóricos mencionados em momentos distintos desse trabalho.

Provocados desde cedo a silenciar sobre si e sobre os seus pares, os homens que se engajam nesses grupos encontram nos mesmos dimensões de reconstrução de suas trajetórias, podendo – ainda que isso não esteja verificado até aqui – repassar os aprendizados ali incorporados para a arena das amizades, das relações familiares e dos ambientes de estudo e trabalho. Seria a ação individual mostrando uma janela de impactos para a ação coletiva. Logo, dentro dos seus limites, os grupos de homens gerariam fissuras no modelo de masculinidade hegemônica na medida em que as modalidades de ação e de diálogo que se dão nesses espaços vão de encontro ao enrijecimento que a representação do “macho” a ser incorporado pelos indivíduos identificados com o “masculino” traz, enquanto imagem de controle que perpassa os gêneros binários socialmente instituídos.

Nesse sentido, ainda que as propostas centrais dos grupos de homens do DF não extravasem os dilemas que concernem ao plano da individualidade, é possível ler as suas implicações mais localizadas como uma forma de micropolítica, na medida em que as reelaborações que os homens fazem dos seus dramas pessoais se relacionam em alguma medida à reconstrução social das masculinidades, essas gradualmente introjetadas naqueles que são associados com o gênero masculino, e que tem vindo absorver ao longo das suas vidas noções de dominação (próprias ao que significa ser um “homem de verdade”) implicantes na manutenção da ordem patriarcal. Trazendo um olhar sociológico para esse ponto, aquilo que é aprendido também pode ser passível de reflexão ou mesmo desaprendido às custas de novos processos de interação em que os sujeitos entram em contato com realidades e sensibilidades outras que informam novas inquietações, assim como se apresentam empenhados ali a realizar.

Evidentemente, as transformações culturais e sociais das últimas décadas tem produzido novos arranjos familiares mais favoráveis a “questionamentos de gênero” que certamente não estavam em voga no início do século passado e que impulsionam os homens, majoritariamente da classe média, a se repensarem. Essas transformações deixaram os seus rastros pelo caminho com uma razoável ascensão educacional, profissional e política das mulheres (especialmente brancas) que hoje tem pautado o assédio sexual e moral, as desigualdades nas tarefas de cuidado e reprodução e a persistência de entraves no acesso a determinados espaços de poder ainda associados aos homens. É no bojo dessas modificações que surgiram os grupos de homens na América do Norte e, agora, quando tais mudanças tem se intensificado em simultâneo às disputas entre os feminismos e os conservadorismos têm sido possível observar uma proliferação significativa dessas iniciativas que buscam pensar o “masculino” e o seu lugar no Brasil.

Esse dilema do ser e da localização dos homens tem aparecido nos grupos em diferentes momentos, levando os participantes a questionarem quais são os seus interesses e quais são as suas aflições em um mundo que é aparentemente desenhado para o seu mando. Seja no *whatsapp* ou nos discursos dos entrevistados, os homens demonstram estar, assim como as mulheres, tentando se integrar cada vez mais em um mundo de identidades fragmentadas. E o gênero, com toda a precariedade ontológica e os problemas políticos e sociais que representa, lhes permanece como um norte. Nas histórias desses homens, estar bem consigo significa estar bem consigo enquanto sujeito “masculino” que habita um mundo generificado dentro de um corpo treinado a responder as demandas exteriores por vezes de maneira silenciosa e oculta, por vezes de maneira dura e agressiva. Homens que foram ensinados a não falhar, não chorar e não ceder, mas que em determinado momento das suas vidas perceberam que esse esquema

dominante não lhes cabia; ainda que, ao fim, acabem mais uma vez recorrendo aos mesmos modelos de gênero estabelecidos, se reconstituindo e tentando se reconhecer em uma outra versão do “ser homem” não tão brutal quanto a anterior, para si mesmos e para o outro.

É necessário afirmar, contudo, e de um ponto de vista normativo, que a “ruptura” com as dores causadas por masculinidades e feminilidades não se dará pelo abandono dos aspectos mais “brutais” dos tipos ideais dos gêneros e das imagens de controle deles derivadas, mas por meio de um processo de desconstituição de uma estrutura generificada na qual seja possível que o “vazio” dos significantes “homem” e “mulher” seja materializado na prática pela liberdade de ser, se comportar, se vestir e vivenciar uma plêiade de experiências hoje vetadas a sujeitos os mais diversos em função da combinação entre os regramentos de gênero e sexualidade. Somente em uma sociedade em que genitália e outras marcas corporais ou performáticas não tenham mais importância é que muitos dos dilemas enfrentados pelo homem contemporâneo serão efetivamente dissolvidos em novas configurações sociais e culturais.

Na medida em que preenche uma lacuna nos estudos da Sociologia de Gênero em torno da questão dos grupos masculinos, este estudo identificou cinco pontos fulcrais e interrelacionados. O primeiro deles diz respeito aos temas que pairam sobre as mentes masculinas em reflexão ou como colocou um dos participantes de um dos grupos de *WhatsApp* analisados: “em desconstrução”. A paternidade, sob distintos olhares, tem sido certamente problema-protagonista nas preocupações dos participantes e coordenadores dos grupos. Nas entrevistas, nas conversas de *WhatsApp* e nas redes sociais dos grupos de homens, o problema da ausência ou presença-ausência paterna é uma constante do “masculino ferido” que deseja se “curar”.

É desse sentimento primário de que os pais estavam lá sem estar – em uma relação melancólica e distante –, ou de que nunca estavam, que supostamente derivariam diversas necessidades psíquicas e emocionais de incompletude na relação com a própria masculinidade, com outros homens e com as mulheres. Em uma sociedade como a brasileira, na qual a criação dos filhos é atribuída compulsoriamente às mulheres, essa noção de isolamento filial é resíduo de um dilema estrutural de filiações nomeadas, por longo tempo, de bastardas e resultantes de violências de gênero, raça/etnia e classe sobre as mulheres. Logo, a relação pai-filho (no papel de filho ou de pai, sob a faceta das novas paternidades) é uma questão fulcral para os homens no interior dos grupos analisados, desejosos de terem sobre si o orgulho do olhar do pai, a inserção legítima em sua “casa” e por ser este admirado por seus olhos de filhos.

Se trazer à tona essa lacuna nesses grupos pode gerar homens mais conectados com suas histórias de abandono e, portanto, mais responsáveis com seus próprios filhos, efeitos diversos

podem emergir entre outros homens. Ou seja, talvez esse sentimento de exclusão paire em um imaginário social mais amplo, desejoso por um pai mítico no Brasil do desamparo, facilmente alimentado por representações religiosas fundamentalistas de um sagrado masculino na condição de deus onipresente, onisciente e onipotente, bem como facilmente manipulado por representações ultraconservadoras na face de políticos que se colocam acima da ordem cidadã, acima de tudo e de todos. Estes aspectos precisam ser melhor investigados, pois fogem à circunferência desses grupos. Uma das vias possíveis para maior exploração das abordagens destas iniciativas se daria a partir da comparação com o modo como o a figura do Pai é retomada em outros grupos masculinos, nacionais e estrangeiros. Quais os significados da ausência do pai em diferentes contextos, em especial onde emergiu essa literatura sobre o “sagrado masculino” adoecido emocionalmente e intoxicado? Como a paternidade é mobilizada entre os membros dos diferentes grupos? Interessa responder as variações desta preocupação.

O segundo ponto identificado foi o perfil social dos participantes e as relações desses com a participação nos grupos masculinos do DF. Seja através da sondagem realizada seja através dos homens entrevistados, foi identificado um perfil racial relativamente diverso – com homens brancos e pardos equilibradamente inseridos nesses espaços e em menor medida homens negros e de demais identificações; além de um perfil geográfico, dentro do DF, plural, com indivíduos provenientes de diferentes regiões administrativas. Destarte, essas questões raciais e de classe não foram discutidas. Além disso, a maioria dos participantes se mostrou heterossexual e vinculada profissionalmente com o serviço público, havendo uma esmagadora participação de homens com alto nível educacional e de renda se comparados à média da população masculina brasileira, indicando que a posse de um capital cultural significativo – o que certamente inclui cursos, leituras e acesso a determinados espaços – compõe um motivador e/ou facilitador para a procura de locais que tenham como proposta a abertura para a (auto)reflexividade individualista em torno de questões incômodas a esse segmento da sociedade.

O terceiro ponto concerne às disputas de sentido em torno de questões de gênero e sexualidade no interior dos grupos *online*. Mediante a impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo presencial, encontrei no *WhatsApp* um espaço para detectar aquilo que fugia aos discursos dos coordenadores/representantes entrevistados, observando na prática como os homens, que em geral também estão inseridos em grupos masculinos do DF – inclusive em alguns dos grupos dos respectivos representantes – dialogam acerca dos mais variados temas que eram focos também dos encontros presenciais e, após a pandemia de covid 19, dos webinários ou encontros oficiais em plataformas de vídeos.

Tais diálogos mostraram claramente, como pude expor no terceiro capítulo, os embates entre visões mais progressistas – pró-feministas ou pró-LGBTs – e entre visões mais conservadoras, inclusive no que diz respeito à legitimação das masculinidades *trans*, no conjunto dos participantes. Essas disputas dialógicas geraram, além da saída de participantes, desavenças e expressões de repúdio ao longo das conversas, o que deixa claro que, enquanto alguns homens veem os grupos como espaços para tratar exclusivamente dos seus problemas masculinos, reforçando-os como valores centrais – locais de acolhimento, suporte e confraria –, outros somam à essas funções objetivos políticos e sociais a partir da ideia de que os seus participantes precisariam se “desconstruir” de toda e qualquer mentalidade tradicionalista, demanda que se acentua pela presença de homens homossexuais e bissexuais nesses locais. Porém, tal presença não é garantia de avanços desconstrutivistas, pois a desigualdade constitutiva das relações de gênero se refaz permanentemente na sociedade patriarcal.

O quarto ponto se refere aos posicionamentos difusos quanto aos feminismos detectados tanto entre os entrevistados quanto entre participantes dos grupos de *WhatsApp*. *A priori*, esse trabalho objetivava identificar as afinidades entre as agendas políticas feministas e os grupos masculinos, analisando o caso do DF que aqui foi abordado. Entre os entrevistados, observei uma posição de compreensão da importância das pautas feministas ou mesmo de apoio (pró-feminismo) às agendas políticas das mulheres, marcando que os grupos masculinos de certa maneira têm convergências com essas agendas na medida em que visariam horizontes similares, ainda que posturas abertamente feministas não tenham vindo à tona. Igualmente não se cogita a participação de mulheres nos grupos, mesmo que em momentos episódicos, pois a presença destas, além de constranger os homens a abordarem questões que lhes afetam subjetivamente – demonstrando sensibilidade frente a elas –, ainda quebra a pretendida conexão a ser atingida com o “masculino” e, logo, entre os próprios homens.

Já nos grupos *online*, nos momentos em que os feminismos vieram à tona as posturas oscilavam entre mensagens de apoio aos ativismos de mulheres até à taxaço de qualquer feminismo como “radical” ou inverso do “machismo”. Em termos amplos, pode-se dizer que essas manifestações esparsas e pouco coesas indicam que os movimentos masculinos ainda guardam um distanciamento político significativo das demais agendas de gênero e sexualidade que estão no centro do debate público brasileiro. Ou seja, até o presente momento, embora muitos dos homens busquem esses grupos para se desfiliar das performances hegemônicas através de micropolíticas autorreflexivas, trata-se de processos que levam a fins diferentes: reflexões e atuações de movimentos dos feminismos, afinados com as referências bibliográficas performativas aqui utilizadas, estariam mais voltados à transformação das estruturas da

sociedade que reproduzem incessante e politicamente a alteridade desigual de gênero, marcadas nos corpos e interseccionadas com outras desigualdades, enquanto a maioria dos grupos de homens do DF estaria mais voltada às transformações individuais, talvez ainda um ranço da imagem do herói solitário, e à supressão de atitudes, pensamentos e sentimentos que são vistos como excessivos e tóxicos, os quais os teriam desvirtuado da essência sagrada masculina.

Esse empenho à mudança mostra-se importante e parece gerar desconstruções, especialmente em um longo caminho que exige deparar-se interna e coletivamente com o sofrimento que o sistema patriarcal também lhes provoca, traço novo e afinado com as referidas perspectivas feministas que mostram os homens no cerne da engrenagem patriarcal que os desumaniza e mortifica sob os louros dos vencedores. Contudo a perseguida mudança ainda guarda o dispositivo de poder que articula e põe em ação as estruturas gendradas na sociedade patriarcal. A ideia de fundo de considerável parte desses grupos, na busca por uma essência sagrada masculina, mantém intacta uma idealização de relações naturais e estabelecidas fora do jogo de poder intra e inter gêneros, retirando-as também das injunções históricas em que vêm ocorrendo.

Neste sentido, a reificação de um “masculino” específico, agora destituído de um *ethos* excludente e agressivo, constrói o ideário de um patriarcado benevolente, dito não tóxico e não adoecido. Uma dominação masculina perpetuada no plano simbólico, mas que ao mesmo tempo deseja se mostrar inofensiva – quando não, benéfica – para as mulheres e outros homens subalternizados, a serem desta vez protegidos pelos guerreiros resgatados dentro de cada um, tais quais o João de Ferro que acompanharia cada homem, na acepção de Robert Bly (1991). Na contramão desta perspectiva e do ponto de vista das teorias feministas aqui exploradas, não é possível atribuir transformações verdadeiras e profundas para o regime político patriarcal, ainda que esse possa se apresentar sob outras roupagens, sem excessos e com feridas curadas no ambiente individualista moderno das camadas médias, tendo em vista que a sua sustentação só se dá a partir da perpetuação das hierarquias de gênero que eternizam o sujeito feminino no lugar do “Outro”, o *locus* da alteridade e da desumanização.

Como quinto ponto destaco as insuficiências e lacunas que este trabalho deixa em aberto exatamente para outras pesquisas na área da Sociologia de Gênero e dos estudos sobre masculinidades. As atividades presenciais dos grupos masculinos permanecem sem análises recentes na literatura, o que demanda observações participantes que identifiquem: o lugar e a função dos corpos nos encontros realizados *in loco* pelos homens, as dinâmicas e exercícios físicos promovidos nas reuniões e a natureza das conversas e dos afetos circundantes quando da possibilidade do face-a-face. A literatura internacional sobre a questão dos grupos, bem

como sobre a relação entre masculinidades e feminismos, também merece uma revisão e um exame mais detalhados de modo a coletar as contribuições mais significativas que perspectivas anglo-saxônicas e latinas teriam para a interpretação dos estudos sobre os homens no contexto brasileiro. Ademais, ainda é possível fazer mapeamentos mais amplos de iniciativas do tipo aqui estudado pelo país se valendo dos mesmos recursos *online* utilizados durante essa dissertação, ainda que partir para uma investigação de campo sempre exija recortes espacial e temporal específicos.

Para encerrar esta dissertação, escrita em uma quadra de inúmeras tempestades históricas, nas quais as mulheres têm sido as mais penalizadas pela atual crise econômica, sanitária e do cuidado, afirmo que continuamos a viver em uma sociedade profundamente sexista e desigual, a despeito das lutas sociais e das articulações políticas e acadêmicas que ocorreram até aqui. Elas e eles ainda tem entre si um profundo abismo com o qual lidar, em um processo necessário que envolveria a participação de homens, mulheres e pessoas que se identificam fora do espectro do binarismo dos gêneros em prol da equidade e da justiça social. Lado a lado à essa percepção, sabemos que, ao mesmo tempo em que avançam as discussões teóricas e a organização militante, cresce também a reação daqueles que desejam manter intocadas as hierarquias de gênero e sexualidade, produzindo consequências violentas, colocando novos e antigos desafios na cena política dos movimentos sociais e teórica dos ambientes acadêmicos. Mediante o auge dessas disputas, todo o “mal-estar” de uma época, na verdade, simboliza que, mais do que outrora, estão acesas as chamas da emancipação para pessoas e grupos plurais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20 (2): 256, maio-agosto/2012.
- ALMEIDA, JAQUETTO. Violência doméstica contra mulheres pretas e pardas no Brasil: reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. V.2. N.2. dez. 2012.
- ALVES, José E. D.CAVENAGHI, Suzana M. CARVALHO, Angelita A.C. SOARES, Maira C. S. Meio século de feminismo e o emponderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas no Brasil. In AVELAR, Lúcia. BLAY, Eva A. *50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile*. São Paulo: Edusp, 2016.
- ÁVILA, GROSSI. 2013. O “Y” em questão: as transmasculinidades brasileiras. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Florianópolis, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o Outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAÉRE, Felipe de. ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise através do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo*, vol. 25, n.2, jan./jun. 2020.
- BENHABIB, Seyla. CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BENSUSAN, Hilan. Observações sobre a libido colonizada: pensando ao largo do patriarcado. *Estudos Feministas*, 2004, vol.12, n.1, pp.131-155.
- _____. Observações sobre a política dos desejos: tentando pensar ao largo dos instintos compulsórios. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(2): , maio-agosto/2006.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, 2011, vol. 19, n.2, pp.549-559.
- BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor : queixas e perplexidades masculinas*. Natal : Edufrn, 2012.
- BERENI, Laure et all. Introduction aux Gender Studies. *Manual des études sur le genre*. Bruxelles, 2008.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BIROLI, Flávia. MIGUEL, Luis Felipe. *Teoria Política Feminista: Textos Centrais*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2014.
- BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- BLY, Robert. 1991. *João de Ferro*. Um livro sobre Homens. Editora Campus, 1991.

BRAGA Adriane A. CARAUTA Alexandre A. F. Futebol, gênero e homossociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do Whatsapp. São Paulo, v.43, n.1, pp.165-190, jan./abr. 2020.

BRAZ, Marlene. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1): 97-104, 2005.

BUENO, Winnie de C. *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero* Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”* In LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.

CARTA CAPITAL. 2019. *Machistas em tratamento: os homens que combatem a masculinidade tóxica*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/machistas-em-tratamento-os-homens-que-combatem-a-masculinidade-toxica/> . Acesso em: 08/05/2021.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Vol. 31, n.1, jan.-abr. 2016.

CONNELL, Raewyn. Class, Patriarchy and Sartre`s Theory of Practice. *Theory and Society*, vol. 11, n.03, mai. 1982.

_____. *Gênero em termos reais*. NVersos, 2016.

_____. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, vol.20, n.2, jul./dez. 1995.

_____. MESSERSCHIMIDT, James, W. Masculinidade hegemônica Repensando o conceito. *Estudos Feministas*, vol.21, n.1, Florianópolis, jan./abr. 2013.

_____. PEARSE, Rebecca. *Gênero Uma Perspectiva Global*. NVersos: 2015.

CORRÊA Júlia A. M. CRUZ, Marcos da S. Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e (m) aplicativos de relacionamento. *Heterotópica*, v.1, n.2, jul.-dez. 2019.

DELPHY, Christine. O inimigo principal A economia política do patriarcado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.17, p.99-119, maio-agosto 2015.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *Nova geração revê “masculinidade tóxica”; em estudo, 70% relatam serem treinados a “ser macho”*. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/08/nova-geracao-reve-masculinidade-toxica-em-estudo-70-relatam-serem.html>. Acesso em 08/05/2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Mariana A. A. *Homens feministas: a emergência de um sujeito político entre fronteiras contingentes*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade A Vontade de Saber Vol I*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, vol.14, n.2, p.11-33, jul./dez. 2009.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

GOMES, Carla. SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Sociedade & Estado*, vol.29, n.2, Brasília, mai./ago. 2014.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, n.75, p.1-37, 2004.

GUERREIROS DO CORAÇÃO. *Como começou*. Disponível em: <https://www.guerreirosdocoracao.com.br/omovimento>. 2020.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HONNETH, Axel. *Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

JACCOUD, Myléne. MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa In POUPART, J. DESLAURIERS, Jean-Pierre. GROUX, Lionel-H. LAPERRIÉRE, Anne. MAYER, Robert. PIRES, Álvaro P. *A pesquisa qualitativa Enfoques epistemológicos e metodológicos*. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.9, p.103-117, out. 1998.

KIMMEL. KAUFMANN. The new men`s movement: Retreat and regression with America`s weekend warriors. *Feminist Issues* 13, 3-21 (1993).

- LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.
- LOUIS, Marie V. Diga-me, o que significa gênero? *Sociedade & Estado*. vol.21 n.3 Brasília Set./Dez. 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade In LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LYRA, Jorge. MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): 809-840, setembro-dezembro/2008.
- MACHADO, L. Z. Family and individualism: contemporary tendencies in Brazil. *Interface. Comunic, Saúde, Educ*, v.4 , n.8, p.11-26, 2001.
- MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. *Estudos Feministas*, vol. 18, n.3, 2010.
- MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, n.44, Campinas, jan./jun. 2015.
- MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v.8, n.11, 11, 2014.
- _____. 2016. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea*, v.6, n.2, jul.-dez. 2016.
- MOLINIER, Pascale. WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade In HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. DOARÉ, Hélène. SENOTIER, Danièle (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- NETO, Lourival F. C. *A negociação da diferença na experiência de corpos e sexualidades plurais em comunidades rurais e na capital do Piauí*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2017.
- NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, vol. 6, n.1, 1998.
- PELÚCIO, Larissa. Um match com os conservadorismos: masculinidades desafiadas nas relações heterossexuais por meios digitais. *Interfaces científicas*, V.8, n.2, março, 2020.
- PINTO, Céli R. J. Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia & Política*, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.

_____. Mulher e política no Brasil Os impasses do feminismo, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa. *Estudos Feministas*, ano 2, 2ª semestre 1994, pp.256-270.

_____. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

RIBEIRO, Luciano. O PdH foi ao 1ª Grande Encontro Homens em Conexão. *Papo de Homem*. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-pdh-foi-ao-1o-grande-encontro-homens-em-conexao/>. Acesso em: 30/10/2019.

SAFFIOTTI, Heleith. *Gênero Patriarcado Violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTANA, Camilla Martins. *Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de Brasília, 2016.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Proj. História*, São Paulo, (16), fev. 1998.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), pp.71-99, jul.-dez. 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007: 19-54.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na Antropologia e para além dela. *Série Antropologia*. Brasília, 1998.

_____. La economía del deseo en el espacio virtual: hablando sobre religion por Internet In SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementares de la violencia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

_____. “El movimiento feminista está ayudando a que los hombres se liberen”. Entrevista ao site Palavra Pública. Publicada em 01/08/2019. Disponível em: <https://palabrapublica.uchile.cl/2019/08/01/rita-segato-el-movimiento-feminista-esta-ayudando-a-los-hombres-a-que-se-liberen/>. Acesso em 20/04/2020.

_____. Crimes de “gênero” em tempos de paz e de guerra In STEVENS, Cristina. BRASIL, Kátia C. T. ALMEIDA, Tânia M.C. ZANELLO, Valeska. *Gênero e feminismos: convergências (in) disciplinares*. Ex Libris: 2010.

_____. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (2): 256, maio-agosto/2005.

SILVA, Sergio Gomes da. O Conflito Identitário: Sexo e Gênero na Constituição das Identidades. In *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, vol. 10, nº 01, janeiro/junho. São Paulo: Iglu Editora, 1999, pp. 70-85.

SILVA, Tauana O. G. FERREIRA, Gleidiane de S. F. E as mulheres negras? Narrativas históricas de um feminismo à margem das ondas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25 (3): 530, setembro-dezembro/2017.

SOARES, Vera. Movimento feminista: paradigmas e desafios. *Estudos Feministas*, ano 2, 2ª Semestre 1994, pp.11-24.

SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. *Estudos Feministas*, 143, n. 0/92.

THURLER, Ana Liési. 2006. Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI? *Sociedade e Estado*, Brasília, v.21, n.3, set./dez. 2006.

VALADARES, Guilherme N. 129 projetos, iniciativas e pessoas que trabalham com a transformação dos homens, no Brasil e no mundo. *Papo de Homem*. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas/>. Acesso em: 30/10/2019.

WEEKS, Jeffrey. 2019. O corpo e a sexualidade In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, vol.9, n.2, p.460-482, 2001.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris Editora, 2018.

_____. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In FERREIRA, Larissa (org.). *Gênero em perspectiva*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

ZIRBEL, Ilze. *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar, como voluntário e sem qualquer pagamento, em uma pesquisa do mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), desenvolvida pelo pesquisador Alberto Luis Araújo Silva Filho e sob a orientação da prof. Dra. Tânia Mara Campos de Almeida. Após ser informado, caso aceite fazer parte desse trabalho, assine ao final deste documento, que possui duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Você tem todo direito de se recusar a participar agora ou a qualquer momento da pesquisa, sem sofrer quaisquer prejuízos.

Título da pesquisa: Em busca do outro masculino: grupos de homens no Distrito Federal

Você pode pedir esclarecimentos ao pesquisador e sua orientadora durante as fases da pesquisa e após a sua conclusão. O pesquisador pode ser contatado pelo e-mail albertosilvaterra@hotmail.com e sua orientadora pelo taniamaraca@unb.br

O objetivo desta pesquisa é estudar as agendas e dinâmicas de grupos de homens existentes no Distrito Federal que revisam criticamente o machismo, focalizando, particularmente: 1) as influências que recebem das correntes políticas feministas; 2) o modo como se situam em panorama geral de movimentos por outras masculinidades no DF e no Brasil; e 3) a maneira como tematizam e atuam na desconstrução das desigualdades entre os gêneros. Os resultados da pesquisa serão apresentados por meio de dissertação e estarão à disposição para seu conhecimento.

O gravador será usado para registrar suas opiniões, quando permitir. Suas falas só serão usadas para a finalidade da pesquisa, sendo que poderão ser divulgadas em publicações e reuniões científicas, sem qualquer referência à sua identificação, que permanecerá anônima. Caso a pesquisa lhe cause algum desconforto, a equipe está disposta a auxiliá-lo de forma adequada, buscando ajuda profissional ou possível solução.

Nome e assinatura do pesquisador: _____

Eu (nome da participante), _____
_____, RG _____,

concordo em participar desta pesquisa.

Local e data _____/_____/_____

Assinatura: _____

ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bom dia/tarde/noite, meu nome é Alberto, e a seguir eu vou lhe fazer algumas perguntas relativas à minha pesquisa sobre os grupos de homens que revisam criticamente o machismo no Distrito Federal. Você pode levar o tempo que achar necessário para respondê-las.

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Grau de escolaridade e formação educacional:

Profissão:

Nome do grupo e sua posição nele:

Local de Moradia:

Orientação Sexual:

Raça (autodeclaração):

Religião:

01 – Quando e por qual motivo houve a criação do grupo?

02 – De onde deriva o seu interesse no tema da/s masculinidade/s? Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida, profissional e junto com o grupo.

03 – Quais são as principais atividades e debates realizados pelo grupo no seu início? Estas se mantêm as mesmas?

04 – Levando em consideração o debate sobre masculinidade/s que está presente nos grupos críticos ao machismo, você tem conhecimento do movimento feminista, que é plural, e das pautas por ele representadas? Se sim, quais são as que te chamam mais atenção e por quê?

05 – Como você, enquanto um sujeito que se identifica com o gênero masculino e funda/organiza/conduz um grupo de masculinidades, se posiciona em relação ao/s feminismo/s?

06 – Há alguma relação entre as atividades e debates realizados pelo grupo e pautas desse/s feminismo/s? Se sim, quais?

07 – Em sua opinião, quais as contribuições que o/s feminismo/s têm a dar para os homens?

08 – Como o grupo de homens discute e atua na desconstrução das desigualdades entre os gêneros?

09 – Em relação à pergunta anterior, quais têm sido os resultados? Como você os avalia – positivos e/ou negativos? Justifique sua resposta.

ANEXO III - MODELO DE QUESTIONÁRIO ON-LINE⁶⁵

Você está sendo convidado a participar, como voluntário e sem qualquer pagamento, em uma pesquisa do mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), desenvolvida pelo pesquisador Alberto Luis Araújo Silva Filho e sob a orientação da prof. Dra. Tânia Mara Campos de Almeida. O objetivo da pesquisa é estudar as agendas e dinâmicas de grupos de homens existentes no Distrito Federal que revisam criticamente o machismo, focalizando, particularmente: 1) as influências que recebem das correntes políticas feministas; 2) o modo como se situam em panorama geral de movimentos por outras masculinidades no DF e no Brasil; e 3) a maneira como tematizam e atuam na desconstrução das desigualdades entre os gêneros.

Este breve questionário objetiva recolher informações a respeito do perfil dos homens que participam dos referidos grupos. Como participante, você deverá preencher as informações abaixo (questões de 01 a 05 e 16) e marcar as opções correspondentes ao seu perfil (questões de 06 a 15). Os nomes dos participantes não serão divulgados, tampouco os e-mails. As informações iniciais servirão apenas para a diferenciação dos questionários e, se necessário, posterior contato do pesquisador com os participantes. Seus dados serão usados de maneira anônima e para a finalidade da pesquisa, que terá seus resultados divulgados em publicações e reuniões científicas. Para mais informações contatar o pesquisador responsável pelo e-mail albertosilvaterra@hotmail.com

Dados de Identificação	
01 – Nome:	
02 – E-mail:	
03 – Local de moradia	
04 – Profissão:	
05 – Grupo/s que participa:	

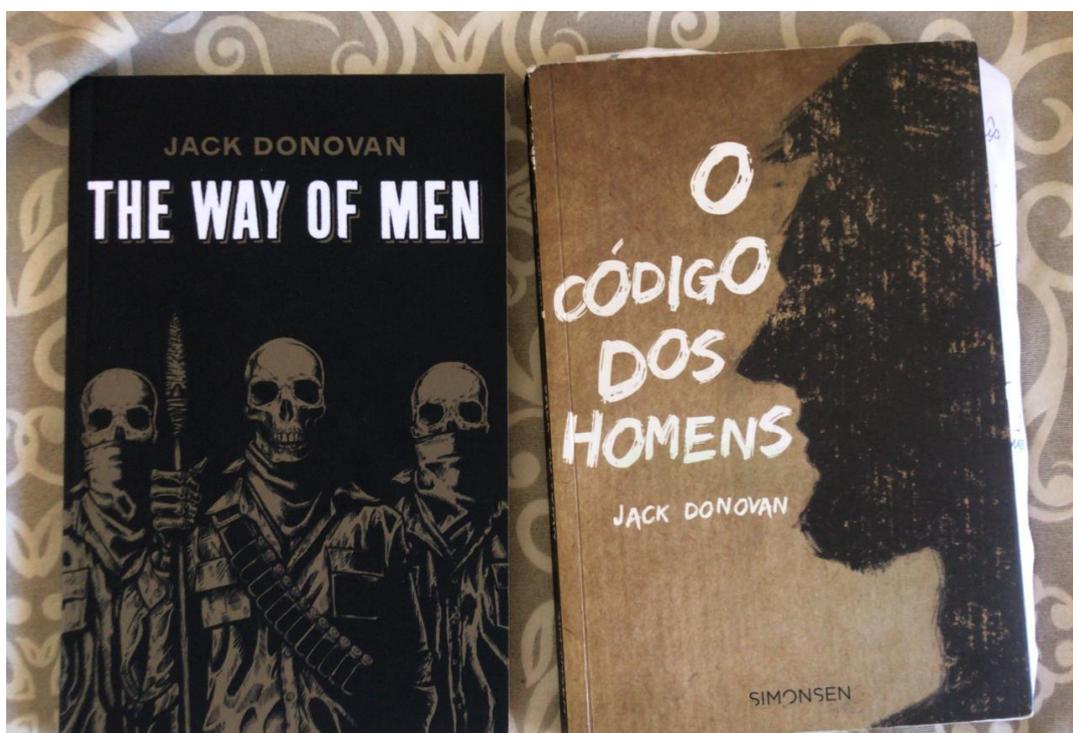
Perfil
06 – Faixa Etária
<input type="checkbox"/> 18 até 24
<input type="checkbox"/> 25 até 34
<input type="checkbox"/> 35 até 44
<input type="checkbox"/> 45 até 60
<input type="checkbox"/> Acima de 60
07 – Renda média mensal
<input type="checkbox"/> Sem renda
<input type="checkbox"/> Abaixo de 1 salário mínimo
<input type="checkbox"/> 1 salário mínimo
<input type="checkbox"/> De 2 a 4 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 5 a 7 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 8 a 10 salários mínimos
<input type="checkbox"/> Acima de 10 salários mínimos
08 – Escolaridade

⁶⁵ As variáveis do questionário serão adaptadas para o modelo de formulário *online* a ser aplicado para os participantes dos grupos. Com os resultados, será possível criar relações entre as variáveis.

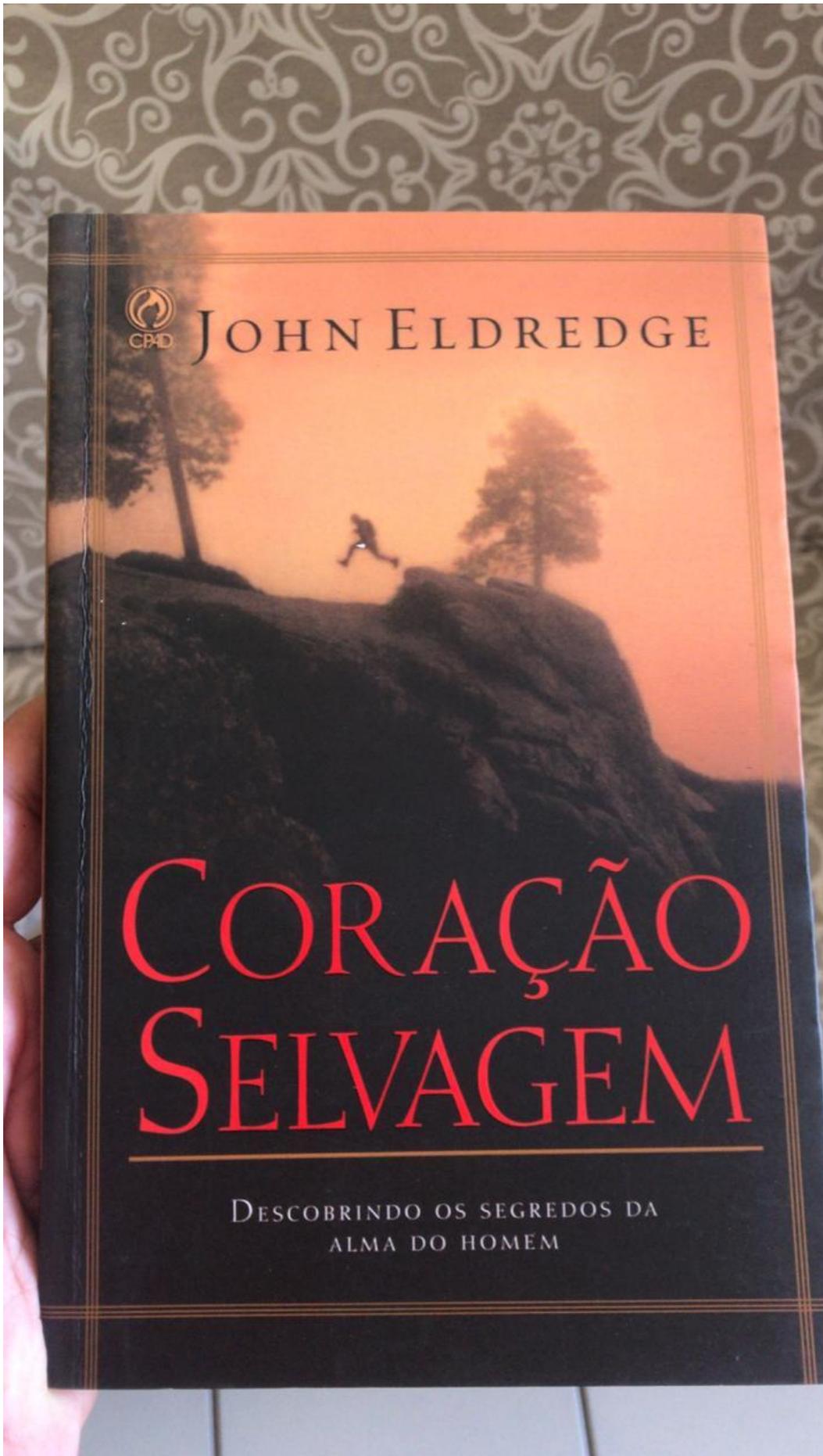
<input type="checkbox"/> Fundamental Incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental Completo <input type="checkbox"/> Médio Incompleto <input type="checkbox"/> Médio Completo <input type="checkbox"/> Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Superior Completo <input type="checkbox"/> Pós-Graduação
09 – Raça/Etnia
<input type="checkbox"/> Amarelo <input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Pardo <input type="checkbox"/> Preto <input type="checkbox"/> Outra
10 – Orientação Sexual
<input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Outra
11 – Estado Civil
<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo
12 – Tem filhos?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
13 – Como conheceu o grupo?
<input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> Revista <input type="checkbox"/> Jornal <input type="checkbox"/> Pesquisas na Internet <input type="checkbox"/> Rádio <input type="checkbox"/> Redes Sociais <input type="checkbox"/> Amigos e/ou familiares <input type="checkbox"/> Outro
14 – Tempo de participação em grupos de homens
<input type="checkbox"/> Menos de 1 mês <input type="checkbox"/> Entre 1 mês e 1 ano <input type="checkbox"/> Mais de 1 ano <input type="checkbox"/> Entre 2 e 5 anos <input type="checkbox"/> Mais de 5 anos
15 – Religião
<input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Protestante <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Candomblé <input type="checkbox"/> Outra. Citar _____

- | |
|---|
| <p><input type="checkbox"/> Ateu ou agnóstico</p> <p><input type="checkbox"/> Não se identifica com nenhuma, mas é espiritualista</p> |
|---|

<p>16 – Qual a sua motivação para participar do/s grupo/s (Resposta aberta)</p>

ANEXO IV**BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA NOS GRUPOS**





JOHN ELDREDGE

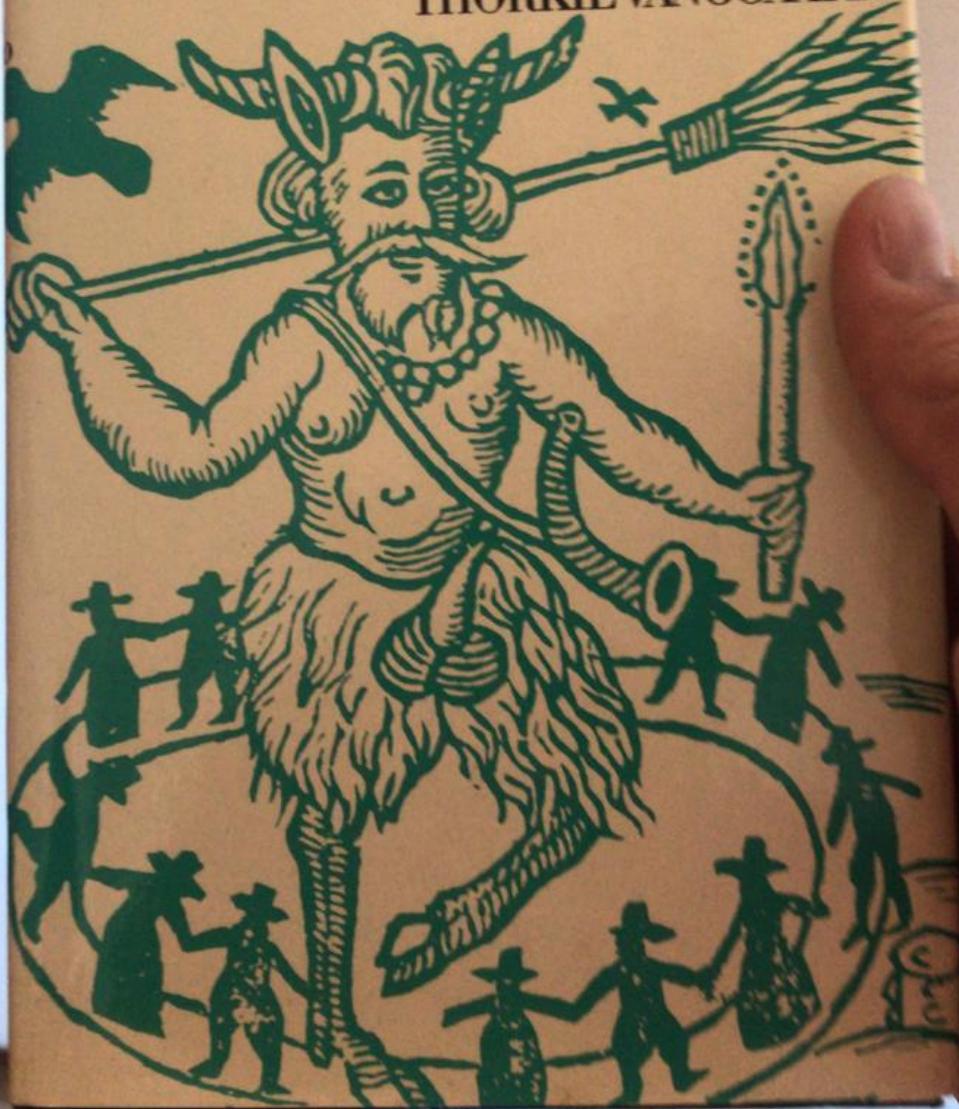
CORAÇÃO SELVAGEM

DESCOBRINDO OS SEGREDOS DA
ALMA DO HOMEM

PHALLOS

A Symbol and its History in the Male World

THORKIL VANGGAARD





EARTH GOD RISING
The Return of the Male Mysteries
ALAN RICHARDSON

THE PHALLUS
SACRED SYMBOL

HIS STORY

PHALLIC WORSHIP
A HISTORY OF SEX & SEXUAL RITES

O ORGASMO MÚLTIPLO DO HOMEM
Os segredos do prazer prolongado
MANTAK CHIA & DOUGLAS ABRAMS ARAVA
As técnicas orientais que podem revolucionar o desempenho do homem moderno

O Falo de Denis
HOWARD ELBERG-SCHWARTZ

CASTRAÇÃO e fúria masculina

Eugene Monick

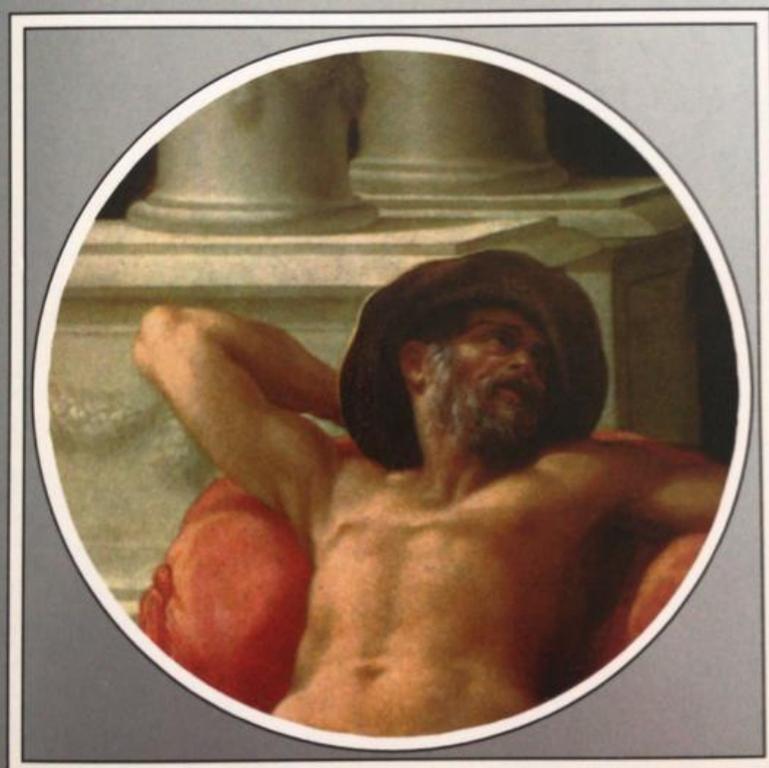


ep

SOB A SOMBRA DE SATURNO

a ferida e a cura dos homens

James Hollis




PAULUS

